

**UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**EDUCAÇÃO E EVANGELIZAÇÃO:
A CONVIVÊNCIA DE JESUÍTAS E ÍNDIOS NO
SÉCULO XVI NO BRASIL.**

ADMILSON GONÇALVES DE ALMEIDA.

**PIRACICABA, SP
(2016)**

EDUCAÇÃO E EVANGELIZAÇÃO: A CONVIVÊNCIA DE JESUÍTAS E ÍNDIOS NO SÉCULO XVI NO BRASIL.

ADMILSON GONÇALVES DE ALMEIDA.

ORIENTADOR: PROF. DR. JOSÉ MARIA DE PAIVA.

**Tese apresentada à Banca
Examinadora do Programa de Pós-
Graduação em Educação da UNIMEP
como exigência parcial para
obtenção do título de Doutor em
Educação.**

**PIRACICABA, SP
(2016)**

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. JOSÉ MARIA DE PAIVA. UNIMEP. PIRACICABA

Prof. Dr. CESAR ROMERO AMARAL VIEIRA. UNIMEP. PIRACICABA

Prof. Dr. MARCOS DESAN SCOPINHO. CLARETIANOS. RIO CLARO.

Prof. Dr. MOISÉS LOPES SANCHES JÚNIOR. UNASP/FAH. HORTOLÂNDIA.

Prof. Dr. THIAGO BORGES DE AGUIAR. UNIMEP. PIRACICABA.

AGRADECIMENTOS.

Primeiramente ao meu Deus doador da vida.

Ao professor José Maria de Paiva. Orientador e amigo.

Aos professores do programa de pós-graduação em educação da UNIMEP. PPGE. De forma especial aos professores; Cesar Romero e Thiago Aguiar.

Aos professores: Marcos Desan Scopinho. Moisés Lopes Sanches Júnior.

Aos funcionários da UNIMEP.

Aos colegas de turma pelo prazer de conviver como todos. Em especial Antônio Ivan e André Vale.

Ao UNASP/ FAH. Faculdade Adventista de Hortolândia.

À minha Família. Com dedicação especial para minha esposa Laide e nossos filhos Caroline, Ramon e Caio.

Aos meus pais e irmãos em especial minha irmã Vera pela revisão ortográfica.

RESUMO

Educação e Evangelização: a convivência de jesuítas e índios no século XVI no Brasil. O objetivo desse trabalho foi fazer uma exposição do primeiro momento do encontro da cultura portuguesa com a cultura indígena, nosso objeto de estudo é a convivência dos jesuítas com os índios, essa convivência se configura de vários momentos como no ensino da linguagem, nas relações familiares, nas relações religiosas entre tantas outras. Para fundamentar todo esse processo utilizamos de informações primárias oriundas das cartas escritas pelos primeiros jesuítas no Brasil, a partir de 1549 até 1599, como por exemplo os relatos de José de Anchieta, João Navarro e do padre Nóbrega, e ainda com apoio de outros autores, pesquisadores e estudiosos do período colonial do Brasil. A metodologia aplicada para a conclusão desse trabalho foi de uma pesquisa bibliográfica em que as cartas dos padres jesuítas citados, foram documentos históricos básicos de investigação que estabeleceram os principais pontos de convivência entre os religiosos e os nativos. Resultado que obtivemos foi que o processo educacional será o principal meio de evangelização e convivência utilizado pela Companhia de Jesus para manter a fé e a hegemonia da igreja em todo território brasileiro. Para dar conta dessa problemática a tese está estruturada em três partes a saber: a primeira versa sobre a Reforma e a Educação no Século XVI e o Nascimento da Companhia de Jesus; A segunda versa sobre a evangelização no Brasil quinhentista. A terceira sobre a convivência entre os jesuítas e os povos indígenas. O período estudado compreende desde a chegada dos jesuítas no Brasil até o final do século XVI, quando oficialmente foi publicado o principal documento educacional da Companhia, o *Ratio Studiorum*.

Palavras-chave:

Companhia de Jesus, Evangelização dos índios, Cultura.

ABSTRACT

Education and Evangelization: the coexistence of Jesuits and Indians in the 16th century in Brazil. The objective of this work was to make an exhibition of the first moment of meeting of the Portuguese culture with the indigenous culture, our study object is the connivance of the Jesuits with the Indians, this coexistence is configured of several times as in the language teaching, in the family relations, religious relations among many others. To substantiate all this process, we use primary information deriving from the letters written by the first Jesuits in Brazil, from 1549 until 1599, as for example the reports of José de Anchieta, João Navarro and priest Nóbrega, and with support of other authors, researchers and scholars of the colonial period of Brazil. The methodology applied to the conclusion of this work was of a bibliographical research on the letters of Jesuit priests mentioned, were basic historical documents analysis that established the main points of coexistence between the religious and the natives. Result that we obtained was that the educational process will be the primary means of evangelization and coexistence used by the Society of Jesus for keeping the faith and the Church's hegemony throughout the Brazilian territory. To handle this problem the thesis is structured in three parts: the first deals with the Reform and Education in the 16th century and the Birth of the Society of Jesus; The second deals with the evangelization in Brazil 1500s. The third is about the coexistence between the Jesuits and the Indians. The studied period comprises since the arrival of the Jesuits in Brazil until the end of the 16th century, when it was officially published the main educational Society document, the *Ratio Studiorum*.

Key words:

Society of Jesus, Evangelization of the Indians, Culture.

SUMÁRIO.

INTRODUÇÃO.....	07
-----------------	----

CAPÍTULO I. Século XVI: Reforma e Educação.

1.1. Educação e Evangelização.....	11
1.2. Companhia de Jesus e a Evangelização.....	22
1.3. A Missão Pedagógica Jesuítica.....	40

CAPÍTULO 2. Evangelização e Convivência no Brasil Quinhentista.

2.1. O Ensino e Aprendizagem: Ler e Escrever.....	46
2.2. Igreja um Ambiente de Convivência e Devoção.....	63
2.3. Convivendo nos Aldeamentos.....	69
2.4. Convivendo nas Escolas.....	76
2.4.1. Visão sobre Ratio Studiorum.....	79

CAPÍTULO 3. A Convivência de Jesuítas e Índios: suas Práticas e Costumes.

3.1. Costumes, Adoração e Cerimônia indígenas.....	84
3.2. As Práticas Religiosas dos Índios.....	94
3.3. Comunhão e Confissão.....	104
3.4. Casamento e Família.....	109
3.5. Evangelização versus Feitiçaria.....	112

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	116
----------------------------------	------------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	121
--	------------

INTRODUÇÃO.

Educação e Evangelismo a Convivência de Jesuítas e Índios no Brasil no século XVI. Depois de várias leituras sobre esse período, principalmente das cartas jesuíticas, me chamou atenção para o processo de evangelização desenvolvido e aplicado pelos jesuítas no Brasil por ocasião da chegada da Companhia de Jesus.

Essa Companhia, que quase cinquenta anos depois do descobrimento do Brasil, mais especificamente em 1549, aportou por aqui sob a direção do jesuíta Manoel de Nobrega, tinha como sua missão converter os “gentios” com o objetivo de fortalecer e reestruturar o regime católico. Para isso foi necessário conhecer melhor o indígena e esse conhecer perpassa em conviver com o elemento indígena para descobrir como melhor apresentar o evangelho a fim de convertê-lo a fé católica.

A convivência com os índios passa a ser um canal significativo nesse processo de evangelização, uma vez que entendemos que as ações evangelísticas não podem ser desenvolvidas em curto prazo, para isso realizamos uma leitura criteriosa das cartas jesuíticas, como o propósito de extrair as particularidades fundamentais e históricas da evangelização. Segundo o historiador Sabeh: (2014.p.274), “na Época Moderna, a evangelização apresentou-se como um singular motor de transformação de estruturas que atuou na construção do novo mundo. Encabeçada pelas ordens religiosas e pelo clero”.

O conceito de convivência empregado nesse trabalho refere-se ao encontro de duas culturas totalmente distintas, que passam a se relacionar em um mesmo espaço e tempo, num processo nem sempre harmônico, e por certo sentido, invasivo, ao considerar que o objetivo dos jesuítas repousa sobre a transformação/conversão/catequese dos nativos brasileiros quinhentistas.

Falar sobre a evangelização e convivência dos jesuítas no Brasil no século XVI, e trazer à tona também a história da Companhia de Jesus, e seus militantes obedientes do regime papal, que vieram em atenção as decisões tomadas no Concílio de Trento, para responder as mudanças religiosas provocadas pela Reforma protestante, para cumprir a missão que lhe foi determinada pela Coroa portuguesa e pela igreja romana. Para Sabeh:

A Companhia de Jesus foi um dos mais importantes agentes envolvidos nesse processo. Embora em sua história perfilassem preconceitos e estigmas, o fato é que a ordem religiosa atuou ativamente nas reformas culturais da Europa Moderna e, principalmente, nas reformas político-religiosas promovidas pelas Coras Ibérica. Não por outra razão, a congregação foi aprovada pela santa Sé para oferecer amparo à expansão ultramarina, tanto é que as primeiras missões jesuíticas se desenvolveram nos domínios lusos e espanhóis e foram organizadas sob a lógica do regime do padroado (ou patronato para os espanhóis). (SABEH 2014, p. 275).

A educação na colônia portuguesa do século XVI por meio dos jesuítas tinha como objetivo primário catequizar os nativos, e para isso, foram usados vários recursos didáticos e metodológicos. Os padres jesuítas foram os primeiros evangelizadores do Brasil colonial, trabalhavam com uma cultura europeia letrada e tinham como finalidade a completa conversão dos indígenas para a fé católica sendo a educação o principal agente colonizador.

Segundo Durkheim (2011, p. 49, 50), “para definir a educação, é preciso, levar em consideração os sistemas educativos que existem ou que já existiram, compará-los e identificar os aspectos em comum”. Ele ainda ressalta que para que haja “educação é preciso que uma geração de adultos e uma de jovens se encontrem face a face e que uma ação seja exercida pelos primeiros sobre os segundos”.

Nesse período, o processo de formação educacional, assim como a evangelização, acontecia em um só momento, ou seja, no processo educacional. Assim se atendiam os interesses da coroa portuguesa afim de garantir a manutenção e a propagação da fé.

A missão dos jesuítas (geração adulta) era evangelizar os índios, (geração jovem), fazendo-os cristãos. Evangelizar, nessa ocasião, implica necessariamente assimilar a cultura portuguesa, que na visão de Paiva assim se expressa:

A compreensão que os portugueses tinham de sua realidade se expressava por meio de marcos teológicos cristãos, sedimentados ao longo de pelo menos 13 séculos, justificando a ordem social e o poder político, modelando o discurso, os valores, os comportamentos, os hábitos, a etiqueta, a visão de mundo, a relações interculturais, modelando cada gesto da vida social. A literatura o confirma sobejamente. Há que se explicar qual era essa teologia, qual a espiritualidade; qual o

entendimento que delas tinha o homem comum. Embora distinguindo suas possíveis interpretações práticas, tem-se que afirmar a mesma qualidade de origem: a realidade era compreendida religiosamente; os homens viviam no círculo de Deus, Deus participando da vida dos homens. (PAIVA 2012, p.24,25).

Essa era a compreensão europeia portuguesa a de que todo o homem deveria ter conhecimento sobre Deus e por essa razão, o investimento da Companhia de Jesus fora levar evangelização aonde fosse necessário ou possível. A vinda dos jesuítas proporcionou assim a expansão da fé e da doutrina católica, sem falar da educação. A política era essa – uma escola, uma igreja. Nessa perspectiva, os jesuítas edificaram templos e colégios com objetivos bem claros: conviver com os nativos, ensiná-los a língua europeia e aprender a língua da terra. A educação jesuítica junto aos índios teve o caráter significativo de imposição cultural.

No período em que aqui se estabeleceram, tiveram o controle da educação, assim como da evangelização e da catequese. Vieram em nome da coroa portuguesa, e como sociedade portuguesa, logo, suas ações, suas práticas e sua cultura, eram consequência da sociedade portuguesa.

Paiva (1997, p.485) reforça que os jesuítas vieram incumbidos, de fato, de duas tarefas: “catequizar o índio (sua missão oficial) e ensinar os filhos dos portugueses. Sua formação se assentava sobre rígidos princípios de obediência à Igreja, visando sua renovação”. Esse trabalho chama atenção para a missão oficial dos jesuítas.

Os jesuítas, ordem constituída por Inácio de Loiola em Paris (1534), com desígnio de levar o catolicismo a novos povos e de fazer frente à expansão da Reforma protestante iniciada no século XVI com Martinho Lutero, chegam ao território brasileiro mais especificamente em Março (1549), juntamente com o primeiro governador geral, Tomé de Souza, para Educação e Evangelização, numa perspectiva de convivência com os índios no século XVI no Brasil. Sob o comando do padre Manuel da Nóbrega, com a missão de evangelizar os índios que aqui viviam.

Os jesuítas se dedicaram na edificação de escolas e igrejas com intuito de propagar da fé católica, e para isso, passaram a conviver diretamente com os ameríndios nas aldeias ou missões que foram construídas com o objetivo de

preparar os “gentios” para o batismo e para o viver uma vida religiosa segundo a visão católica, abandonando seus velhos hábitos e costumes que em nada lembram a cultura branca europeia.

Na colônia, a relação de convivência priorizava as crianças, pois estas se mostravam atraídas pelos novos hábitos e costumes, e para os jesuítas se constituía uma passagem mais curta para alcançar os objetivos propostos pela Companhia. Nosso objeto de estudo é a convivência dos jesuítas com os índios. Essa convivência se configura de vários momentos como no ensino da linguagem, nas relações familiares, nas relações religiosas entre tantas outras. Para fundamentar todo esse processo, utilizamos de informações primárias oriundas das cartas escritas pelos primeiros jesuítas no Brasil, a partir de 1549 até 1599, como, por exemplo, os relatos de José de Anchieta, João Navarro e do padre Nóbrega, e ainda com apoio de outros autores, pesquisadores e estudiosos do período colonial do Brasil.

A metodologia aplicada para a conclusão desse trabalho foi de uma pesquisa bibliográfica com análise documental, sendo que as cartas dos padres jesuítas citados, foram documentos históricos básicos de análise e investigação, que estabeleceram os principais pontos referenciais para abordar o processo de convivência entre os religiosos e os nativos.

O olhar em que foi analisado cada carta foi com a intensão de busca de que forma se deu o relacionamento entre jesuítas e índios.

O Resultado que obtivemos foi a verificação de que o processo educacional constituiu o principal meio de evangelização e convivência utilizado pela Companhia de Jesus para manter a fé e a hegemonia da igreja em todo território brasileiro.

Para dar conta dessa problemática a tese está estruturada em três partes a saber: a primeira versa sobre a Reforma e a Educação no Século XVI e o Nascimento da Companhia de Jesus; A segunda versa sobre a evangelização no Brasil quinhentista. A terceira sobre a convivência entre os jesuítas e os índios. O período estudado compreende desde a chegada dos jesuítas no Brasil até o final do século XVI, quando oficialmente foi publicado o principal documento educacional da Companhia, o *Ratio Studiorum*.

CAPÍTULO I.

SÉCULO XVI: REFORMA E EDUCAÇÃO.

1.1. Educação e Evangelização.

Cambi (1999), afirma que o século XVI foi um momento de transformações no campo social, político e religioso. Essas transformações também perpassaram o campo da educação que, por sua vez, é articulada sob muitas formas e com muitos agentes, entre eles: a família e a escola. A Reforma, e todos os seus reflexos, põe em ebulição diversos elementos até então estáveis do período Medieval.

A ¹Reforma Protestante, que teve como cenário a Alemanha do início do século XVI, se inicia como um movimento de ordem religiosa, acaba, entretanto, ultrapassando esse âmbito e influenciando, quando não suscitando, movimentos de reforma nas demais áreas da sociedade. Esse é o século em que entra em decadência a estrutura da sociedade medieval; inicia-se o Renascimento, (BARBOSA 2013, p.869).

No contexto da religiosidade, este acaba sendo um período que apresenta duas grandes reformas, a reforma protestante e a conseqüente reforma católica. A vida ligada com a religião é o centro das questões sociais e políticas, na análise do Cambi, ele continua sua reflexão expondo que, as igrejas renovam os processos educativos, assim como o escolar, o familiar e própria comunidade. Nesse sentido Cambi (1999) mostra que:

Educar torna-se educar-se segundo um processo autônomo e responsável, para o qual não existem modelos *a priori*, ainda que estes vigorem na sociedade e na cultura e devam ser individualmente revisitados para harmonizar-se com o próprio papel social (pense-se na pedagogia da contra Reforma).[...], Mas no século XVI mudam as ou melhor, tem início uma mudança das técnicas educativas e escolares: nasce uma sociedade disciplinar que exerce vigilância sobre o indivíduo e

¹ A Reforma Protestante foi um movimento reformista cristão do século XVI iniciado por Martinho Lutero, que protestou contra diversos pontos da doutrina da igreja Católica, propondo uma reforma no catolicismo. Embora seja reconhecida como acontecimento fundamental para a transformação da religiosidade cristã, ao citar a Reforma Protestante, não se objetiva realizar um debate, mas sim evidencia que aconteceram outros movimentos de Reforma dentro da própria igreja Católica. (Nota do autor).

tende a reprimi-lo/ controlá-lo, inseri-lo cada vez mais em sistemas de controle. (CAMBI 1999, p.245).

A partir dessa maneira de pensar, encontramos uma sociedade no século XVI iniciando uma transformação das técnicas educativas e conseqüentemente as escolares, frutos da contra reforma, da reação católica à autonomia e individualidade realçadas pela reforma e renascença, e tem início uma tentativa de formação de uma sociedade que busca o controle de tudo, sobretudo do ser humano. Na questão específica da educação, encontramos escolas instrutivas e que prezam pelo conhecimento racionais, que na visão de Cambi (1999), é uma escola que assume um papel social cada vez mais determinante: social, civil e profissional.

Na questão específica da religião se configura em um momento de renovação, o mundo da cristandade passar a conhecer uma palavra relativamente nova, reforma. Relativamente porque, antes do século XVI encontramos outros momentos assim como alguns pensadores que também foram considerados reformistas. A título de exemplo poderemos citar: ²Wycliff um sacerdote e professor da Universidade de Oxford, na Inglaterra que fez duras críticas ao clero, questionando a igreja sobre a veneração de santos, celibato e indulgências.

Na seqüência, João Hus, um sacerdote e professor da Universidade de Praga, na Boêmia.

^{2 2}John Wycliffe, professor de teologia em Oxford, tendo produzido uma série de obras em latim e outra ainda maior em inglês. Divulgando suas ideias para o povo e criando seu próprio grupo, os Lolardos. Esse pensador, dialogando com os grandes pensadores católicos e revendo pensamentos de outras heresias anteriores, cria a premissa da impossibilidade de uma igreja que fosse ao mesmo tempo autenticamente cristã e institucionalizada ou poderosa, em sua obra *The Wicket*. Através de uma argumentação racional e humanista, Wycliffe formulou, de certa forma, a base para a reforma protestante, ao mesmo tempo que precisou ser descartado pela mesma, após seu crescimento nos círculos de poder e institucionalização. A melhor compreensão deste peculiar autor e de sua obra permite não somente compreender melhor o mundo da baixa Idade Média, suas disputas religiosas e políticas, como também aprofundar o conhecimento sobre as bases do pensamento moderno. Além de lançar bases para a própria problematização da estrutura do poder religioso em si, seja ele católico ou não. AZEVEDO, Leandro Villela de. As obras inglesas de John Wycliffe inseridas no contexto religioso de sua época: da suma teológica de Aquino ao concílio de Constança, dos espirituais franciscanos a Guilherme de Ockham. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

Em sua tese de doutorado intitulada “Jan Hus: as cartas de um educador e seu legado imortal” Aguiar (2010), já na sua introdução, explica que Jan (João) era um sacerdote e professor de teologia da universidade Carlo de Praga e que ao longo de sua vida conquistou muitos amigos, porém reuniu algumas inimizadas, de colegas clérigos que se sentiam atacados por suas ideias. Foi perseguido e excomungado pela Cúria Romana, preso por algum tempo foi condenado por heresia, seu fim foi a morte em uma fogueira.

Aguiar (2010), ressalta que:

Sua história foi recontada de diversos modos ao longo dos séculos seguintes, num contínuo movimento de reescrita e rememoração. Por isso, sua imagem se modificou bastante. Foi considerado mártir da reforma protestante, precursor de Lutero. Hoje, na República Tcheca, tem um lugar de destaque como símbolo nacional. (AGUIAR 2010, p.16),

E justamente nesse contexto que queremos chegar ou seja nesse trabalho estamos falando sobre século XVI e não é possível falar de religiosidade, educação e reforma sem citar Lutero, que assim como Hus também foi considerado um reformador protestante. Matos (2011). Resume a vida de ³Lutero da seguinte maneira:

Martinho Lutero nasceu em 1483 na pequena cidade de Eisleben, na Turíngia, em um lar muito religioso. Seu pai trabalhava nas minas e a família tinha uma vida confortável. Inicialmente, o jovem pretendeu seguir a carreira jurídica, mas em 1505 defrontou-se com a morte em uma tempestade e resolveu abraçar a vida religiosa. Ingressou no mosteiro agostiniano de Erfurt, onde se dedicou a uma intensa busca da salvação. Em 1512, tornou-se professor da Universidade de Wittenberg, onde passou a ministrar cursos sobre vários livros da Bíblia, como Gálatas e Romanos. Isso lhe deu um novo entendimento acerca da “justiça de Deus”: ela não era simplesmente uma expressão da severidade de Deus, mas do seu amor que justifica o pecador mediante a fé em Jesus Cristo (Rom 1.17). (MATOS 2011, p.7).

³ Nascido num vilarejo da Saxônia, de uma modesta família de mineradores, Martinho Lutero (1483-1546) segue estudos religiosos num mosteiro agostiniano, recebendo as ordens. Numa viagem a Itália em 1510 fica profundamente impressionado com a corrupção dominante nos meios da cúria romana. A repugnância sobretudo pela prática das indulgências o leva a afastar-se progressivamente da ortodoxia católica. A publicação em 1517 das 95 Teses sobre os abusos e as pretensões da Igreja oficial assinala o início de uma tormentosa relação com Roma, que se conclui com a ruptura definitiva.

Cambi (1999), escrevendo sobre esse período, explica que:

Nos primeiros decênios do século XVI, os fermentos de renovação religiosa, que por diversas vezes agitaram o mundo da cristandade a partir do século XIII, explodem com toda a sua carga rompente, dando lugar a um movimento de reforma político-religiosa comumente conhecido pelo nome de Reforma protestante.

Na sua base, existem motivos de ordem religiosa como a aversão pela hierarquia eclesiástica considerada responsável pela desordem disciplinar e pela corrupção que dominam na Igreja de Roma, e sobretudo a aspiração generalizada a um retorno ao autêntico espírito do “cristianismo das origens”, do qual as escolas teológicas medievais e a prática religiosa haviam afastado grande parte dos fiéis. Mas existem também motivos de ordem social e econômica como a “crescente hostilidade da burguesia financeira dos vários países” pelo fiscalismo papal e, na Alemanha, “o nascente sentimento nacional”, “as agitações sociais que movimentam as massas camponesas contra os grandes proprietários de terras” e o protesto dos novos intelectuais laicos. (CAMBI 1999, p.247)

Esse movimento que no século XVI foi iniciado com Lutero. É um movimento religioso, que abala a Europa nesse período, de forma corajosa, até mesmo correndo o risco de perder a própria vida, como aconteceu com Hus, Lutero contesta abertamente os dogmas do catolicismo e conseqüentemente a autoridade eclesiástica do papa.

Sua principal defesa consistia em tornar a Bíblia a autoridade final dentro da igreja, desse modo o objetivo também consistia em buscar a pureza do início do cristianismo, sobretudo, o descrito no Novo Testamento.

A reforma se desencadeou por vários motivos, entre eles: perda de identidade da igreja católica, gastos com luxo e uma preocupação com coisas materiais, além dos dogmas e críticas dos quais a igreja estava sendo alvo. Canto (2009) contribui afirmando que:

Na primeira metade do século XVI um movimento político-religioso fervilhava pela Europa: a chamada Reforma Protestante. Neste momento, a Igreja Católica era colocada à prova, seus dogmas e doutrina eram criticados e alvo de questionamentos. O Protestantismo propôs uma reforma nas ideias religiosas e um dos primeiros a liderar este movimento reformador foi Martinho Lutero. (CANTOS 2009, p.19)

Lutero acreditava que se a igreja continuasse com essa postura, a tendência seria uma queda em sua moralidade. A preocupação primeira da igreja deveria ser com as questões religiosas, e questões políticas e econômicas deveriam ser ou ficar em segundo plano.

Mas esse movimento também assume um significado educativo, pois na concepção de Lutero, todo o homem deve ter acesso ao estudo das línguas, as antigas e a nacional pois, por meio desse aprendizado, é possível compreender a verdade do evangelho. Tal pode ser percebido na concepção de Barbosa (2007):

A valorização de Lutero ao ensino das línguas clássicas mostra-se como consequência dos ideais do movimento humanista com a propagação do Renascimento na Alemanha e também como forma de alcançar o que pregava como seu objetivo inicial: que os cristãos tivessem não somente livre acesso à Bíblia, mas fossem capazes e tivessem condições de interpretá-la sem mediação. A aprendizagem das línguas seria, então, um instrumento para a garantia da liberdade do cristão no conhecimento da Escritura. Para a conquista desse objetivo, a língua nacional também é valorizada, tanto que Lutero propõe a leitura da Bíblia em língua vernácula para o aprendizado das crianças no ensino elementar. Contudo, isso não bastaria. Era fundamental que se estudasse latim, grego e hebraico, além do ensino da gramática e a leitura de textos mediante o estudo de obras literárias pagãs e cristãs. (BARBOSA 2007, p.168).

Outra defesa levantada por Lutero aponta para o mundo do trabalho. Para ele, estudo e trabalho não devem ser vistos separadamente, de forma dicotômica. Como resultante, o homem desse período começa a ler mais e formar uma opinião cada vez mais crítica, pois com o acesso aos livros pela população, principalmente urbana, provoca a esse cidadão um aumento da competência para discutir e pensar sobre as coisas do mundo, ciência e experiências humanas. É no século XVI que temos relatado o estabelecimento dos colégios secundários, que ofereciam aos jovens estudo preparatório para o ingresso nas universidades. Sobre tal contexto, relata Barbosa ser relevante observar que:

As concepções de Lutero sobre Educação, principalmente sobre uma educação cristã, acabam perpassando todos os seus tratados e escritos na medida em que neles expõe e ataca os

problemas da Igreja e também da sociedade, aconselhando-as como deveriam ser. (BARBOSA 2007, p.165).

Lutero acredita em uma educação popular, estruturada e organizada para desenvolver um papel formativo em relação aos jovens. Em sua análise, Cambi ressalta que a educação:

Para Lutero, deve apoiar-se sobretudo no estudo das línguas, as antigas e a nacional, porque as línguas são “a bainha na qual está guardada a espada do Espírito”, o meio para chegar a compreender a verdade do Evangelho. A escola é organizada em quatro setores: o das línguas (latim, grego, hebraico, alemão), para remontar às fontes das Sagradas Escrituras; o das obras literárias (pagãs e cristãs), para o ensino da gramática e a leitura dos textos sagrados; o das ciências e das artes, e o da jurisprudência e da medicina. A frequência escolar é limitada a “uma ou duas horas por dia”, enquanto o tempo restante é dedicado “a trabalhar em casa, a aprender um ofício, a fazer tudo o que se espera deles”, assim “estudo e trabalho caminham lado a lado”. Os edifícios escolares deverão ser adaptados ao uso que se faz deles e dotados de boas e bem organizadas bibliotecas. (CAMBI 1999, p.249).

A educação, na visão de Lutero, parece apontar ser indispensável no estabelecimento de um currículo, fazer constar a Bíblia como cerne do ensino. Ciência e religião deveriam ser aprendidos nas escolas, as crianças deveriam receber uma formação cristã e essa formação deveria ser de caráter democrático, assim tantos os filhos dos nobres como os filhos dos pobres deveriam frequentar os colégios, pois qualquer pessoa bem instruída pode servir melhor a Deus e ao evangelho. Segundo Barbosa (2007):

Dessa forma, ele orienta que a preocupação não deveria ser com a quantidade de livros, mas com a seleção daqueles que se mostram importantes, a saber: em primeiro lugar, a Sagrada Escritura em latim, grego, hebraico, alemão e outras línguas; depois os melhores e os mais antigos intérpretes da Bíblia, ambos em grego, hebraico e latim; depois os livros úteis como os poetas e oradores para aprender as línguas e a Gramática, independente de serem gentios ou cristãos, gregos ou latinos; depois os livros sobre as artes liberais e outras disciplinas; entre os mais importantes deveriam constar as crônicas e os compêndios de História; e por último, livros jurídicos e de Medicina, fazendo-se uma boa seleção entre eles. (BARBOSA 2007, p. 170).

Depois das duras críticas sofridas pela igreja católica, havia uma necessidade de reestruturação ou renovação, e é justamente o que faz o papa

Paulo III, que convoca um concílio para dar impulso a esse processo de reorganização eclesiástica de Roma.

Esse concílio ficou conhecido como “o ⁴concílio de Trento”, que recebe esse título, pois foi realizado na cidade italiana, com mesmo nome. .

O Concílio foi aberto, portanto, no dia 13 de dezembro de 1545 e durou, com longos períodos sem sessão, até quatro de dezembro de 1563. O sínodo não conseguiu sobrepor-se ao papa. Os votos eram individuais, os italianos estavam sempre em maioria, com três quartos dos presentes, com isso o papado e a hierarquia italiana conseguiu ter o controle sobre as decisões que eram tomadas. 255 clérigos assinaram os decretos finais, porém pouco mais de 75 estiveram presentes na maioria das sessões. As decisões tomadas eram anotadas e guardadas para as outras sessões pelos secretários. (BARBOSA 2007 p.89).

Seu objetivo maior era assegurar a unidade da fé católica e traçar um novo plano de ação na defesa da santa Fé, e reafirmar a soberania do papa. Costa (2015) ressalta que:

O Concílio de Trento foi reformador diante dos inúmeros problemas internos que grassavam a instituição Igreja Romana, problemas estes que foram potencializados pelo advento das igrejas protestantes oriundas das reformas religiosas do século XVI. Em contraposição aos pontos que foram objeto de rompimento das novas religiões cristãs, a Igreja Romana reafirmou a sua hierarquia, reafirmou o comando absoluto do papa, reafirmou todos os sacramentos como substanciais à vida dos cristãos, reafirmou, em síntese, sua teologia que fora inicialmente formalizada na Idade Média. (COSTA 2015, p.86).

A Reforma católica, por conseguinte, pode aqui ser conceituada então como um movimento de reforma religiosa no interior da igreja romana, entre 1517 e 1563. Depois de duras avarias frente as teses do protestantismo, a igreja cristã oficial promoveu um grande movimento missionário no século XVI que ganhou a as américas. Porém, há que se destacar o abalo que divide o cristianismo substancialmente, pondo de um lado os católicos romanos e de outro os

⁴ O Concílio de Trento (1546-1563) confirma os pontos essenciais da doutrina católica (a essencialidade da Igreja e o valor dos sacramentos, a eficácia das obras ao lado da intervenção da graça), define novas tarefas para os eclesiásticos no plano disciplinar e pastoral, dá um forte impulso aos estudos bíblicos e teológico-filosóficos, favorecendo o nascimento e o desenvolvimento de ordens religiosas com o duplo escopo de frear o avanço da heresia protestante e difundir a religião católica nos países do Novo Mundo.

reformadores ou protestantes, e suas intermináveis lutas teológicas e ideológicas.

É possível perceber que o movimento de Reforma protestante e consequente Contra Reforma católica, propiciou um novo espaço para as convicções religiosas, independente de raízes econômicas, sociais ou culturais.

A partir de então o embate pela liberdade religiosa principia grandes oportunidades de escolha ao homem não apenas para desenvolver e praticar sua fé, mas para externar suas ideias e reais convicções.

Com todas essas questões em ebulição, não foi fácil sustentar a hegemonia da igreja católica, que começou a perder fiéis, principalmente na Alemanha, assim como influência no território europeu.

Na tentativa de colocar uma barreira e reverter essa situação, a igreja católica por meio de um processo de contra Reforma, busca uma solução, e o Concílio de Trento (1545 – 1563), torna-se o ponto de partida para traçar o plano de reação.

Muitas foram as consequências desse concílio, e como apresenta Matos (2011):

O instrumento mais eficaz tanto da Contra Reforma quanto da Reforma Católica foi o Concílio de Trento, que se reuniu em três séries de sessões entre 1545 e 1563. Seus decretos rejeitaram explicitamente as doutrinas protestantes e oficializaram o tomismo (a teologia de Tomás de Aquino), a Vulgata Latina e os livros denominados apócrifos ou deuterocanônicos. Outros instrumentos da Contra Reforma foram o Índice de Livros Proibidos (*Index Librorum Prohibitorum*, 1559) e a Inquisição, especialmente em suas versões espanhola e romana. Como expressão do dinamismo católico nesse período, as ordens dos franciscanos, dominicanos e jesuítas realizaram uma grande obra missionária no Oriente e nas Américas. (MATOS 2011, p. 18).

Outras consequências importantes desta reação foram o fortalecimento da autoridade do papa, o processo de catequização dos habitantes de terras descobertas pela ação dos jesuítas, a retomada do Tribunal do Santo Ofício, o processo da Inquisição que puniria e condenaria os acusados de heresias, a criação do Index (*Librorum Prohibitorum*), uma lista de livros elaborada pelo Santo Ofício, cuja leitura era proibida aos fiéis católicos, a disciplina do clero que impunha aos padres estudar e formar-se nos seminários, a restrição ao exercício sacerdotal de padres antes dos 25 anos e bispos após os 30. Além disto,

estabeleceu-se que as crenças católicas poderiam ter dupla origem: as Sagradas Escrituras (Bíblia) ou as tradições transmitidas pela Igreja, definiu-se que apenas a igreja estava autorizada a interpretar a Bíblia, mantiveram-se os princípios de valia das obras, o culto da Virgem Maria e das imagens, e foi acentuadamente reafirmada a infalibilidade do papa. Para Cambi (1999).

O concílio de Trento (1546 – 1563) confirma os pontos essenciais da doutrina católica (a essencialidade da Igreja e o valor dos sacramentos, a eficácia das obras ao lado da intervenção da graça), define novas tarefas para os eclesiásticos no plano disciplinar e pastoral, dá um forte impulso aos estudos bíblicos e teológico-filosóficos, favorecendo o nascimento e o desenvolvimento de ordens religiosas com o duplo escopo de frear o avanço da heresia protestante e difundir a religião católica nos países do Novo Mundo. (CAMBI 1999,P.256).

Costa (2015), oferece mais explicações quando afirma que:

Encerra-se o concílio após dezoito anos de reuniões seccionadas por circunstâncias adversas, reafirmando os sete sacramentos: batismo, confirmação, eucaristia, penitência, extrema-unção, ordem e matrimônio. Sustentou com força a presença da imagem de Cristo, da virgem Maria e dos outros santos como ato de honra e veneração. Qualquer pessoa que professar uma fé divergente da tridentina deve ser condenada, anatematizada e/ou excomungada da Igreja. O concílio de Trento não foi somente contra reformador. Foi, antes de mais nada, reformador da Igreja, dos inúmeros problemas internos que grassavam a instituição, problemas estes que foram potencializados pelo advento das igrejas protestantes oriundas das reformas religiosas do século XVI. Em contraposição aos pontos que foram objeto de rompimento das novas religiões cristãs, a Igreja Romana reafirmou a sua hierarquia, reafirmou o comando absoluto do papa, reafirmou todos os sacramentos como substanciais à vida dos cristãos, reafirmou, em síntese, sua teologia que fora inicialmente formalizada na Idade Média. Mas a Igreja Romana, reunida em Trento, decidiu que seus padres, para dar conta de toda uma revitalização de seu poder, tinham que ser melhor instruídos, melhor preparados para continuar seu magistério juntos aos católicos e tentar angariar de volta para as colunas papistas aqueles que se rebelaram. (COSTA 2015, p.98).

O Concilio de Trento apresentou um conjunto de afirmações e decisões que tinham como principal meta garantir a unidade e autoridade da igreja católica, garantindo observação inquestionável de seus dogmas. Foi o Concilio mais longo da história da igreja.

É importante destacar que, antes do Concílio de Trento, é fundada e aprovada por Roma, a Companhia de Jesus, ação executada pelo mesmo papa Paulo III que convocou o Concílio.

Esse movimento puramente católico, fundado por um ex oficial espanhol ⁵Inácio de Loyola, veio mais tarde se tornar uma ordem a serviço da Santa Sé e o principal braço da igreja no exercício da contra reforma e Inquisição.

Ficaram conhecidos como soldados de Cristo, mas se autodenominavam de jesuítas. Pompa (2002) explica que:

A própria Companhia já nascera, em 1540, mais de vinte anos antes da conclusão do Concílio de Trento, com essa vocação apostólica e missionária. Afinal, o dos jesuítas foi um dos principais movimentos da Igreja Católica que, em face da devastadora ameaça da heresia luterana, abraçaram a reforma religiosa sob a bandeira papista, o que teve profundo impacto na resposta tridentina ao protestantismo. Por meio do método descrito nos Exercícios espirituais, os jesuítas procuravam se engajar em atividades apostólicas de conversão, às quais eram levados pelo princípio soteriológico tomista de que o trabalho de caridade contribui para a salvação da alma. Nesse sentido, a oferta jesuítica convergia com a demanda papal pela retomada de uma ação de tipo universalista. A Igreja contra reformista teve como característica principal a acentuação de seu universalismo, e por isso mesmo assumiu a direção da conquista espiritual. (POMPA 2002, P.88)

Os jesuítas eram membros da Companhia de Jesus, seguiam uma forte disciplina, seus objetivos primários eram obedecer, sem restrição, a autoridade

⁵⁵ “O fundador da Companhia de Jesus nasceu no Castelo de Loyola, em Azpeitia, região basca ao norte da Espanha, em 1491. Filho de família cristã da nobreza rural, o caçula de 13 irmãos e irmãs foi batizado como Iñigo. Mais tarde, entretanto, mudaria seu nome, passando a assinar Inácio. Em 20 de maio de 1521, ao tentar, sem sucesso, proteger Pamplona (capital de Navarra) dos invasores franceses, Inácio foi ferido por uma bala de canhão que, além de partir sua perna direita, deixou lesões na esquerda. O grave ferimento foi fundamental para a mudança radical que aconteceria em sua vida”.

“Durante o período de convalescência no Castelo de Loyola, como não havia livros de Cavalarias —seus preferidos—, Inácio dedicou-se à leitura de Vida de Cristo, escrita por Ludolfo da Saxônia, e de uma coletânea Vida dos Santos. Foi após o contato com os livros religiosos que ele percebeu, com atenção e paciência, que as ambições mundanas lhe causavam alegrias efêmeras, meros prazeres, ao passo que a entrega a Jesus Cristo lhe enchia o coração de alegria duradoura. Essa consolação foi, para Inácio, um sinal de Deus”. <http://www.jesuitasbrasil.com/newportal/institucional/santo-inacio-de-loyola>.

do papa, e assim ajudar a igreja dominante combater as heresias e o protestantismo.

Catequizar os povos não cristãos de outros continentes tornou-se também um objetivo que prevalecia na ordem, e para isso, desenvolveram método próprio, criaram uma rede de colégios que dava vazão a característica jesuítica - sua sólida formação intelectual. Na visão de Signes (2011).

Os jesuítas possuíam um cunho educacional, cujos objetivos principais eram: Levar o catolicismo para as regiões recém-descobertas, no século XVI, principalmente à América; Catequizar os índios americanos, transmitindo-lhes as línguas portuguesa e espanhola, os costumes europeus e a religião católica, para tal objetivo ser alcançado era importante a transliteração do idioma indígena; Difundir o catolicismo na Índia, China e África, evitando o avanço do protestantismo nestas regiões; Construir e desenvolver escolas católicas em diversas regiões do mundo.

Na América os jesuítas submeteram os índios à execução de trabalhos sistemáticos, ao latim e à monarquia, combateram o canibalismo, a poligamia e o nomadismo, para poderem alcançar a aculturação indígena, pois assim conseguiriam obter seus objetivos com maior grau de eficácia. (SIGNES 2011, p.2).

Sobre a Companhia de Jesus abordaremos na sequência, iniciando com uma breve apresentação dos objetivos de seu líder primeiro, e criador, Inácio de Loyola, perpassando brevemente a história do movimento até a chegada em territórios brasileiros, sob a liderança de ⁶Manoel da Nóbrega, ressaltando os

⁶ “Manoel da Nóbrega nasceu em Sanfins do Douro, em Portugal, no dia 18 de outubro de 1517. Primeiro ele se formou em direito canônico e filosofia, pela Universidade de Coimbra, em 1541. Veio para o Brasil em 1549, com o governador-geral Tomé de Souza, chefiando o primeiro grupo de jesuítas. Sob seu comando, esses padres deram início ao trabalho de catequese, isto é, a tentativa de conversão dos índios brasileiros à religião católica. O padre Manoel da Nóbrega era um ardente pregador do Evangelho. Durante 21 anos, prestou serviços na tarefa de colonização do Brasil. Ele se dedicou à educação e à evangelização tanto dos filhos dos colonos como dos filhos dos índios. Como tinha muita capacidade de organização, dirigiu, a partir da Bahia, o trabalho de companheiros nas capitânicas de Pernambuco, Porto Seguro e São Vicente. Participou da fundação das cidades de Salvador e do Rio de Janeiro. Foi dele a iniciativa de criar o Colégio de São Paulo nos campos de Piratininga. O projeto foi concretizado por ele em conjunto com o padre José de Anchieta, em 1554, no que ficou marcado como o episódio da fundação da cidade de São Paulo. O local em que foi criado o colégio (e a cidade) é onde hoje fica o Pátio do Colégio, no centro de São Paulo”.

<http://escola.britannica.com.br/article/483409/padre-Manuel-da-Nobrega>

desafios da evangelização, o encontro com os “selvagens indígenas”, e seu papel missionário para atender as ordens do Concílio de Trento.

1.2 Companhia de Jesus e a Evangelização.

Fundada em 1534 por Inácio de Loyola e seus companheiros, e reconhecidos por bula papal em 1540 (*Regimini Militantis ecclesiae*), seus membros deviam prestar voto especial de obediência ao sumo pontífice e dependiam diretamente dele.

Dez anos mais tarde, em 21 de julho de 1550, a bula *Exposcit Debitum*, do Papa Júlio III, aprovou a Fórmula *Instituti da Societatis Iesu*, confirmando a Companhia de Jesus. Sua história é um marco de grande relevância na modernidade.

No início do processo a nova organização religiosa não tinha bem definidos seus propósitos, mas uma coisa era certeza: seus membros deveriam ser dedicados às coisas divinas. Dessa forma, resolveram obter uma permissão papal para pregar o evangelho em Jerusalém, permissão essa que foi concedida pelo ⁷Papa Paulo III. Mas devido aos conflitos na região, essa empreitada nunca foi concluída, e isso abriu espaço para que a Companhia se colocasse às ordens do Sumo Pontífice para outros interesses da igreja.

O papa Paulo III, que havia subido à Cátedra de São Pedro em 1534, foi o pontífice que mais favoreceu a Companhia de Jesus. Foi ele quem instituiu a Ordem, em 1540, por meio da bula *Regimini Militantis Ecclesiae*. Mesmo antes de conhecer os jesuítas, já conhecia a sua fama, pois em todas as cidades nas quais se hospedavam, notava-se uma verdadeira reforma dos costumes e da própria religião. Dessa forma, o papa percebeu o potencial deste pequeno grupo e, quando não conseguindo ir para Jerusalém eles se colocaram às suas ordens e à sua disposição, ele ordenou que ficassem em Roma, que tanto

⁷“(Alessandro Farnese, Canino, Itália, 1468-Roma, 1549) Pope (1534-1549). Depois de alcançar o trono papal, começou uma política de neutralidade da Igreja sobre os conflitos políticos dos Estados, para se concentrar na luta contra a propagação do protestantismo. Considerado um papa de transição entre o Renascimento eo Contador gostava de realçar a magnificência de sua corte; bem, ele encomendou Michelangelo, entre outras obras, pinturas da Capela Sistina. Na política externa deve ser enfatizado mediação entre Charles I e Francisco I da França, que conduziu ao Tratado de Nice, em 1538, e a excomunhão de Henry VIII de Inglaterra. acérrimo defensor do Concílio de Trento, deu o seu apoio à fundação dos jesuítas ea restauração da Inquisição na Itália (1542). Na área da política local, ela produziu importantes territórios do papado a seu filho Pier Luigi, fato que gerou considerável hostilidade”.
http://www.biografiasyvidas.com/biografia/p/paulo_iii

necessitava de uma reforma. Tanto Paulo III quanto Inácio de Loyola acreditavam que se a cabeça da Igreja - Roma, o papa e seus cardeais - se reformassem, toda ela se reformaria, por conseguinte e sem muito esforço. E como a Igreja precisava desta reforma! (ARNAUT E RUCKSTADTER 2002, p. 106).

O papa Paulo III, em 1540, aprova a ordem jesuítica, e Inácio de Loyola é eleito para ser o primeiro líder. Com o nascimento da Companhia de Jesus, nasce também o interesse do trabalho missionário pelo mundo, e como uma chama ardendo, essa ordem torna-se reconhecida pelo seu trabalho missionário e pela sua atuação nas áreas: educacional, cultural, espiritual, intelectual e social, entre outras.

No mundo da igreja, isto era uma novidade para a época. Segundo Paiva (2002, p.96), as tradicionais ordens religiosas priorizavam o silêncio do mosteiro, a contemplação, a oração comunitária. Como exemplo podemos citar dos Teatinos (1424), dos Capuchinhos (1528), dos Barnabitas

(1530), dos Somascos (1532), das Ursulinas (1535), dos Oratorianos italianos (1560) que sempre priorizavam o sossego do mosteiro.

A Companhia de Jesus, ou *Societatis Iesu*, teve início a partir de um pequeno grupo de homens (Afonso Salmeron, Diogo Laines, Francisco Xavier, Nicolau Babdilha, Pedro Fabro e Simão Rodrigues) que se reuniam com Inácio de Loyola, o qual, a exemplo dos demais, estudava na Universidade de Paris, para refletirem sobre os Exercícios Espirituais, obra que Loyola escrevera na década de 1520. (MESQUIDA, 2013, p.236)

A Companhia de Jesus apresentava como seu principal propósito a propagação da fé e da doutrina cristã. O ministério dos Inacianos se posicionava como fundamentado no ministério de Cristo e de seus apóstolos. Segundo o padre Cabral (1925, p.71), em sua obra *Jesuítas no Brasil século XVI*, o “Apostolado Católico nasceu no dia em que Jesus Cristo disse aos seus discípulos: Ide! Ensinai todas as gentes, batizando-as em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo”.

Essas três funções – Ir Ensinar, Batizar - são bem marcantes no propósito da Companhia de Jesus, o missionário jesuíta entendia a missão de ir, ele é um enviado, um missionário de Deus. O ensino é uma outra arma de grande poder nas mãos dos padres missionários, e a educação foi um viés significativo para levar a fé católica ao mundo não cristão. E finalmente o batismo, este é uma

cerimônia que marca o início de uma nova vida, uma vida de respeito aos dogmas religiosos católicos.

A partir dessa premissa, a fundação da Companhia de Jesus daria suporte à igreja com intuito de combater toda sorte de heresia que pudesse ameaçá-la. A Companhia de Jesus, não tinha reservas quanto a campo de trabalho: fosse na igreja, na corte, no colégio, ou onde quer que a igreja deles necessitasse, estaria realizando a santificação do mundo e a salvação das almas. Paiva (2002, p.97)

Paiva (2002, p.96) ainda contribui com esse entendimento ao afirmar que: “a Companhia de Jesus se pôs como campo de trabalho o mundo. O apostolado era seu objetivo. Trabalhar pela santificação e salvação dos outros”

Segundo Santos (2007) “Devido ao ideal itinerante de pregação presente no “modo de proceder” jesuítico, em um breve espaço de tempo diversos missionários já se encontravam nos continentes asiático, africano e americano”.

Os jesuítas são totalmente fieis aos votos e incondicionalmente obedientes aos dogmas da igreja católica. Ficaram conhecidos, principalmente, pelo seu trabalho missionário e educacional, além de seu forte papel nos processos inquisitórios da contra Reforma. Sendo esses – educação e missão - objetivos da ordem de Loyola, os jesuítas avançaram no mundo ensinando em universidades, fundando, estruturando e dirigindo colégios.

Segundo Mesquida (2013) o ensino passou a ser a grande vocação dos soldados da Companhia de Jesus e, diferentemente de outras ordens, tornaram-se uma ordem missionaria, se valendo deste método, com propósito de anunciar ao mundo o cristianismo, e desse modo, fazer frente às crescentes concepções reformistas do protestantismo do século XVI.

A Companhia de Jesus, que foi fundada no contexto da reforma católica, alcançou significativa influência no século XVI, principalmente na Europa, mais especificamente em Portugal.

A missão jesuítica foi vista, pelo rei ⁸D. Joao III, como um caminho eficaz contra as ideias reformadoras protestantes de Lutero, o qual decidiu ser um

⁸ “D. João III nasceu em Lisboa, a 6 de junho de 1502 e faleceu na mesma cidade, a 11 de junho de 1557, tendo sido sepultado no mosteiro de Belém. Casou em 1525 com a infanta D. Catarina. Décimo quinto rei de Portugal, filho de D. Manuel I. O governo de D. João III pode compreender-se à luz de uma vasta política nacional e ultramarina”.

reformador da igreja na primeira metade do século XVI, que se recusando a responder a superioridade do papa e da igreja, fez da base de sua reforma a justificação pela fé e a defesa da existência de salvação fora da igreja, mas não fora de Cristo.

Em outras palavras, não havia necessidade de obras humanas para obtenção da salvação do homem, pois a salvação se daria pela graça nos méritos de Cristo Jesus e pelo seu grande sacrifício na cruz do calvário. Igualmente, sua universalidade de salvação, atingia frontalmente a autoridade exclusivista da Igreja e sua estrutura de “concessão” de entrada e saída do esperado céu cristão. Sua proposta de acesso direto do “crente cristão” a salvação sem a “benção” ou “validação” intercessora da igreja, colocava em risco a continuidade do poder absoluto até então nela depositado. Tal afronta precisava ser contraposta com rapidez. Paiva e Puentes: (2000, p.5), colaboram com essa justificativa ao afirmarem que: “no sacerdócio universal (todos os cristãos são iguais pelo batismo) e na autoridade exclusiva da Bíblia”.

A Companhia de Jesus era formada por padres, intitulados de jesuítas, que tinham como missão catequizar e evangelizar as almas, pregando em nome de Jesus mas conduzindo-os a submissão à igreja. Apesar da urgência do cenário imposto por essa realidade Arnaut e Ruckstadter (2002) afirmam que a:

Ordem surgiu aos poucos; através da Deliberação de 1539 os jesuítas foram decidindo gradativamente o seu caminho e a sua organização. Primeiramente decidiram sobre como se dispersarem pelo mundo sem perderem a sua união. Isto implicou a segunda decisão do grupo, acerca da questão da obediência a alguém dentre eles. Esta decisão foi fundamental na formação da Companhia de Jesus, pois a obediência é a principal característica da Ordem, que é organizada de forma militar. (ARNAUT E RUCKSTADTER 2002, p.106)

Fica efetivamente entendido que a ordem inaciana surge em defesa do catolicismo e da sua disseminação em todas as regiões do mundo. Atendendo uma expectativa da igreja por meio do Concilio de Trento (1545 – 1563), que condenou toda e qualquer manifestação protestante e definiu o papel e atuação da igreja na pregação e manutenção da fé católica como único modelo de fé que deveria ser adotada pelos cristãos.

O papel das obras humanas na salvação, o lugar da tradição, juntamente com a Bíblia, como elemento de Revelação, o caráter sagrado dos membros do clero, a existência de sete sacramentos e o valor do culto dos santos, especialmente do

culto à Virgem. Em matéria disciplinar, condenou abusos como a não-residência dos bispos em suas dioceses ou a acumulação de vários bispados; manteve o celibato eclesiástico e o latim como língua litúrgica; e, principalmente, recomendou a fundação de um seminário em cada diocese para a formação moral, intelectual e religiosa dos futuros membros do clero, a fim de torná-los mais aptos para a transmissão da fé pela catequese e pela pregação. (CARPENTIER E LEBRUN 1993, p.212) APUD (PAIVA E PUENTES 2000, p.5).

Para Hernandes (2010, p.227) “o projeto inicial de Loyola e dos primeiros jesuítas era o resgate da cristandade e da igreja católica, em crise intensa no continente europeu”. Segundo relata Eisenberg (2000) apud, Cantos (2009, p.24), o principal objetivo desta ordem era persuadir cristãos, hereges e pagãos a seguirem uma vida correta, coerente, guiada pelos ensinamentos divinos, eliminando, dessa forma, qualquer tipo de vício e exagero. Assim, com base nesses desígnios, a Companhia foi tomando proporções consideráveis e levando a bandeira do catolicismo às mais diversas regiões, e principalmente, resgatando o dogma abalado pela reforma de que não existe salvação fora da igreja, e buscando recuperar sua autoridade.

As principais atividades priorizavam as missões em terras estrangeiras e a implantação de colégios. Essa Companhia cresceu rapidamente o que evidencia o sucesso no alcance dos seus objetivos. Os missionários, seguidores de Loyola, desbravavam o mundo para estabelecer igrejas, escolas e assim foram se espalhando por vários países e de uma forma peculiar na América do sul.

Considerando a invenção da Companhia de Jesus, numa das partes da primeira versão das Constituições, registradas por Loyola em 1540 e confirmadas pelo Papa Paulo III nesse mesmo ano, faz-se alusão aos seguintes motivos:

Dedicar-se ao proveito das almas na vida e doutrina cristãs, e à propagação da fé por meio de pregações públicas, do ministério da palavra de Deus, dos exercícios espirituais e obras de caridade e, concretamente à formação cristã das crianças e dos ignorantes. (CONSTITUIÇÕES DA COMPANHIA DE JESUS 1997).

Em 1556, ano de falecimento de Loyola, havia mais de mil jesuítas, distribuídos por toda a Europa, e países como Brasil, Índia, Congo e Etiópia. Inácio defendia o estudo em alta conta e estava convencido de que os membros

da sociedade jesuítica deveriam ter a melhor instrução disponível. Portanto, com o propósito de fortalecer esse pensamento, fora criada uma Constituição própria da sociedade, onde se estabelece de forma categórica um programa de instruções. Esse programa, oferecia uma formação totalmente espiritual, mas também privilegiava a educação acadêmica, que os membros da sociedade deveriam seguir, como podemos observar na seguinte citação:

A formação do jesuíta passava pela tradição e pela novidade, e pela capacitação competente tanto no fundamento escolástico e místico como nas novas necessidades técnico-intelectuais. Referir-se à formação do padre jesuíta é compreendê-la, assim como a Companhia como um todo, como algo que se desenvolveu historicamente, não nascendo pronta e acabada. Exemplo disto são os dois documentos fundamentais que a Companhia produziu no século XVI: as Constituições e o ⁹*Ratio Studiorum*, os quais ficaram prontas. Depois de vários anos entre a primeira redação e a formatação final e isso após experiências práticas e avaliações teóricas O estudo da formação do jesuíta não pode prescindir, portanto, de três aspectos interligados, porém independentes: o jesuíta como instrumento particular da Reforma da Igreja; o jesuíta como aquele que tem uma rigorosa formação tanto escolástica como prática para as missões; e o jesuíta com uma sólida formação espiritual, que não prescindia de uma ação comprometida. (COSTA 2004, p.117.118).

A Constituição jesuítica demonstra uma grande preocupação com a formação acadêmica. Apontando uma lista de livros que serviria como a principal fonte de estudo, como por exemplo: no campo da filosofia, ganham destaque as obras de Aristóteles, na teologia, o antigo testamento tem uma prioridade, e na doutrina religiosa, o escolhido foi Tomás de Aquino. Como é possível perceber na citação de Costa (2005, p.86), “na quarta parte das Constituições, a que trata

⁹ “*Ratio Studiorum* ou Plano de Estudos da Companhia de Jesus desempenha um papel cuja importância não é permitida desconhecer ou menosprezar. Historicamente, foi por esse Código de ensino que se pautaram a organização e a atividade dos numerosos colégios que a Companhia de Jesus fundou e dirigiu durante cerca de dois séculos, em toda a terra. Ordem consagrada ao ensino pela Constituição escrita por seu próprio fundador, a Companhia, onde quer que entrasse a exercer os seus ministérios, instituiu logo e multiplicava rapidamente os seus estabelecimentos de ensino. Em 1750, poucos anos antes de sua supressão (1773) por Clemente XIV, a Ordem de Inácio dirigia 578 colégios e 150 seminários, ao todo, 728 casas de ensino[1]. Esta imensa atividade pedagógica, com a sua incoercível influência e espontânea irradiação sobre outros colégios e outros sistemas educativos que se iam formando e desenvolvendo ao seu lado, não pode deixar de oferecer ao historiador da educação ocidental um interesse de primeira importância. FRANCA, Leonel O Método Pedagógico dos Jesuítas Rio de Janeiro: AGIR, 1952”

da educação, o único autor cristão que é citado como fonte de estudos na universidade, no caso da teologia, é Tomás de Aquino”.

Os outros assuntos relativos a teologia e filosofia são tratados de forma genérica, como, por exemplo, o de se assegurar ao estudante a melhor doutrina através dos melhores autores. No caso específico da filosofia natural e moral e na metafísica, as Constituições recomendam seguir a doutrina de Aristóteles, o que na prática significa ratificar a teologia escolástica tomista. Apenas estes dois autores, São Tomás e Aristóteles, são citados no livro das regras e normas da Companhia de Jesus, o que por si só, poderia caracterizar como escolástica a formação do futuro jesuíta. (COSTA 2005, p.86)

Essa formação escolástica do futuro jesuíta se completava com o curso de Teologia, que era defendido pelas Constituições jesuíticas como um viés significativo para o auxílio ao semelhante e, acima de tudo, amar e reconhecer a Deus.

Costa (2004 p.130) contribui à compreensão ainda ao afirmar que “a formação do futuro jesuíta era acima de tudo rigorosa”. Esse rigor consistia em uma formação sólida em letras, em filosofia e Teologia. O autor afirma, (2005, p.89): “O curso de Teologia era o ápice de toda a formação escolástica do futuro jesuíta, devendo dominar perfeitamente os conteúdos, principalmente no seu aspecto mais prático”.

E o maior objetivo dessa formação escolástica era proporcionar o desenvolvimento das faculdades intelectuais, como podemos observar na seguinte consideração:

A formação do futuro jesuíta era acima de tudo rigorosa. Apenas como um exemplo inicial desse rigor, as constituições previam, na sua quinta parte incorporação na companhia daqueles que assim foram formados que para o estudante se tornar professo e entrar de vez para a ordem, deveria ser examinado com muito rigor em lógica, filosofia e teologia escolástica perante uma banca de quatro examinadores. O futuro padre tinha que mostrar domínio do conteúdo de toda uma vida de estudante, desde os estudos básicos em artes, até os relativos às faculdades Menor e Maior, ou seja, faculdades de filosofia e teologia. (COSTA, 2005 p.81).

Os futuros padres jesuítas eram forjados em casas específicas onde se privilegiava a formação aliada ao aprimoramento da virtude. (Costa 2005 p. 80).

Entre tantas determinações, o Concílio de Trento buscou criar e manter seminários em todas as dioceses. Esses seminários deveriam ser um espaço para formação teológica para os futuros padres.

Segundo Mullett (1985) apud Costa (2005, p. 81), três momentos são significativos nesse processo de formação rigorosa do futuro padre jesuíta, a saber: (1) a liturgia, (2) a pregação e a (3) confissão. Por meio desses se dava o processo de evangelização tanto entre os próprios cristãos como dos gentios.

Outra característica marcante na formação do futuro jesuíta, era a disciplina, a qual favorecia um bom rendimento nos estudos. Sem disciplina, dificilmente se conseguiria dar conta de tudo, ressalta Costa (2005, p.82).

O estudo sobre teologia era o ponto de grande importância na formação do futuro jesuíta, que deveria dominar de maneira prática esse conteúdo, com objetivo de doutrinar através das pregações e das confissões.

Rodrigues, (1917, p.132) apud Costa, (2005, p.90) contribui com esse debate, sobre a formação do padre jesuíta ao afirmar que: “no curso de letras, o “latim era o centro principal da instrução, em torno do qual se agrupavam as outras matérias”. Além desse estudo encontramos a filosofia e a teologia como disciplinas que mereciam um especial e prioritário destaque.

No processo de formação dos futuros padres jesuítas, estes dever-se-iam submeter a um preparo técnico. Em outras palavras, deveriam ser bem preparados no ofício de rezar ou oficializar uma missa. Essa era uma preocupação significativa para a Companhia.

Na parte destinada à educação do futuro jesuíta há uma recomendação de que eles deveriam, quando possível, seguir o mesmo modelo de rito, independente da região em que estavam. Havia uma acentuada preocupação com a coesão da missa.

Primeiramente aqueles que o Superior julgar que devem ser promovidos às sagradas Ordens aprendam a dizer missa, não somente como compreensão e devoção interior, mas com compostura exterior que edifique os assistentes. Todos na Companhia seguirão, quando possível, as mesmas cerimônias, conformando-se, tanto quanto permitir a diversidade das regiões, com o ritual romano, como o mais universal, e especialmente adaptado pela Sé Apostólica (CONSTITUIÇÕES, 1997, p.138).

Os membros da Companhia de Jesus peregrinavam pelo mundo, trabalhando de forma determinada para difundir o evangelho. Em certos locais, permaneciam um tempo significativamente ampliado afim de lograr êxito em sua a missão de evangelizar.

O ponto de partida de grande relevância, desenvolvido na missão, era o uso da educação. Justamente por isso, construíram colégios e aldeamentos, afim de com isso, fortalecer a igreja, evitando o avanço do protestantismo.

De acordo com Carvalho (2012, p.53), “inicialmente com apenas dez membros, já ao final século XVI a Companhia de Jesus já estava espalhada pela Europa, África, Ásia e América.

As missões jesuíticas, ou reduções, consistiam na organização de aldeamento, em vários locais da colônia, com objetivo de catequizar os indígenas.

A imposição do modo de vida cristã aos nativos, era uma mudança radical no viver desses nativos, pois estes deveriam abandonar velhos hábitos, como o politeísmo, a poligamia, a antropofagia, bem como alcançar a desvalorização dos feiticeiros.

Portugal foi a primeira província jesuítica. Seu primeiro provincial foi o padre mestre Simão Rodrigues. Ele foi quem mandou para o Brasil o padre Manoel da Nóbrega em 1549, no regimento de ¹⁰Tomé de Souza.

Em Portugal, foram chamados pelo rei católico Dom João III para a missão rumo ao Oriente, para evangelizar e arrebanhar novas almas para a religião cristã. Vieram para Portugal, em 1540, Francisco Xavier e Simão Rodrigues.

Enquanto Simão Rodrigues permaneceu em Portugal, Francisco Xavier dirigiu-se ao Oriente, iniciando a obra evangelizadora, espalhando a sua influência pelo mundo. Enquanto isso, o padre Simão Rodrigues fundava a primeira casa da Companhia em Portugal, O Colégio de Santo Antão, seguindo-se dos Colégios em Coimbra, em Coimbra, Évora e Lisboa. Passando a tomar conta do colégio das Artes em Coimbra e, em 1559, da Universidade de Évora. (COSTA 2010, p.19)

¹⁰Tomé de Sousa (1503-1579) foi militar português. Primeiro governador-geral do Brasil e Fidalgo da Casa Real. nasceu em Rates, Pávoa de Varzin, Portugal. Filho do prior de Rates, João de Sousa e de Mércia Rodrigues de Faria. Tomé de Sousa faleceu em Lisboa, Portugal, no dia 28 de janeiro de 1579. Seu corpo foi enterrado junto à sua mulher, no Mosteiro de Santo Antônio de Castanheira, em Lisboa http://www.e-biografias.net/tome_de_sousa/.

Dentro desse contexto, é possível afirmar que os padres jesuítas tiveram um significativo papel na chamada contra reforma católica, ao dedicar-se a catequese dos povos.

Os jesuítas desbravaram o mundo divulgando e ensinando a doutrina e a fé católica, como uma arma contra os avanços da doutrina cristã protestante contendo seu avanço em alguns países europeus. De igual modo, as grandes navegações que conquistaram América também proporcionaram a entrada dos jesuítas no novo mundo, com metas claras de levar esses novos povos ao conhecimento e prática da *santa fé*.

Foi neste contexto que muitos indígenas dessas regiões descobertas, foram evangelizados.

Neste cenário conflituoso do século XVI, a igreja católica também sentiu a necessidade de se “purificar”, fazendo reformas institucionais e se voltando mais para o espiritual, afirma Paiva (2002, p.96), e o autor ainda reforça dizendo que:

Para a igreja católica, o protestantismo era desvio da verdade e tinha de ser extirpado, porque feria a unidade da comunidade. A Companhia foi fundada para dar suporte institucional às reformas que visavam à renovação da igreja e como consequência, iria combater a heresia. Muitos livros afirmam que ela foi fundada para combater o protestantismo, não entendendo o contexto social da época. (PAIVA 2002, p.96).

A coroa portuguesa apoiou os jesuítas com suas incursões no Brasil, pois seu interesse não era somente de caráter econômico, mas também o de ampliar o número de fiéis católicos. Os índios eram os alvos primordiais.

Essa tendência fica ainda mais evidente na reflexão de Terra (2000, p.30) sobre este processo: “A Companhia de Jesus veio ao Brasil enviada pelo Rei com finalidade específica: a conversão dos índios, obrigação primeira da coroa.”

Em outra ótica, Branco (2016) contribui com esse debate dizendo que:

D. João III de Portugal, para assegurar às suas conquistas a necessária cobertura espiritual, recorreu aos fundadores da Companhia de Jesus a indispensável ajuda. Nesta contextualização, a tentativa europeia de evangelização e aculturação em terras americanas, nomeadamente no Brasil, ficou a dever-se aos missionários portugueses e em especial aos jesuítas, que foram os grandes construtores do Brasil. Sem a sua acção, o presente Brasil com base numa mescla de raças e culturas não existiria. Apesar de não terem sido os primeiros

religiosos a instalarem-se na Colônia, os jesuítas exerceram enorme influência na vida colonial. Receberam total apoio da Coroa portuguesa, não só para converter os gentios à fé católica, como também para protegê-los do cativo. A população nativa vivia num nível baixo civilizacional, mas por isso não devia ser ainda mais rebaixada, reduzida à animalidade e à escravidão, mas elevada à condição de seres humanos e conduzida, pela mão do Cristianismo, à dignificação do ser humano, através do cruzamento de raças e pela educação cívica e cultural de povos e raças intervenientes. (BRANCO. 2016, p.1).

No regimento de Tomé de Souza o rei faz uma significativa afirmação: “a principal coisa que me moveu a mandar povoar as ditas terras do Brasil foi para que a gente dela se convertesse à nossa santa fé católica, e para isso foram enviados os jesuítas”.

A missão dos jesuítas no Brasil se colocava assim não ao serviço do colonialismo português, mas no plano da fé sobrenatural, dentro exatamente da finalidade da própria igreja, que é preparar desde já, neste mundo e para os homens a bem-aventurança eterna. Tal é o seu escopo direto e primordial. Indireta e secundariamente sua ação se desdobra no aperfeiçoamento e elevação do homem também no plano natural” (TERRA 2000, p.30).

Para Costa e Oliveira (2015), os jesuítas vieram para o Brasil, alinhados ao espírito reformista e mercantil.

No que diz respeito ao século XVI, e mais precisamente 1549-1600, os jesuítas enviados pelo Império Lusitano focaram sua missão em várias frentes que, em última instância, diziam respeito a dois objetivos: converter os índios ao cristianismo romano e transformá-los em súditos do Rei de Portugal. O espírito reformista os impelia a ir onde quer que o Papa os mandasse para levar um catolicismo reformado e conquistar as almas, como regia a Fórmula de oficialização da Companhia. (COSTA E OLIVEIRA 2015, p.229).

Na visão de Saviani (2008), sobre a temática debatida, informa que:

Para atender a esse mandato, os jesuítas criaram escolas e instituíram colégios e seminários que foram espalhando-se pelas diversas regiões do território. Por essa razão considera-se que a história da educação brasileira se inicia em 1549 com a chegada dos jesuítas.

A inserção do Brasil no chamado mundo ocidental deu-se, assim, por meio de um processo envolvendo três aspectos intimamente articulado entre si: a colonização, a educação e a catequese. (SAVIANI 2008, p.26).

Seguindo atribuições diretas do rei Dom João III, o governador-geral, Tomé de Sousa, chegou ao Brasil em 1549 trazendo vários padres jesuítas. Estabelecendo colégios, igrejas e missões pelo litoral e interior do Brasil, os jesuítas passaram a tratar da conversão dos nativos, bem como a administrar as principais instituições de ensino da época.

“Com o primeiro governador geral do Brasil, chegou à Bahia a primeira turma de jesuítas requisitados por João III para a conversão dos gentios. Eram quatro padres e dois irmãos, tendo como superior o padre Nobrega. Terra (2000, p.30).

Costa (2010, p.20), confirma: “Os primeiros missionários, chefiados pelo padre Manoel da Nóbrega, aportaram em terras recém descobertas, juntamente com Tomé de Souza, o primeiro Governador Geral em 1549”.

As atividades básicas a Companhia em diversas partes do mundo, centraram-se nas missões em terras estrangeiras e na criação e manutenção dos colégios.

O resumo do trabalho de Nóbrega é apresentado por Costa (2010), quando afirma que:

O clérigo estava com Tomé de Souza, que veio com a incumbência de fundar uma capital para a nova terra e lançar os fundamentos para a cidade de Salvador. Nóbrega recebe a incumbência de construir e comandar o colégio a cidade.

Não havia tempo a perder. Desde a viagem, os missionários se propuseram a cuidar do seu rebanho e assumiram as suas tarefas prontamente em função da grande quantidade de trabalho: colonos que possuíam várias mulheres, índios que andavam nus e comiam carne humana e sacerdotes que davam mau exemplo. Em 1549 vai para Ilhéus e pede ao padre Leonardo Nunes que dirija-se a São Vicente e comece e a organização do Colégio.

Pode-se perceber a responsabilidade que o clérigo assumia em relação à colonização quando afirmava que “esta terra é nossa empresa” (NÓBREGA, 1988, p. 82). A catequese fazia parte de um projeto maior, o de atuar na nova terra, em nome do Rei e de Deus para conquistá-la e as almas que nela estavam. Também intencionava reconduzir os portugueses que já não se confessavam a muito tempo e encaminhar os nativos para o caminho da salvação, levando-os pela mão por meio dos sermões e castigos aos que se desviavam do caminho.

Nóbrega que ao concluir que os colonos se amancebavam com as negras da terra por falta de mulheres brancas, pedia que enviassem de Portugal órfãs ou mesmo prostitutas, para sanar o problema na colônia, e ao mesmo tempo o da metrópole. O

mesmo jesuíta pedia constantemente o envio de padres para reforçar o trabalho que diante da responsabilidade assumida. (COSTA 2010, p.25).

A chegada da Companhia de Jesus, ao Brasil, datada de 1549, na Bahia, teve como propósito continuar com os objetivos primários estabelecidos pela ordem de Loyola, ou seja, sair pelo mundo na busca de catequizar novos adeptos. Terra (2000, p.30) colabora apontando que Loyola, ao escrever para Nobrega diz: “Rogo a Deus nosso Criador e Senhor, vos dê a toda sua graça muito abundante, para que sempre sejais instrumentos úteis da divina Providência para ajudar a salvação vossa e de vossos próximos”.

Assim fundaram um colégio e aldeias para dar início a jornada de catequese dos índios. “Em 1557, fundou-se a primeira aldeia, chamada São Paulo, tinha duzentos e cinquenta vizinhos índios provenientes da fusão de quatro tabas. Em 1562 havia onze na comarca da Bahia”. Terra (2000, p.31).

A presença jesuítica no Brasil deve ser analisada, primeiramente, como estabelecimento de uma espiritualidade reformada, nos moldes propostos pelo Concílio de Trento. Em segundo lugar, como fortalecimento da cultura portuguesa em terceiro lugar, como catequese dos índios.

Quando se escreve sobre os jesuítas no Brasil, dois são os pontos que se destacam. Primeiramente, suas atividades junto aos índios, quer na pacificação, quer no aldeamento, quer no envolvimento deles com as causas portuguesas, mormente as lutas contra as invasões. Em segundo lugar, a fundação dos colégios e influência decisiva na tradição escolar Brasileira. Mas seu papel no registro das novidades da terra, no estudo da farmacologia indígena, na análise das técnicas de produção aliadas às posições sócias dos atores, nas descrições antropológicas do nativo, na elaboração da gramática da língua indígena, para não falar de sua influência no governo, não pode ser deixado de lado. A história da Companhia de Jesus no Brasil é muito da história do Brasil. (PAIVA 2002; p.98).

Na primeira carta de Nóbrega, ao padre mestre Simão Rodrigues de Azevedo de 1549, encontramos:

Chegamos a esta Bahia a 29 dias do mês de março de 1549. Andamos na viagem oito semanas. Achamos a terra de paz e quarenta ou cinquenta moradores na povoação que antes era; receberam-nos com grande alegria e achamos uma maneira de igreja, junto da qual logo nos aposentamos os Padres e Irmãos em umas casas a par delia, que não foi pouca consolação para

nós para dizermos missas e confessarmos. E nisso nos ocupamos agora. (NOBREGA. 1988,p.71)

É possível perceber que a principal tarefa dos jesuítas ao desembarcarem no Brasil, foi criar um ambiente propício para a divulgação da missão, sendo assim é de grande relevância analisar o trabalho de catequese como método jesuítico de educação.

A prioridade aqui é olhar a divulgação da evangelização por meio dos trabalhos da Companhia de Jesus desde a chegada dos primeiros membros até 1599 quando de fato é estabelecido o *Ratio Studiorum*.

Havia a grande preocupação desde a chegada da ordem católica para trabalhar, rapidamente, com o propósito de converter os habitantes que aqui se encontravam, pois acreditavam que estavam vivendo em pecado, e esse mal levaria a morte. “Espero em nosso senhor fazer-se fruto, posto que a gente da terra vive em pecado mortal”. Nobrega (1988, p.72). (I Carta jesuítica). Principalmente porque viviam em relações matrimoniais ilícitas, tendo filhos com os nativos e ainda não se confessavam.

Os primeiros jesuítas enviados ao Brasil chegaram à Bahia no ano de 1549, acompanhando o primeiro Governador-Geral, Tomé de Sousa, incumbidos da tarefa de catequizar os habitantes indígenas. Se em um primeiro momento, o impulso dado pelo terceiro Governador-Geral Mem de Sá ao projeto traçado pelo padre provincial Manuel da Nóbrega, ainda no final da década de 1550, dava fôlego aos trabalhos missionários, a partir da década de 1580 a situação se mostraria distinta. De acordo com um relato escrito pelo padre Anchieta neste período, durante os primeiros vinte anos de trabalho missionário, quatorze aldeamentos foram assentados no nordeste brasileiro, reunindo cerca de quarenta mil indígenas. Porém, a situação declinara de tal maneira que a Companhia de Jesus administrava neste momento apenas três aldeias na Bahia Espírito Santo, São João e Santo Antônio -, reunindo no máximo três mil e quinhentas almas. (SANTOS 2007, p.66)

A partir deste estudo apontado por Santos, verifica-se que o primeiro grupo de missionários jesuítas chegou à cidade de Salvador, na Bahia em 1549, com intuito de converter os gentios à fé católica, ficando claro, segundo Santos (2007), que os membros da Companhia de Jesus encontraram demasiadas dificuldades para tal empreendimento.

Em algumas cartas do padre Nobrega se percebe mencionado que a falta de recursos como alimentos e vestuários, além dos pecados dos homens, impossibilitavam a implantação da santa fé.

Na terceira carta enviada ao mesmo mestre Simão, no segundo parágrafo, Nóbrega expressa uma grande preocupação com o pecado do adultério, deixando explícito que esse ato é de grande escândalo para a nova igreja que o Senhor quer fundar, esse ato não espelha como um ato de fé cristã dos homens, os quais deveriam deixar esse pecado, abandonando aos costumes da terra.

Nesta terra há um grande pecado, que é terem os homens quase todos suas Negras por mancebas, e outras livres que pedem aos Negros por mulheres, segundo o costume da terra, que é terem muitas mulheres. E estas deixam-nas quando lhes apraz, o que é grande escândalo para a nova Igreja que o Senhor quer fundar. (NÓBREGA, 1988, p.79)

Em um outro trecho da quarta carta destinada ao Dr. Navarro em Coimbra, em 1549, Nóbrega destaca mais uma das dificuldades encontradas na divulgação do evangelho, quando expressa que:

De muitas partes somos chamados, para irmos ensinar as coisas de Deus e não podemos chegar, porque somos poucos; e certo, creio que em todo o mundo não se nos depara terra tão disposta para produzir o fruto como esta, onde vemos almas perecerem, por se não puder remediá-las: em falta, vamos lhes acendendo a vontade de ser cristãos, para que se morrerem, nestes comenos, enquanto dura o catecismo, deles Deus haja misericórdia. (NÓBREGA 1988, p.93,94).

Mesmo diante das dificuldades encontradas pelos primeiros jesuítas o trabalho não parou, as intensificações dos objetivos foram a cada dia sendo colocados em prática e um viés para se obter o sucesso, foi sem dúvida pelo processo educacional.

Dentro dessa conjuntura temos a seguinte afirmação: A “catequização indígena realizada pelos jesuítas era, também, uma atuação educativa, na medida em que formar o cristão era forjar uma parte importante e essencial da cultura ocidental”. Costa (2010, p.67).

Costa (2010), ainda explica que:

Os indígenas passaram por um processo de aculturação, sendo despojados, em um primeiro momento de sua cultura e, depois, vestidos com uma nova cultura, que era dos jesuítas, mas representava a cultura portuguesa no período. Não estamos à procura de vilões ou heróis, mas tão-somente compreendemos os dois lados como culturas diferentes, que foram se transformando pelo contato e convívio.

Os jesuítas não foram destruidores de uma cultura, ao menos não de forma consciente, pois acreditavam estar prestando um serviço ao cristianismo e à humanidade, promovendo a salvação das “almas perdidas” dos silvícolas. Utilizaram-se do ensino como instrumento de catequese e deixaram seu legado, pois é impossível nos referirmos à educação no período colonial sem ao menos citar os missionários da Companhia de Jesus. (COSTA, 2010, p.67).

Fundamentado nas reflexões de Paiva (2002, p.98) concordamos com o autor ao afirmar que a missão dos jesuítas no Brasil deve ser estudada à luz da organização social portuguesa quinhentista. Costa e Oliveira, (2015, p.230), alertam que “assim que chegaram ao Brasil, os jesuítas partilharam da visão do índio como o bom selvagem, como uma espécie de *tábula* rasa em poderiam “escrever” a religiosidade crista”.

Sendo assim a conversão dos mesmos à cultura europeia seria uma questão de tempo, na concepção jesuítica. Todavia com o passar do tempo a realidade foi mostrando que tal concepção era mais complexa do que julgaram inicialmente.

Diante dessa realidade outras estratégias foram adotadas pelos jesuítas, como expressa Oliveira e Costa, (2015, p.230), logo, tiveram de tomar medidas mais rigorosas, “como o auxílio da armada nas viagens missionárias e o processo de aldeamento dos índios. Já que pela via pacífica, os índios não cediam com tanta facilidade”. Terra (2000, p.31) ao falar sobre o aldeamento afirma que: “logo que os jesuítas chegaram ao Brasil, perceberam a necessidade do aldeamento dos índios para poder garantir a evangelização de um modo eficaz e duradouro”.

Diante de mais um contexto problemático, os padres tiveram de fazer uso do poder militar da coroa portuguesa para impor pelo método da força seus objetivos citados acima, ou seja, educa-los na perspectiva europeia, divulgando a fé e a cultura. Interessa aqui a reflexão de Oliveira e Costa (2015) ao expor essa situação quando afirmam que:

Essa atuação dos jesuítas no Brasil do século XVI, de catequese e educação em meio aos índios, visando forjar um cristão católico reformado português, submisso ao Rei de Portugal e ao Papa, foi empreendida a partir de uma mentalidade mercantil, própria do contexto quinhentista lusitano. Assim como as mercadorias, o mercar das almas era quantificado e comemorado como o enriquecimento do reino espiritual. (COSTA E OLIVEIRA 2015, p.231)

Mas nem tudo era descontentamento, pois Nóbrega relata o sucesso da educação, ou seja, a doutrina estava sendo ensinada e divulgada entre as crianças, como consta nessa afirmação.

“O Irmão Vicente Rijo ensina a doutrina aos meninos cada dia e também tem escola de ler e escrever; parece-me bom modo este para trazer os índios desta terra, os quase têm grandes desejos de aprender e, perguntados si querem, mostram grandes desejos”. (NOBREGA, 1988, p.72).

Dessa maneira os padres procediam em sua missão, ensinado as orações e as doutrinando-os na fé, o grande objetivo era levá-los ao batismo, e começar a viver como os europeus, no modo de se vestir e de se comportar também. Um ano depois da chegada da primeira missão, chega a segunda missão jesuítica, trazendo os padres Afonso Braz, Manoel de Paiva, Francisco Pires e Salvador Rodrigues.

Os recém-chegados jesuítas, são deslocados, para trabalhar no Espírito Santo, Ilhéus e Porto Seguro. Mas sem dúvida que o jesuíta de grande relevância, que aqui chegou foi ¹¹José de Anchieta na terceira missão.

¹¹ “José de Anchieta Apesar de ter nascido na Ilha de Tenerife, no arquipélago das Canárias, na Espanha, padre José de Anchieta ficou conhecido como o “apóstolo do Brasil” por sua atuação no País. Chegou ao Brasil em julho de 1553, com outros seis jesuítas e, em menos de um ano, dominava o tupi com perfeição. Ao longo dos 43 anos em que viveu no Brasil, participou da fundação de escolas, cidades e igrejas. Anchieta não só trabalhou como catequista, mas também tornou-se dramaturgo, poeta, gramático, linguista e historiador. Vale ressaltar que foi o autor da primeira gramática brasileira. Em janeiro de 1554, participou da missa de inauguração do Colégio de São Paulo de Piratininga, hoje Pateo do Collegio, local que deu origem à cidade de São Paulo. Entre as características marcantes da atuação de Anchieta estão a disseminação dos preceitos cristãos utilizando particularidades locais e, assim como os demais jesuítas, a oposição ferrenha aos abusos cometidos pelos colonizadores portugueses contra os indígenas. Em 1563, com o apoio dos franceses, a tribo dos Tamoios rebelou-se contra a colonização portuguesa”.

<http://www.jesuitasbrasil.com/newportal/institucional/sao-jose-de-anchieta>.

José de Anchieta, ao lado de Manoel da Nóbrega, escreveu alguns parágrafos da história do Brasil, quando, para evangelizar, instrumentalizou-se e ajudou aos companheiros missionários para a catequização. Escrevendo o próprio material didático e recorrendo às artes cênicas, a poesia e a música, inaugurou no Brasil a literatura e o teatro.

A imagem que foi perpetuada, pintada em tons mais fortes pelos seus biógrafos, também integrantes de sua ordem religiosa, é a de herói, trabalhador incansável e educador, que perpetuou a educação no Brasil colonial e dedicou a sua vida à obra missionária. (COSTA 2010, p.33)

José de Anchieta chega acompanhando o terceiro grupo, em 1553, a esperança era encontrar um campo fértil para o trabalho missionário, mas encontrar também alívio para a enfermidade que ele sofria. Havia uma residência destinada para os padres, ao lado do colégio, que já havia sido fundada em Salvador, foi nessa residência que Anchieta foi recebido. Nessa época o Brasil já possuía o seu bispo, chamado Dom Pero Fernandez Sardinha.

Ainda em 1553, Anchieta recebe uma incumbência, enviada direta do padre Nóbrega que era o responsável pelo cuidado da missão jesuíta do Brasil. Sua missão, fundar um colégio numa região conhecida como planalto de Piratininga, com o objetivo de expandir a missão mais adentro da selva.

Mais tarde esse colégio recebe o nome de São Paulo, assim a Companhia de Jesus crescia e se desenvolvia no Brasil, sempre com objetivo de evangelizar e difundir os bons costumes entre nativos e colonos, mesmo que isso representasse a própria vida dos missionários.

Seu crescimento não se deu somente no Brasil, mas no mundo todo a Companhia se tornou uma grande força dentro e fora da igreja, isso porque a experiência social se fizera outra, exigindo comportamentos diferentes. “Sua ligação à sociedade mercantil tradicional os impedia, naturalmente, de sentir a nova face do capitalismo marcada pela industrialização”. Paiva (2002 p.99). Sua hegemonia no mundo e principalmente no Brasil são marcantes. Somente na metade do século XVIII os jesuítas começam a ser banidos dos diversos países onde se achavam instalados, em Portugal por exemplo isto se deu em 1759, no reinado de D. José I, sendo primeiro ministro o Marques de Pombal. O fechamento da Companhia de Jesus como uma ordem missionária culminou com a decisão papal em 1773, mas ressurgiria em 1814 com igual espírito e

disciplina. Para facilitar o processo de catequização dos índios no Brasil, os jesuítas organizaram aldeamentos, que também eram chamados de missões.

1.3 MISSÃO PEDAGÓGICA JESUÍTICA.

A Companhia de Jesus apresenta um papel fundamental contra os avanços desse movimento e a educação era um caminho.

Na concepção de Bonato (1998).

A Reforma Protestante do século XV colaborou, intensamente, para que a Igreja Católica, com receio de perder seu terreno de influência sobre as almas para suas opositoras, as igrejas protestantes, luterana na Alemanha e calvinista na Inglaterra, passasse a investir massivamente na evangelização - cujo instrumento mais poderoso era, sem sombra de dúvida, a educação. Com efeito, o enorme investimento católico no ideal educativo deveu-se não só à cumplicidade que aliava a igreja aos interesses coloniais dos impérios monárquicos, em especial os impérios espanhol e português, através de um projeto de educação que consistia em formar o homem, emancipando-o por meio da razão e da cultura; mas também decorreu, e talvez predominantemente, de um ideal religioso de salvação das almas, especialmente das populações autóctones das colônias europeias. É neste contexto que se dá o surgimento dos jesuítas, em que a educação tinha o objetivo de prestar estes serviços à Igreja. A salvação ou educação das almas deve ser entendida, aqui, como o aprendizado religioso dos alunos para sua conversão ao cristianismo católico. (BONATO 1998, p.42)

Podemos considerar alguns objetivos dos inicianos com a Companhia de Jesus a saber: expandir a religião católica para as novas terras que estavam sendo descobertas no século XVI, principalmente pelos portugueses e espanhóis, evangelizar os índios introduzindo hábitos e costumes europeus nos locais descobertos e desenvolver a educação formal por meio da sua ação pedagógica.

No trabalho dos padres inicianos no Brasil a partir de uma missão pedagógica, no regimento de 17 de dezembro de 1548, encontramos seis soldados de Cristo que chegam ao Brasil trazendo consigo plantas, animais e medicamentos, mas também trazem livros com o propósito de ensinar aos gentios.

Além da visão evangelística de converter os índios a santa fé católica, a missão pedagógica e educacional também é algo relevante na convivência dos padres com os índios. Mesmo sabendo que as atividades educacionais não era o propósito inicial da companhia, a educação foi um meio de aproximação eficaz para garantir o sucesso da evangelização. Cantos (2009), ressalta que:

As atividades educacionais não figuravam entre os primeiros propósitos da Companhia de Jesus. De início podemos dizer que a catequização e evangelização norteavam os caminhos da ordem jesuítica, porém a educação, veio a tornar-se uma das principais atividades exercidas por aqueles padres. (CANTOS 2009, p.54).

Pois pouco tempo depois da chegada de Nóbrega já é relatado em cartas a criação de uma escola, e junto com seus parceiros viajavam por toda a costa Brasileira na busca de um lugar conveniente para a construção de um colégio principal, um centro espiritual, religiosos mais sobre tudo educacional.

Pouco depois de sua chegada à Bahia, Nóbrega criou a sua primeira escola e, com os padres que posteriormente chegaram, visitou em viagens fatigantes, todo o litoral, desde Pernambuco até Santos, e fundou a casa em São Vicente. Mas ainda não encontrou o lugar conveniente para o colégio principal, para o centro espiritual e religioso que, pouco a pouco, deverá actuar sobre todo o território. (BRANCO 2016, p.2).

Esse trabalho não tem o propósito primário de tratar da vida e obras dos padres jesuítas, mas não podemos deixar de considerar que o padre Manuel da Nóbrega, assumiu também a função de professor durante os anos que viveu e conviveu com os nativos aqui no Brasil. Como já vimos, ele construiu escolas, organizou estratégias de ensino e estabeleceu as missões.

Como motivação, destaca-se que os padres enfrentaram situação bem delicada, como apresenta Branco (2016):

Os jesuítas tomam conhecimento da situação real do território, logo após a sua chegada. Antes de ensinar, querem aprender, e, imediatamente, um deles trata de aprender o idioma dos índios. Estes ainda se acham no mais baixo grau da época nómada. Andam nus, não conhecem o trabalho, não possuem ornamentos, nem os mais primitivos utensílios. Quando precisam de comer, tiram das árvores ou dos rios o que necessitam e logo que consomem tudo o que encontram numa região, mudam-se para outra. De acordo com os registos dos

jesuítas, os índios constituem uma raça de boa índole e mansa. Os índios guerreiam-se entre si, apenas para fazerem prisioneiros, que devoram no meio de grandes solenidades e/ou cerimónias. Quando os sacerdotes tentam dissuadi-los do canibalismo, esbarram mais com uma admiração da parte deles do que com uma verdadeira resistência, pois esses selvagens ainda vivem fora de qualquer noção de civilização ou de moral e o devorar prisioneiros para eles não significa senão mais um prazer como tantos outros da vida animal. (BRANCO 2016, p.3).

A citação acima revela, entre outras coisas, a realidade educacional em que esses ameríndios se encontravam, a ponto de serem considerados como selvagens e vivendo fora de qualquer noção de civilização. Na visão de Nóbrega são brutos, sem vocábulos, sem ideias sobre o religioso.

O ensino e a educação foram os caminhos para as transformações, principalmente a mudança moral. Um processo de mudança por meio da educação é um projeto de longo prazo e os jesuítas sabiam muito bem disso, não descartaram ensinar e educar aos adultos, mas diante de um processo de longo prazo, voltaram seus objetivos para as crianças. Assim acreditavam obter maior êxito, para isso foi necessário fixar um local para onde se direcionassem as crianças afim de receber as devidas instruções.

As crianças agora aprendiam a ler, escrever e acima de tudo a praticar os “bons costumes” segunda a filosofia cristã. Os padres ofereciam atenção especial, pois essas crianças poderiam ser forte agente de influência positiva juntos aos seus pais. Nisso se centrou parte expressiva da tarefa da Companhia no Brasil.

A Companhia de Jesus, passa a ter como tarefa a educação da juventude, pois para eles os adultos já tinham as almas perturbadas, enquanto os jovens poderiam converter-se ao cristianismo. Foi assim que se espalharam pelo mundo, colocando-se a serviço da educação, formando escolas e trazendo para o interior da Igreja Católica novas vocações e sacerdotes das colônias europeias de influência católica. (BONATO 1998, p.41).

Nessa conjuntura, a evangelização das crianças tornara-se uma maneira de viabilizar a conversão em massa, pois na concepção dos padres jesuítas, dos

meninos se poderia esperar muito fruto uma vez que ainda não estavam completamente imbricados com os costumes de seus pais.

Chambouleyron (1999) relata que: Com efeito, com o passar do tempo, “consolidava-se a convicção inicial de que os meninos índios não somente se converteriam mais facilmente, como também seriam o grande meio, e breve, para a conversão do gentio”.

A missão pedagógica dos jesuítas seguia nesse paradigma de atrair os meninos para que os mesmos recebessem uma educação diferenciada daquela que receberiam se estivessem juntos aos seus pais. O padre Navarro, na primeira carta avulsa datada do dia 28 de março de 1550, faz uma observação quanto a educação dos jovens longe dos seus pais

[.]Só aos pequenos acho com boa inclinação, si os tirássemos de casa de seus pães, o que não se poderá fazer sem que Sua Alteza faça edificar um colégio nesta cidade com destino a essas crianças para as educar, de maneira que com os maus costumes e malícia dos pães se não perca o ensino que se ministra aos filhos. (NAVARRO 1988, p.77)

Os frutos da evangelização e da educação dos mais jovens é uma preocupação corrente em vários relatos encontrados nas cartas pesquisadas. Na carta do padre Francisco Pires que se encontra na décima quarta avulsa, do padre Navarro, há um importante relato onde os padres já são auxiliados pelos meninos da terra. Os “meninos da terra fazem muito fruto, e ajudam muito bem aos Padres, e espantam-se verem-nos falar com fervor, e sem medo nem vergonha de Nosso Senhor”. Navarro (1988, p. 155).

Deste modo as crianças da terra educadas nas escolas jesuítas, vão fortalecer a nova cristandade, pois na concepção de Nóbrega esses jovens, bem doutrinados, vão desenvolver outras virtudes, substituindo desse modo as antigas práticas de seus pais.

Em 1556 na vigésima carta avulsa, enviada para o padre Ignácio, encontramos um trecho relevante sobre a mudança de postura e comportamento dos meninos da terra, esses juntos dos meninos órfãos, agora vão pelas aldeias, ensinando as doutrinas aos menores para que desde já se consolidem os bons costumes, segundo o pensamento cristão dos jesuítas.

Estão estes meninos tanto adiante por haver tão pouco tempo que se começou esta obra, e respeitando as más inclinações que herdaram de seus pães, porque com a conversação e magistério dos Padres, em os costumes estão modestos e

muitos deles sabem as orações de cór. Têm por costume quando nos encontramos saudarmos: Jesus, Irmão, e com este benditíssimo nome vi eu muitos deles exortar-se uns a outros quando andavam trabalhando a par de nossa igreja. A' noite manda o Irmão aos meninos que estão em casa que são cristãos, que vão pelas casas da aldeia a ensinar a doutrina, levando em sua companhia alguns dos órfãos de Portugal. Outros bons costumes lhes ensina o Irmão conforme a sua idade tenra, para que se vão criando em virtude e boa criança e sejam exemplo aos que depois deles vierem. E com estes inocentes tem ele sua consolação, porque os pães deles se acarretam dificultosamente para as cousas de Deus. (NAVARRO, 1988, p.186).

Foi comum encontrarmos nas cartas jesuíticas do período estudado referências ao desejo dos ameríndios de entregarem seus filhos para que fossem educados pelos padres. Isso fica mais claro ainda quando observamos o relato do padre Anchieta. Ele informa nesse trecho uma rotina executada pelos catecúmenos que frequentam escolas, sendo instruídos e recitando juntos a ladainha. Estamos fazendo referência à primeira carta do padre Anchieta de 1554 onde encontramos:

Moramos aqui presentemente oito Irmãos aplicados na doutrina destas almas e pedindo a infinita misericórdia divina, para que finalmente nos conceda por algum tempo acesso para combater outras muitas gerações com a palavra de Deus, ás quais todos cremos que, se lhe pregamos, se converterão á fé. Estes, entre os quais vivemos, trazem-nos voluntariamente seus filhos para os ensinarmos, os quais, sucedendo depois a seus pais, tornem o povo agradável a Cristo; dentre eles quinze batizados e muitos outros catecúmenos frequentam a escola otimamente instruídos, tendo por mestre o Irmão Antônio Rodrigues^ antes do meio dia, depois da lição, recitam juntos na igreja a ladainha e depois do meio dia, entoado o cântico Salve-Rainha, se dispersam; em cada sexta-feira, disciplinando-se com suma devoção até fazerem sangue, saem em procissão.(ANCHIETA 1988, p. 48,49).

Por esse relato é possível constatar o impacto da convivência dos meninos com os padres jesuítas e a importância de que o trabalho pedagógico de ensinar as crianças ande de mãos dadas com o trabalho da evangelização. “Assim, não se tratava somente de aprender a doutrina e as coisas da fé. Para os padres, o mais difícil era justamente perseverar nos bons costumes”. Chambouleyron. (2010,).

O índio adulto tinha enraizado uma cultura própria e isso quase que impossibilitava a evangelização dos mesmos, situação que ainda não era observado nas crianças. A partir dessa premissa a frustração dos padres jesuítas foi menor, se conseguissem converter primeiramente as crianças, essas poderiam, por meio da convivência com seus pais, também mudar a forma de pensar dos mesmos. O método era esse conviver com as crianças mais tempo que os próprios pais. Costa (2010) acredita que:

Uma das estratégias que os Inacianos lançaram mão foi a evangelização dos curumins, as crianças indígenas. As crianças ocupavam um lugar especial nas aldeias e vieram a ocupar, ao menos durante algum tempo, a centralidade na catequese jesuítica. Os pequenos poderiam ser utilizados como instrumentos para a expansão do cristianismo por vários motivos, observados astutamente pelos padres. Em primeiro lugar, sofreriam menos a influência dos pajés e dos antigos costumes, talvez por não terem vivido ainda tempo suficiente para que esses costumes fossem arraigados. Conforme crescessem na doutrina cristã poderiam se tornar os novos porta-vozes de Cristo e influenciar os demais meninos e homens da tribo. (COSTA, 2010, p.72).

A inocência infantil por parte das crianças indígenas e a imposição sistemática e metódica do método de educação jesuítico poderia ser a garantia do sucesso no processo de educação e formação de uma nova cultura nos nativos impactando as futuras gerações.

Costa (2010, p.73) apud Freyre (1987, p.227) aponta para o fato de que a instrução do menino era vantajosa para os missionários, pois destruiriam no “selvagem, o mais breve possível, tudo o que fosse valor nativo em conflito sério com a Teologia e com a moral da Igreja”.

CAPÍTULO II.

EVANGELIZAÇÃO E CONVIVÊNCIA NO BRASIL QUINHENTISTA.

2.1. O ENSINO E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA: LER E ESCREVER.

Para esse trabalho ao fazer referências à evangelização e catequese, vamos entender que o conceito de catequese aqui é a mesma da compreensão de Paiva (1982.p,51), “por catequese se entenderá toda a ação pastoral da igreja: a doutrinação expressa, a prática devocional e o próprio comportamento dos cristãos”.

Nosso objetivo primário é olhar as principais cartas produzidas pelos primeiros jesuítas que aqui chegaram (padres Manuel da Nóbrega, ¹²João Azpilcueta Navarro, José de Anchieta), e resgatar diretamente dessas cartas o processo de evangelização, aplicada pelos Jesuítas para a conversão dos índios pagão e gentios, através da imposição da fé cristã e da cultura europeia. Os membros da Companhia de Jesus consideravam o índio um grupo inferiorizado se comparado com os portugueses.

A ideia dos Jesuítas era introduzir os índios na fé cristã, para isso a cultura europeia havia de ser imposta ao comportamento cotidiano dos nativos. “Tratava-se de arranjar um lugar e um papel para os índios dentro da sociedade portuguesa”. Paiva (1982.p, 52). E para isso aprender a se comunicar com os índios foi um caminho percorrido para efetivação da evangelização.

Os nativos pagãos não tinham como mensurar ou avaliar os objetivos das ações dos jesuítas para com eles, que no fundo era levar a evangelização aos perdidos e não batizados. Como evidenciamos na afirmação de Paiva (1982.p,52). “Evidentemente não tinham capacidade de raciocínio crítico para perceber o uso indevido da catequese pelos portugueses”.

¹²“João de Azpicuelta Navarro, padre jesuíta, de origem nobre da Casa dos Azpilcueta do reino de Navarra, chega ao Brasil em 29 de março de 1549, juntamente com o 1o. Governador Geral Tomé de Souza e com a 1a. missão jesuítica integrada pelos padres Manoel da Nóbrega, Leonardo Nunes, Antonio Pires, Diogo Jacome e Vicente Rodrigues. Compõe com Manoel da Nóbrega e José de Anchieta a tríade dos chamados “tempos heroicos” (1549-1570) da Companhia de Jesus no Brasil. Exímio linguista pode ser considerado o primeiro mestre na língua nativa (língua geral) dos gentios. Em 1550 traduziu para a língua geral, orações e sermões para o trabalho de catequese. Morre em 30 de abril de 1557, na Bahia”.
http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_b_azpilcueta_navarro.htm

A práxis da catequese portuguesa se processava por meio da educação, que se configurava como o principal meio de evangelização utilizada pela Companhia de Jesus para manter a fé é a hegemonia da igreja em todos os lugares da terra. Mattos (1958,p,37) contribui com essa ideia no contexto brasileiro ao afirmar que: “No Brasil, a origem das instituições escolares pode ser localizada em 1549 com a chegada dos jesuítas que criaram na então colônia portuguesa a primeira escola Brasileira”.

Os padres jesuítas acreditavam na transformação dos comportamentos dos índios através da catequese. Para os jesuítas, a catequese é salvação da alma e a passagem para essa transformação se dava pelas práxis da religiosidade, esse recurso foi o meio utilizado pela ordem de Loiola para transformar uma sociedade tribal em uma sociedade organizada pela disciplina e pelo trabalho.

A obra evangelizadora da Companhia de Jesus, buscava esse propósito evangelizar e catequisar. O importante era a salvação das almas, isso fica evidenciado na seguinte citação. “Os jesuítas correm as aldeias, anunciam a mensagem da salvação. Paiva (1982, p,54).

Os jesuítas ao se envolverem com os índios, observaram que esses nativos precisavam ser transformados e se propuseram a torna-los homens educados, segundo a perspectiva europeias, índios que não fizessem uso da antropofagia, do canibalismo, da nudez, da poligamia, da feitiçaria entre outros hábitos considerados pelos portugueses como selvagens ou primitivos.

Esse processo de transformação envolvia a aprendizagem e o desenvolvimento de novos hábitos, principalmente na alimentação, na higiene, cuidados com saúde, realização de trabalho e de culto.

Essa estratégia aplicada pelos jesuítas iria, gradativamente, transformando o indígena em um cristão e servidor dos novos senhores. Aprendiam atitudes ligadas à religiosidade cristã, cooperação, ordem e disciplina.

Há uma percepção jesuítica, que para evangelizar os indígenas em um ser cristão, culto, europeu, inteligente e civilizado seria necessária uma prática ou um método de evangelização a longo prazo, permanente e repetitivo, sempre na perspectiva de construção de novos hábitos culturais.

A evangelização desenvolvida pelos Inacianos é um aspecto da nossa história que merece uma atenção. Para isso o item deste trabalho além de descrever, também vai analisar as atuações dos jesuítas a partir da evangelização, educação e catequese. Foi justamente por esse viés que a Companhia contribuiu para com uma modificação de uma realidade antropológica, cultural e social atendendo assim as orientações do Concílio de Trento como verificado abaixo.

É importante destacar que Portugal foi uma das poucas nações que aceitaram de forma incondicional as decisões do Concílio de Trento, visando a sustentar os princípios dogmáticos da Igreja Católica diante da Reforma Protestante. Oliveira (2011, p.3).

Os padres jesuítas demonstraram bastante paciência e criatividade no processo de evangelização dos índios brasileiros, as cartas de diferentes autores jesuítas nos relatam que como recurso didático, apropriavam-se das danças, músicas e representações teatrais para conquistar o índio para o cristianismo.

Mas foi Anchieta que se destaca com o uso do teatro, como afirma Oliveira, (2011).

O padre José de Anchieta, por exemplo, contribuiu muito na conversão dos gentios, utilizando como instrumento o teatro, a serviço de Deus e o rei português, pois a prioridade e o sentido do seu teatro eram a formação de um ambiente cultural português e cristão, facilitando a conversão dos índios, ou seja, ensinando-os a “não comer carne humana, não ter mais que uma mulher e serem amigos do português e muito mais dos padres”, que cuidavam deles. Dessa forma, observa-se que o teatro constituiu um veículo eficaz de aculturação dos povos nativos. (OLIVEIRA 2011, p.5).

Na concepção de Costa (2010)

O teatro que os jesuítas utilizaram no processo de evangelização é bem estudado e bastante discutido em nossos dias. No Brasil, um dos principais escritores de peças sacras naquele período foi José de Anchieta. Geralmente em forma de autos, foram escritos pelo sacerdote e adaptados à língua tupi para que fossem encenados pelos indígenas. Antes da chegada dos jesuítas já eram encenadas peças teatrais pelos colonos, mas os padres souberam instrumentalizá-las para alcançar os nativos, utilizando-se de elementos que os índios conheciam para auxiliar no despojamento dos antigos costumes e apreensão dos novos, considerados “civilizados” e cristãos. (COSTA, 2010, p.68).

Fontes primárias, como as cartas dos primeiros jesuítas, indicam que José de Anchieta utilizava o teatro como uma ferramenta essencial e didática a serviço da propagação da fé e da aprendizagem da língua portuguesa pelos gentios nativos primitivos. O teatro foi um veículo de aculturação, na concepção de Ferreira Jr (2004).

De acordo com fontes primárias, como as cartas dos primeiros jesuítas, viajantes e cronistas do Brasil colonial, o teatro foi introduzido concomitantemente à ocupação territorial patrocinada pela Coroa Portuguesa. Portanto, tal como na atividade educacional, os jesuítas foram pioneiros e exerceram o monopólio no âmbito das artes cênicas representadas nas terras brasílicas, pois somente na segunda metade do século XVII surgiu um cultor de teatro fora da Companhia. (FERREIRA JR 2004, p. 179).

Segundo Barros (2012, p.120) “Mas especificamente no Brasil, o teatro anchietano, foi uma das formas mais eficazes, que os membros da Companhia de Jesus encontraram para levar os indígenas a assimilar a cultura e a religiosidade portuguesa”. A autora ainda reforça a relevância do teatro desenvolvido por Anchieta ao afirmar que:

Quando Anchieta chegou no Brasil aos vinte anos, ele começou a escrever poemas, autos e cartas históricas, religiosas e poéticas com descrições da vida e da flora e fauna Brasileira, e sua formação como dramaturgo aconteceu no meio dos índios, sem livros e ligada totalmente ao mundo português, metropolitano e colonial. Ele escreveu com o objetivo de catequizar e evangelizar os índios e os colonos, e com a instrumentalização do teatro, ele conseguiu transformar o Brasil “pagão” em católico e cristão. (BARROS, 2012; p.123)

No século XVI durante a evangelização do indígena, essa ferramenta foi utilizada como um forte instrumento para que a concretização da evangelização acontecesse. O objetivo desse método didático era a formação de um ambiente cultural cristão e português, esse caminho facilitava a conversão dos índios e aproximação de convivência entre o nativo e o evangelizador.

Tudo que pudesse ser usado para facilitar a evangelização era utilizado como instrumento de ensino, dominação e aculturação. Assim imprimiam os costumes, as culturas e crenças do homem europeu na sociedade indígena.

Outros recursos eram usados pelos jesuítas para divulgar e converter os nativos à fé católica, citaremos nesse item, as peças teatrais que eram

representadas e a música cantada na linguagem indígena, nesse caso o Tupi língua nativa que foi aprendida pelos jesuítas para facilitar a convivência.

Para Barros (2012, p. 120). “Os Jesuítas, cuja missão oficial consistia em catequizar os índios na terra recém-conquistada, por volta dos anos de 1549, se apropriaram das danças, música e representações”.

Terra (2000, p.116). Diz que “Anchieta, nas suas excursões missionárias, usava uma Bíblia com imagens para evangelização dos índios. Frequentemente recorria também a outros recursos audiovisuais: canto, músicas, representações teatrais”.

O teatro era um recurso para a conversão do índio, aprendizagem da nova linguagem entre outros propósitos, seu objetivo continua na perspectiva de modificar a forma de pensar do índio, assim como a cultura indígena também era mudada, pois nas representações e nas dramatizações havia momentos em que os mitos e as crenças do índio eram ridicularizados e as crenças católicas valorizadas, Hernandez (2010) informa que:

Anchieta, por sua vez, fez teatro por aqui, não somente em português, como em tupi, o que contrariava as regras eclesiais romanas. Além do quê, os santos, São Lourenço e São Sebastião, foram transformados em guerreiros indígenas a caçar os inimigos, inclusive com arco e flecha. E, para não restar dúvidas de que Anchieta lançou mão de todos os recursos possíveis em sua “pedagogia brasílica” para o aperfeiçoamento de almas na doutrina cristã, bastaria dizer que ele criou A paixão de Cristo em tupi, fazendo com isso um híbrido do sacrifício cristão com personagens próprias das matas brasileiras, como Tupã e Anhangá. (HERNANDES 2010, p.240).

Os próprios “índios foram transformados em atores e catequistas de seus irmãos e tiveram sua capacidade ritualística aproveitada pelo padre Anchieta”. Barros (2012, p.127). A dramatização era um recurso para evangelização, mostra o erro em que viviam os índios e a forma correta em que deveriam começar a conviver e viver em seu cotidiano nas aldeias e nas relações com os padres. Barros (2012) contribui com essa análise ao afirmar que:

O teatro foi à forma utilizada pelos portugueses para que os índios entendessem, com instrumentos visuais, o que realmente os missionários queriam deles, torna-os portugueses-brasílicos, tanto que se apropriaram dos signos indígenas de uma forma que transformaram os índios em cristãos. Sendo que essa atividade, principalmente as crianças ajudavam a “regular” os

costumes indígenas nos adultos, e contribuiu para a formação educacional do Brasil no século XVI. (BARROS, 2012, p.135).

Para se aprofundar e entender mais ainda a cultura e os costumes indígenas o padre José de Anchieta foi ousado e inteligente o bastante, a ponto de produzir um catecismo, entre outras obras literárias, em Tupi. Esse foi um legado de vital relevância, no processo árduo da evangelização dos nativos primitivos, pois proporcionou o ensino do Tupi aos europeus.

Reforço que Anchieta foi um relevante missionário que aprendeu a língua Tupi, só para se comunicar melhor com os nativos, usou o teatro, a poesia, produziu gramática, vocabulários e até o próprio catecismo, e assim colaborou na promoção da cultura, educação, religiosidade e da fé do nosso país. Esse instrumento foi um auxílio de grande importância aos padres e missionários, que tinham como missão a conversão dos gentios, que havia por toda a costa do Brasil.

Anchieta entrou em contato com a cultura indígena, seus costumes, usos, idiomas e chegou a escrever uma gramática de Tupi, na qual nesta língua que ele escreveu o *Diálogo da Fé ou Doutrina Cristã*, que era considerado uma espécie de livro de instruções para preparar os índios ao batismo e a uma vida em obediência moral. Ou seja, falar com o índio em sua própria língua tornou-se tão fundamental, que estabeleceu a comunicação entre os jesuítas, que poderiam introduzir seu universo, e os índios, receptores dos novos conhecimentos portugueses. (BARROS, 2012, p.124).

Já para Serafim Leite (1939, p.550), fazendo referência para a obra de Anchieta afirma: “É a primeira gramática publicada na língua tupi-guarani, monumento de inapreciável valor linguístico e filológico, glória da Companhia do Brasil, o facto que deu a Anchieta maior renome”. No relato da primeira carta do padre Nóbrega ao padre Simão Rodrigues, em 1549 é possível observar esse esforço em aprender a linguagem como é possível constatar na citação a seguir.

Trabalhamos de saber a língua deles e nisto o padre Navarro nos leva vantagem a todos. Temos determinado ir viver com as aldeias, como estivermos mais assentados e seguros, e aprender com eles a língua. (NÓBREGA 1988, p.73).

Para Leite (1938), uma das regras básicas da Companhia de Jesus era que todos deveriam aprender a língua da terra onde residiam, encontramos no

capítulo dois de seu livro “história da Companhia de Jesus no Brasil, tomo dois, a seguinte afirmação:

Ao chegarem os padres ao Brasil, sem deixarem a portuguesa, verificaram que, para atrair e catequizar os índios, era indispensável saber a língua deles. Desta regra a desta verificação provieram múltiplas vantagens para a catequese e para a ciência. Os dois principais campos de atividade dos jesuítas, nos primeiros tempos, foram a capitania de S. Vicente e a Baía. A pregação na língua começou simultaneamente em ambas, mas com vantagem em S. Vicente, porque ali iniciaram-na alguns portugueses vindos há muito para a terra, e que ao agregarem-se à Companhia, já dominavam a língua tupi, falada na costa do Brasil. (LEITE 1938 p.545)

A estratégia da evangelização apresentada é conhecer melhor a língua falada pelo índio, conviver com eles e doutriná-los aos poucos, pois não conhecer a linguagem do índio supõe-se uma barreira para o processo de evangelização, concordamos com Pompa (2001, p.78), quando afirma que “o problema da língua indígena e de seu uso veicular o conteúdo da fé foi sentido, obviamente, logo no começo da evangelização”.

Esse problema da língua ou do vocábulo é uma preocupação de Nóbrega (1988, p.73). Principalmente para ensiná-los as palavras e as orações, o jesuíta em questão expressa assim sua concepção sobre o assunto: “Trabalhei por tirar em sua língua as orações e algumas práticas de Nosso Senhor e não posso achar língua que m'o saiba dizer, porque são eles tão brutos que nem vocábulos têm”. Nóbrega (1988, p.73)

Em nossa análise percebemos essa preocupação do padre Manoel da Nóbrega, por dois vieses: o primeiro, já que o indígena nem vocábulo tem, logo o processo de evangelização desses nativos se configuraria em algo difícil. Segundo: é o contrário do primeiro, a evangelização, poderia se tornar facilitada justamente por causa de seus vocábulos pouco compreensíveis. Dentro desse contexto, uso a afirmação de Barros (2012), ao falar sobre o processo de evangelização diz:

A chegada da Companhia no Brasil em 1549 trouxe também uma crença de que sua tarefa aqui era de evangelizar, e havia sido preparada pela providência, fazendo com que os missionários acreditassem que isso fosse algo “fácil”, isto é, a conversão dos gentios iria acontecer de uma forma “tranquila”, mas com o decorrer do trabalho perceberam que os “maus-

costumes” dos índios eram de tal forma enraizados que atrapalhavam a conversão verdadeira. (BARROS, 2012, p. 122).

Aprendizagem da língua dos nativos se configurou em um desafio, desafio esse que foi enfrentado pelos jesuítas, e onde encontramos que o padre Navarro obteve sucesso. Pois foi a essa constatação que chegou Nóbrega na seguinte citação contida na sexta carta, destinada ao padre Simão Rodrigues no ano de 1550.

Na língua deste país alguns somos muito rudes e mal exercitados, mas o padre Navarro tem especial graça de Nosso Senhor nesta parte, porque andando pelas aldeias dos Negros, em poucos dias que aqui estamos, se entende com eles e prega na mesma língua e finalmente em tudo parece que Nosso Senhor lhe presta favor e graça para mais poder ajudar as almas. A' sexta-feira quando fazemos a disciplina, juntamente com muitos da terra e depois da predica sobre a Paixão de Cristo, ainda ele se reúne a nós, nos outros dias visita ora um, ora outro lugar da cidade e á noite ainda faz cantar aos meninos certas orações que lhes ensinou em sua língua deles, em lugar de certas canções lascivas e diabólicas que d'antes usavam. (NÓBREGA 1988, p.105).

Esse relato mais uma vez revela que o padre jesuíta ao conviver, quotidianamente, com o índio adquiriu conhecimento sobre a linguagem nativa, é dessa relação entre o homem branco europeu e o negro (índio brasileiro), há uma dimensão antropológica significativa, pois para finalidade da evangelização uma língua foi aprendida, e na visão do evangelizador aqueles que a princípio eram considerados brutos que nem vocábulos possuíam, agora já fazem orações cristãs em suas próprias linguagens e também aprenderam a cantar, o que nesse caso é uma forma de louvor em substituição às velhas canções consideradas pelos jesuítas diabólicas.

Wittmann, (2011) declara que a música foi usada sim pelos jesuítas como um meio de conversão ao cristianismo e é sobretudo um forte elemento centralizador para o diálogo religioso entre os jesuítas e os nativos primitivos.

A música era parte integrante dos rituais religiosos, fossem as cerimônias indígenas, católicas ou já misturadas pelo contato. É interessante notar também que, ao mesmo tempo em que permitia o aprendizado de outra língua, a música não ficou restrita a traduções linguísticas. De fato, a sonoridade ultrapassava a comunicação verbal tanto na audição de instrumentos musicais quanto no movimento das performances gestuais. Desta forma, a música tornou-se canal essencial da

tradução cultural e religiosa entre jesuítas e índios, perpassando toda a história das missões na América Portuguesa. (WITTMANN, 2001, p.152,153)

Chama sobre tudo nossa atenção nesse relato o uso da música e do canto, como uma forma de comunicação e linguagem. Sabemos, hoje, que esses elementos eram essenciais na evangelização do índio. Deixavam de cantar músicas em que produziam a cultura deles, consideradas pelos jesuítas de diabólicas tais como, o hábito de comer carne humana, o uso de pinturas no próprio corpo e até mesmo contra as guerras que produziam a morte do inimigo.

Terra (2000, p.126) ao comentar sobre a importância do canto, nos informa que: “o padre Nuno Gabriel compôs cânticos contra todos os vícios dos índios, nomeadamente para não comer carne humana, para não se pintar, para não matar”. Wittmann, (2011, p.152), corrobora ao afirmar que: Os “jesuítas passaram a considerar insuficiente a pregação da palavra como instrumento de catequização, sendo necessária a busca por outros meios que não estivessem baseados exclusivamente em atividades linguísticas”.

Nos relatos feitos aos jesuítas em Portugal, os primeiros missionários no Brasil se referem constantemente ao uso da música. Escrevendo da Bahia a 28 de março de 1550, o padre João de Azpilcueta Navarro conta aos padres e irmãos de Coimbra: “estamos a terminar a igreja em que cantarei a missa e ensinarei os nativos, em sua língua, porque transladei a criação do mundo, a encarnação de Jesus Cristo de modo que os artigos da fé se tornem claros para eles. Traduzi também os mandamentos de Deus e outras orações, que sempre lhes ensino em ambas nossas línguas e nas suas (Tupi), bem como o pai nosso, que fiz colocar no estilo de seus cantos, de modo que possam aprendê-los mais rapidamente; especialmente os meninos”. TERRA, (2000, p. 126,127) (NAVARRO, 1988, p. 76).

Encontramos outros relatos dos padres jesuítas fazendo referência aos cânticos como uma prática de evangelização eficaz, pois aprendem em sua própria língua vários temas religiosos, como a criação e até mesmo a oração do pai nosso, evidenciamos tal constatação na carta de Navarro datada do dia 28 de Março de 1550, acima e citada pelo padre João Terra em (2000).

O padre Navarro expõe que seu trabalho junto aos índios foi traduzir para a língua nativa a oração ensinada por Jesus aos seus discípulos que é o pai nosso, Mat. 6: 9-13 e Luc. 11: 2-4. A mesma oração pode ser proferida de forma

cantada, pois assim também se manifesta respeito e louvor ao Deus, que estava sendo apresentado aos índios.

Com a intenção de salvar as almas primitivas e para promover o trabalho evangelizador de proliferação do evangelho. O padre Manuel da Nóbrega, em mais um relato escrito no ano da chegada dos jesuítas, mencionou a celebração de uma missa cantada, ocorrida em 19 de julho de 1549.

Tivemos missa cantada com diácono e subdiácono; eu disse missa, e o padre Navarro a Epistola, outro o Evangelho. Leonardo Nunes e outro clérigo com leigos de boas vozes regiam o coro; fizemos procissão com grande música, a que respondiam as trombetas. Ficaram os Índios espantados de tal maneira, que depois pediam ao Padre Navarro que lhes cantasse como na procissão fazia... O padre Navarro fez muito fruto entre estes Gentios, lá está toda a semana. (NÓBREGA. 1988,p.86).

“Juan Azpilcueta Navarro atendeu aos pedidos dos índios e se tornou o primeiro jesuíta a ensinar-lhes orações cristãs cantadas, porém vertidas ao tupi”. Wittmann, (2001, p.153). Esse processo da aprendizagem dos cânticos e das orações é um processo aplicado principalmente para as crianças, pois os jesuítas perceberam que a relação com os menores poderia ser um caminho mais curto para a evangelização, sendo assim passam a oferecer oportunidade de aprenderem a sã doutrina.

Dentro dessa perspectiva é comum encontrarmos nas cartas narradas pelos padres jesuítas as informações de que os curumins (como são chamadas as crianças na língua nativa Tupi) cantam músicas, nas cerimônias religiosas católicas, já na língua nativa.

O gosto acentuado dos índios pela música e o desejo que manifestavam em expressá-la, desde os primeiros momentos do contato, fez com que alguns missionários se utilizassem dela como forma de aproximação e comunicação com os Tupi da costa. E o fizeram de maneiras diversas, através de sonoridades europeias e indígenas, gerando também misturas musicais. Com intuito de facilitar e de apressar o aprendizado dos índios, Navarro acabou por traduzir para a língua brasílica e a cantar ao modo indígena o Pai Nosso, a mais significativa oração católica de louvor a Deus. Desde o início da missão da Companhia de Jesus na América Portuguesa, tornaram-se corriqueiras mensagens cristãs expressas em estilo ameríndio (WITTMANN, 2011, p.159, 160).

No relato a seguir é possível perceber os ensinamentos religiosos, principalmente aos meninos. “Ensina a doutrina aos meninos cada dia e também tem escola de ler e escrever; parece me bom modo este para trazer os índios desta terra”. Nóbrega, (1988, p. 72).

A partir desse relato inicial percebemos a política de conversão ao cristianismo por meio da evangelização das crianças. Pois o índio adulto já havia desenvolvido alguns padrões culturais que não eram condizentes com a doutrina cristã, em razão dessa dificuldade, há um deslocamento de atenção para as crianças nativas.

Os padres inacianos constataram a dificuldade na conversão do índio adulto em contra partida, havia vantagens na evangelização dos curumins. Pois já cresceriam dentro de uma nova proposta de cultura, nesse caso a cultura portuguesa católica. Wittmann, (2011, p.153). Destaca também a esperança que os missionários depositavam nas crianças indígenas. “Elas lhes pareciam a via mais certa para a evangelização dos ameríndios, já que os adultos tinham seus costumes antigos muito arraigados”. Todavia a música cantada pelas crianças da terra poderia atrair os mais velhos.

A atuação catequética dos padres jesuítas estava centrada nas crianças indígenas, pois além de serem menos apegadas aos costumes gentios, se mostravam potenciais catequizadores de seus próprios pais ao cantarem nas suas casas a doutrina cristã. Mas além da informação frequente de que meninos pediam para aprender a música dos padres, o relato demonstra que tocar e cantar ao modo indígena chegou a atrair alguns respeitados anciãos. Esse fato pode ter gerado anseios entre os jesuítas de expandir a catequização àqueles que tinham influência sobre a comunidade, que concebiam estar regida pelas ações do demônio. A música seria o meio ideal para vencer o combate com as forças do Inferno. (WITTMANN, 2011, p. 77).

Os meninos órfãos enviados de Portugal para Brasil ajudaram aos padres na aproximação com as crianças indígenas dessa forma foram peças essenciais na evangelização e na convivência.

O uso de melodias e de ritmos indígenas acentuou-se com a chegada dos meninos órfãos, que vieram de Lisboa para auxiliar os jesuítas na catequização, especialmente dos índios que eram próximos deles na idade. No dia do embarque, as crianças seguiram em procissão pela capital portuguesa, carregando uma cruz e cantando uma cantiga que dizia “*Gran Senhor nos há nacido / humano e mais divino*”. O fundador do colégio narrou a emocionada despedida na beira do rio Tejo, quando os órfãos

se ajoelharam diante do santíssimo sacramento e cantaram a Salve Rainha e outras prosas e cantos para Nossa Senhora. Na hora da partida, que foi acompanhada por inúmeras pessoas, o padre Pero *Doménech* abençoou cada um dos pequenos. Diante das lágrimas de quem ficava e de quem partia, um dos meninos subiu na embarcação cantando em voz alta: “Os mandamentos de Deus / *que avemos de guardar / dados pelo Rey dos ceos / pera todos nos salvar*” (WITTMANN, 2011, p.160)

A evangelização por meio do canto e da música se tornou eficaz com os pequenos nativos primitivos, os padres agora com o auxílio das crianças órfãs oriundas de Portugal ensaiavam e cantavam hinos religiosos, tanto na língua da terra como na língua dos europeus.

A música havia se tornado um meio extremamente eficaz de diálogo com os nativos, fossem eles cristianizados ou ainda gentios. Na tentativa de obter o maior sucesso possível na transmissão do catolicismo, padres e órfãos ensaiaram e tocaram música conforme exigia a ocasião, em cada aldeia da América Portuguesa. Algumas vezes, música europeia, em outras, indígena ou mesmo resultados musicais mesclados, sem se excluírem. (WITTMANN, 2011, p. 170).

Terra (2000,) nos apresenta um sensível relato sobre a vinda dos meninos órfãos de Portugal e a música, o autor citado nos descreve que: Uma prova decisiva da importância que teve a música na catequese jesuítica e um relato do padre Doménech ao falar de sete órfãos que vieram como missionários ao Brasil com os jesuítas.

Antes de embarcar, no dia 7 de janeiro, os meninos órfãos eram questionados por amigos e aconselhados a não virem para o Brasil, onde os índios comiam carne humana... Seus amigos continuaram a objetar: “o que vocês sabem para poder ensinar os índios? Responderam: Deus é grande e dar-nos-á o que devemos dizer” ...Finalmente um dos órfãos, entrou no navio, com a cruz na mão, e começou a cantar um hino ao Rei dos céus, com tal fervor “que parecia que ele estava indo receber um martírio”. Depois de cantar o Salve Regina, o navio partiu para O Brasil.

Esta aventura missionária dos órfãos cantores teve duradoura repercussão no Brasil. Várias cartas jesuíticas se referem à eficácia dos cantos dos meninos na catequese: o padre Nóbrega diz “os meninos órfãos que mandaram de Lisboa atraem para si os filhos dos pagãos, com seus cantos, e são muito edificantes para os cristãos” (TERRA 2000, p. 127).

Wittmann, (2011), em sua análise confirma a importância tanto de evangelizar as crianças como do uso da música ao acrescentar que:

Como visto, a atuação catequética dos padres jesuítas estava centrada nas crianças indígenas, pois além de serem menos apegadas aos costumes gentios, se mostravam potenciais catequizadores de seus próprios pais ao cantarem nas suas casas a doutrina cristã. Mas além da informação frequente de que meninos pediam para aprender a música dos padres, o relato demonstra que tocar e cantar ao modo indígena chegou a atrair alguns respeitadores anciãos. Esse fato pode ter gerado anseios entre os jesuítas de expandir a catequização àqueles que tinham influência sobre a comunidade, que concebiam estar regida pelas ações do demônio. A música seria o meio ideal para vencer o combate com as forças do Inferno. (WITTMANN, 2011, p.177)

Costa 2009.p,8) apud Freyre (1987, p.227) aponta para o fato que a instrução do menino era vantajosa para os missionários pois destruiriam no “selvagem, o mais breve possível, tudo o que fosse valor nativo em conflito sério com a teologia e com a moral da Igreja. ”

Essa era uma estratégia que ocupou um lugar de destaque na evangelização dos nativos primitivos da terra Brasil, o trabalho dos jesuítas se concentrava na expansão da evangelização desses meninos pois como afirma Costa (2009.p,8) “Em primeiro lugar, sofreriam menos a influência dos pajés e dos antigos costumes, talvez por não terem vivido ainda tempo suficiente para que esses costumes fossem arraigados”.

O mesmo autor continua sua análise complementando que “Conforme crescessem na doutrina cristã poderiam se tornar os novos porta-vozes do Cristo ressuscitado e influência para os demais meninos e homens da tribo”. Costa (2009.p,8).

As expectativas com o uso da música no processo de evangelização eram positivas a partir dos pontos observados nos relatos feitos pelos jesuítas, principalmente nas cartas avulsas do padre Navarro, na vigésima carta quadrimestral da Bahia de 1557, encontramos várias referências sobre o canto, a música e os meninos órfãos como é possível verificar no trecho a seguir:

Estando, pois, tudo a ponto de os batizar, começaram os Padres e meninos a ladainha cantada, não com pequena devoção e lagrimas dos presentes, por ver como a piedosa clemência do Senhor se dignava de escolher a estes para filhos, nascidos de

gente tão bruta e boçal. Depois de feitos cristãos, nós fomos para dentro levando-os em meio de nós outros, cantando *Te Deum Lomdamus*, e os abraçamos, não como a servos e estranhos, senão como a filhos de Deus. (NAVARRO, 1988 p.184).

Além do batismo, a música, como agente de evangelização, é apresentada nessa carta em um outro momento que foi a celebração da missa, que recebeu a ajuda dos pequenos órfãos vindos da Europa para ajudar nesse processo de catequese. Essa missa foi pregada pelo padre Antônio Rodrigues que o fez na língua nativa. “A missa foi também cantada com ajuda de nossos devotos e dos meninos órfãos; a ela se acharam presentes muitos Gentios que não pouco se maravilhavam desta novidade”. Navarro (1988, p.185).

Essa novidade a qual o relato faz referência e justamente sobre o método dos jesuítas de evangelizar usando o canto e a música, pois essas cantigas poderiam ser feitas tanto na língua da terra como na língua dos evangelizadores.

Saíram os meninos de casa com sua cruz a os receber e juntos vieram todos em procissão, cantando pela cidade as ladainhas: alguns se disciplinavam, outros levavam a lanterna em a mão, do que se edificava a cidade, dando ao Senhor muitas graças. Em casa nos estava aguardando o Padre com muito alvoroço, e dele foram todos recebidos e agasalhados como costuma, *scūtctet*: com grande caridade e desejo de os ver a todos mui bons cristãos e pelo alegrar mandou o Padre aos meninos que lhe cantassem em sua língua e a nossa alguma cantigas, do que eles gostavam muito. Finalmente acabou-se esta festa com dizer tudo em voz alta a *salve* e as orações da doutrina. (NAVARRO 1988 p. 186, 187).

A partir desse ponto de vista percebemos que desde a chegada do padre Nóbrega cuja missão oficial consistia em evangelizar os nativos primitivos da nova terra, percebeu que essa evangelização perpassaria pela educação dos pequenos curumins. Pois desde o ano de sua chegada, Nóbrega observa que as crianças demonstravam interesse em aprender os rudimentos da leitura e escrita como é possível perceber no seguinte registro:

O irmão Vicente Rijo, ensina a doutrina aos meninos cada dia e também tem escolas de ler e escrever; parece-me bom modo este para trazer os índios desta terra, os quais tem grandes desejos de aprender e, perguntados si querem, mostram grandes desejos. Desta maneira ir-lhes-ei ensinando as orações e doutrinando-os na Fé até serem hábeis para o batismo (NÓBREGA, 1988, p. 72).

O ensinamento dos jesuítas como vimos acima estava sendo propagado, principalmente para as crianças, essas ao conviverem diretamente com os padres inacianos, começaram a aprender também outra língua e ter outro tipo de comportamento a ponto de desejarem ser semelhantes aos seus professores evangelizadores, como é possível perceber no trecho relatado por Nóbrega, (1988, p.72): “Destá maneira ir-lhes-ei ensinando as orações e doutrinando-os na Fé até serem hábeis para o baptismo. Todos estes que tratam conosco, dizem que querem ser como nós”.

Em nossa constatação o fruto da evangelização está ficando maduro, pois já há um desejo dos curumins de seguir o jesuíta, esse por sua vez ressalta que essas crianças ainda não têm com que cobrir o corpo: “Que não têm com que se cubram como nós, e este só inconveniente têm” Nóbrega, (1988, p.72). Todavia os meninos que convivem com os inacianos demostram boa vontade de aprender, não só a leitura, mas também a escrita.

Convidamos os meninos a ler e escrever e conjuntamente lhes ensinamos a doutrina cristã e lhes pregamos para que com a mesma arte com que o inimigo da natureza venceu o homem dizendo: *Eritis sicut Dii scientes bonum et malum*, com arte igual seja ele vencido, porque muito se admiram de como sabemos ler e escrever e têm grande inveja e vontade de aprender e desejam ser cristãos como nós outros. (NÓBREGA, 1988, p.91,92)

Penso que outro exemplo de que as crianças nativas primitivas estão tendo boa relação com os evangelizadores e a forma de recebê-los nas visitas efetuadas pelos padres, Nóbrega (1988, p.92), faz esse destaque quando escreve que: “Onde quer que vamos somos recebidos com grande boa vontade, principalmente pelos meninos, aos quais ensinamos. Muitos já fazem as orações e as ensinam aos outros”.

Esse é um ponto efetivamente relevante dentro do processo de evangelização e convivência, ou seja, os padres ensinaram as crianças e essas agora já estão ensinando a outros. E a estratégia de ensinar aos meninos continua, pois, esse método já começa a aparecer, o que os jesuítas chamam nas cartas de frutos da evangelização, como é evidente nesse trecho: O padre Leonardo Nunes fez muito frutos em Ilhéus, juntamente com o irmão Diogo

Jacome, não sô em predicas, mas em ensinar aos meninos”. Nóbrega (1988, p.106).

Já o padre Navarro em 28 de março de 1550 na primeira carta avulsa relata sobre os frutos que se esperava do trabalho missionário e pela pregação da palavra sagrada, pois os que estavam aqui não conheciam nada sobre religião vivendo de tal maneira que ele compara como se fosse ovelhas sem pastor, o que é possível perceber segundo afirmação no trecho abaixo, quando informa que:

O amor de Nosso Senhor Jesus Cristo habite nos nossos corações.

No ano de quarenta e nove vos escrevi, Irmãos caríssimos, e vos informei do fruto que se esperava nestas terras do Brasil não só com os Gentios, mas ainda com os Cristãos que aqui viviam em conformidade com eles e talvez em piores costumes, como ovelhas que não tivessem pastor que as pusesse no aprisco da vida cristã. (NAVARRO1988, p.75).

Nesse relato fica claro que a evangelização deveria ser prioritariamente para os nativos, embora alguns cristãos estivessem necessitando de ser reeducados na doutrina. Porém o nosso interesse é mostrar que o fruto do trabalho jesuíta era oferecer ao indígena uma outra forma de conviver com a questão da religiosidade e isso só poderia ser feito pela domesticação.

Esse método foi eficaz pois vimos em vários relatos que houve a mudança no comportamento indígena depois da convivência com os jesuítas. Esse processo de domesticação do índio perpassa pela aprendizagem da leitura, da escrita e da linguagem como foi observado nesse item. As dramatizações, por meio do teatro foi sem dúvida um instrumento pedagógico utilitário, usado, principalmente, por José de Anchieta em que de certa forma trouxe para perto de si os primitivos habitantes desse Brasil.

A dança e principalmente a música foram mecanismo metodológicos usados pelos jesuítas para a doutrinação e aculturação do índio brasileiro no século XVI. Os jesuítas que estavam em missão no Brasil perceberam que a música e os cânticos poderia ser um viés relevante no processo de evangelização. Wittmann (2001). Contribui com essa versão afirmado que:

Loyola, o fundador, já havia manifestado sua opinião sobre a música, proibindo missas cantadas e coro na Companhia. Todavia, os jesuítas em missão no Brasil percebiam cada vez

mais a música como um elemento facilitador dos trabalhos evangélicos, até mesmo nas celebrações litúrgicas, tornando-se presença constante nos aldeamentos. A evangelização, preocupação maior do fundador da Companhia, acabou integrando em definitivo a música como elemento imprescindível, sobretudo na América, pois fundamental para o andamento do projeto missionário. Deste modo, foram ajustadas algumas restrições musicais a partir da experiência, com respaldo posterior dos visitantes, em mais um episódio da história missional que demonstra que houve adaptabilidade jesuítica, e que sem negociação não há relação. Para os membros da Companhia de Jesus, as Constituições não funcionavam como regras rígidas e imutáveis. (WITTMANN,2011, p. 60)

Esse método, ainda mais valorizado com a chegada dos meninos missionários e órfãos oriundos de Portugal, foi sobretudo uma estratégia bem eficaz na conquista dos curumins e assim a evangelização ia se perpetuando pelas aldeias e pelas mais diferentes tribos existentes em todo território brasileiro dentro de referido tempo estudado.

Esses jovens europeus, cantavam pelas aldeias atraindo assim outros jovens primitivos e dessa maneira acabavam pregando e cantando cânticos religiosos tanto na língua da terra local, como da terra de nascimento deles. A língua ou linguagem, deixou de ser uma barreira de convivência depois de bem estabelecidas essas estratégias de aproximação com os indígenas. Essa aproximação ainda facilitou o trabalho de evangelização planejadas desde a chegada dos primeiros jesuítas no Brasil em 1549 e se estendeu por todo o século XVI.

Ao domesticar o índio e evangelizá-lo os jesuítas acabaram de certa forma atendendo ao interesse da coroa portuguesa de conquistar almas para a santa fé católica, assim como ajudou a manter e desenvolver o potencial mercantil de Portugal em suas colônias. E para garantir ainda mais o sucesso da evangelização por meio da convivência se faz necessário a criação de um ambiente mais apropriado dessa maneira as construções de igrejas, aldeias e escolas passam a ser um verdadeiro canal que levará ao índio se aproximar cada vez mais dos objetivos traçados pelos padres inicianos, como vemos na sequência.

2.2. IGREJAS UM AMBIENTE DE CONVIVÊNCIA E DEVOÇÃO.

Antes de iniciar propriamente dito esse item faço uma pequena ressalva a respeito da palavra igreja, na língua portuguesa o vocábulo igreja se deriva do latim *ecclesia*, que por sua vez do grego *ekkêsia*, palavra esta que no novo testamento, na maior parte de suas ocorrências, significa uma congregação local de cristãos, e jamais um edifício. Porém para esse texto estaremos falando de igreja se referindo a um local construído para abrigar fies nos momentos de celebração de culto ou adoração.

Portugal, através de seus colonizadores, chega a terras novas que no futuro se chamaria Brasil. Depois de verificar a presença de índios gentios, o rei reconhece no regimento de Tomé de Sousa, que a catequização, poderia ser de profunda valia para a coroa portuguesa, assim como para igreja católica. Diante desse propósito e com a expansão marítima crescendo em larga escala, nesse período, novas regiões são descobertas pelos desbravadores.

Esses desbravadores, padres jesuítas, tiveram a missão de lançar as sementes da pregação e da fé cristã. Wittmann, (2011), ressalta que:

A segunda metade do século XVI foi um período bastante intenso para os membros da nova ordem católica; era o início da missão da Companhia de Jesus em outros continentes. Padres jesuítas embarcavam em navios para terras distantes sem saber como seria seu futuro próximo, ou mesmo se um dia voltariam à Europa, munidos do desejo de expandir a fé cristã pelo mundo. A chamada fase de consolidação da Companhia de Jesus foi de muitas incertezas. (WITTMANN, 2011, p. 59)

Os jesuítas tinham uma visão de mundo com sustentação no “*orbis christianus*”. Na base de tudo estava a crença firme de que o *orbe* era essencialmente cristão. Paiva. (1982; p. 23). A compreensão do “*orbis christianus*” é de uma crença cristã na qual o mundo pertence a Deus. Este escolhe a igreja como sua representante na terra. Deus exige uma prestação de culto, pois ele é verdadeiro e absoluto e todos os habitantes do planeta devem saber disso.

Para tanto, com essa mentalidade, os jesuítas tinham como missão sustentar a fé e em nome dessa fé, cumpria anunciar a verdade, em todo o lugar e para todo o mundo a qualquer preço. Com a chegada dos padres jesuítas em 1549, houve a construção de igrejas, aldeias e escolas nas colônias portuguesas

com propósito de estabelecer locais que cultivasse e desenvolvesse a evangelização, a educação e a cultura europeia.

Na Terceira carta do padre Nóbrega para o padre mestre Simão em 1549, há um trecho no qual percebemos essa questão. “Faremos nossa igreja, onde ensinaremos os nossos novos Cristãos; e aos domingos e festas visitarei a cidade e pregarei”. Nóbrega, (1988, p.84).

Todavia na constatação dos jesuítas, não era pertinente esses nativos comparecerem na igreja ainda sem roupas, uma vez que vinham inclusive fazendo as orações que lhe fora ensinada, e essa preocupação com a vestimenta ou com a falta dela era principalmente com as mulheres. Observemos a seguinte citação de Nóbrega:

Também peça Vossa Reverendíssima algum petitório de roupa, para entretanto cobrirmos estes novos convertidos, ao menos uma camisa a cada mulher, pela honestidade da Religião Cristã, porque vêm todos a esta cidade á missa aos domingos e festas, que faz muita devoção e vêm rezando as orações que lhes ensinamos e não parece honesto estarem nuas entre os Cristãos na igreja,' e quando as ensinamos. (NÓBREGA, 1988, p.85).

Nota-se que os nativos faziam devoções e rezavam, porém, ainda estavam sem roupas e assim compareciam diante dos padres e nas celebrações dentro da igreja, uma vez convertido o novo cristão deve frequentar e participar dos ritos dessa nova religião, frequentar as missas era uma dessas formas de mostrar seu novo comportamento, usar roupas também, pois como poderiam fazer orações sem roupas para cobrir o corpo? Segundo que vimos esse comportamento não era honesto.

Em um outro trecho da carta de Nóbrega agora na VI carta, novamente endereçada ao padre Simão Rodrigues em 1550, mais uma referência para a construção de igreja e a relação desta com o ensino, principalmente dos pequenos. Fizemos construir em lugar mais conveniente, uma igreja onde os Cristãos ouvem missa e junto uma casa onde o irmão Vicente Rodrigues e Simão Gonçalves ensinam os meninos. Nóbrega, (1988, p.104).

O ensinamento religioso andava de mãos dadas com o processo de educação, pois dentro desse contexto de aprendizagem nas dependências da igreja, não só as crianças como também as mulheres aprenderam as orações. “Os meninos cristãos e igualmente as mulheres sabem já muito bem fazer as

orações e assim os filhos dos catecúmenos, os quais não batizaremos senão quando esteja a terra mais pacífica”. Nóbrega, (1988, p.104).

O ensinamento tinha um propósito bem definido pelos jesuítas, como mostra o trecho acima, em outras palavras o objetivo não era somente conhecer o evangelho, mas fazer parte dele, viver o que estavam conhecendo e para isso era necessário chegar ao batismo. Têm uma igreja e casa nossa, onde os ensinam; porque não nos parece bem batizar muitos em multidão. Nóbrega, (1988, p.135).

A vigésima carta diferentes de muitas outras que eram endereçadas aos padres da Companhia foi, particularmente, encaminhada para Thomé de Sousa em 1559, é uma carta longa e rica de informações sobre o trabalho de evangelização junto aos nativos do Brasil, no trecho que segue é relatado a construção de três igrejas, houve essa necessidade, pois o crescimento dos conversos estava crescendo bastante, isso significava que o trabalho, junto aos índios estava obtendo sucesso a ponto da necessidade de construção de uma igreja maior, pois algumas aldeias foram agrupadas.

Aqui mandou fazer uma igreja grande, em que coubesse toda esta gente, a que chamam S. Paulo.... Outra igreja mandou logo fazer, de S. João Evangelista, quatro ou cinco léguas de cidade, onde se ajuntaram outras tantas aldeias do Gentio de Mirãgaoba. A terceira mandou fazer onde chamam o rio de Joanne, está se chama *Sancti Spiritus*; aqui há mais gente junta que em todas; está sete ou oito léguas da cidade, perto da costa do mar. Nestas três igrejas se faz agora muito serviço a Nosso Senhor, e o Gentio vai conhecendo que só a Jesus Cristo se deve crer, amar e servir. (NÓBREGA, 1988, p.204).

Consideramos que essa informação se configura de um momento de regozijo dos portugueses, pois a empreitada está dando muitos frutos, assim crescendo os “fiéis”, esse resultado é perfeitamente considerado positivo pelo lado dos jesuítas. Todavia pelo lado dos índios, o resultado é um processo de aculturação de grande escala, pois o índio não conhece o que é Deus, não tinha a formalidade de uma religião como a dos jesuítas.

Isso era considerado de certa forma uma vantagem no processo de evangelização, pois na visão dos evangelizadores poderia ser algo positivo, uma vez que não tinham uma religião, o caminho a seguir era impor a religião europeia na cultura do índio, para tanto a construções de igrejas, um local próprio

para as devoções, passou a ter significado nas conquistas das almas. Pois na concepção dos padres os índios eram gente que nenhum conhecimento tinha de Deus, nem fé, nem lei nem rei.

Com as construções das igrejas, o que podemos analisar que esse local, passa a ser também um ambiente para receber os cristãos, e esses, por sua vez vão até lá com o propósito de louvar a Deus e também de conviver com os padres. Os padres jesuítas aproveitam esse espaço e esse momento para evangelizar e a missa era o rito usado para tal objetivo.

A religião católica considera a missa um rito religioso ou uma cerimônia mais importante na demonstração da fé e religiosidade, esse rito exige uma ordem, uma organização com profundo respeito aos símbolos sagrados.

Nas cartas jesuíticas encontramos inúmeras passagens em que os padres fazem menção ao ato religioso analisado, encontramos na primeira carta de Nóbrega um relato sobre suas ocupações ao chegar aqui no Brasil.

Chegamos a esta Bahia a 29 dias do mês de março de 1549. Andamos na viagem oito semanas. Achamos a terra de paz e quarenta ou cinquenta moradores na povoação que antes era; receberam-nos com grande alegria e achamos uma maneira de igreja, junto da qual logo nos aposentamos os Padres e Irmãos em umas casas a par dela, que não foi pouca consolação para nós para dizermos missas e confessarmos. E nisso nos ocupamos agora. (NÓBREGA 1988, p. 71).

Já na chegada dos missionários católicos na nova terra o padre Nóbrega comunica ao padre mestre Simão Rodrigues de Azevedo, que uma das principais ocupações estava em ouvir as confissões e rezar missa, encontramos nessa mesma carta a informação de que o padre Navarro realiza a pregação para os gentios, esperando em Deus trazer muitos para a conversão, uma vez que “a gente da terra vive em pecado mortal”.

Os padres continuam seus trabalhos ensinando e doutrinando na fé os ameríndios, embora a nudez dos índios ainda seja um fator desconfortante para os religiosos, mesmo diante desse quadro os índios ao ouvir “tanger” a missa já acordam e aparentemente começam a repetir os movimentos dos padres. Isso nos leva a questionar se de fato os índios sabiam o que estavam realizando, porém Nóbrega expõe que já há um desejo por parte dos índios de ser iguais aos evangelizadores.

Todos estes que tratam conosco, dizem que querem ser como nós, senão que não têm com que se cubram como nós, e este só inconveniente têm. Si ouvem tanger á missa, já açodem e quanto nos vêm fazer, tudo fazem, assentam-se de joelhos, batem nos peitos, levantam as mãos ao Céu. (NÓBREGA 1988, p. 72.)

Os jesuítas se dedicaram a pregação da fé católica, perceberam que além do batismo, confissões e convivência nas aldeias, havia também a necessidade de apresentar o ritual da missa, e para chamar atenção dos índios, utilizaram elementos musicais para atraí-los. Como podemos perceber na terceira carta de Nóbrega em 1549 relatando ao mestre Simão, sobre o trabalho evangelístico desenvolvido em Ilhéus, ele afirma que além dos conselhos e dos batismos fizeram também:

“Agora pouco já vieram aqui a consultar-me algumas dúvidas, e estiveram aqui por dia do Anjo, onde batizamos muitos; tivemos missa cantada com diácono e subdiácono; eu disse missa, e o padre Navarro a Epistola, outro o Evangelho”. (Nóbrega, 1988 p. 86).

Ainda nessa carta fica expressa que além da missa cantada o padre Leonardo Nunes e outros clérigos, tinham a responsabilidade de reger um coral e a procissão foi executada com bastante música. Esse ritual chamou atenção dos índios que ficaram surpresos a ponto de solicitar ao padre Navarro que lhe cantasse como na procissão.

Na décima nona carta em que Nóbrega escreve para os padres em Portugal em 1549, novamente ele é enfático em dizer que aos domingos rezam a missa e a pregação e feita na língua da terra, isso é positivo aumenta a frequência na igreja. “Aos domingos e santos têm missa e pregação na sua língua e de continuo há tanta gente que não cabe na igreja”. (Nóbrega, 1988 p.179).

A pregação na própria língua do índio é um caminho para demonstrar principalmente para os meninos a verdade sobre a criação do mundo, a encarnação e a oração do pai nosso e a missa é um viés para tal objetivo, como encontramos na primeira carta do padre João Navarro em março de 1550, ele diz que:

Agora está se acabando uma igreja perto d'eles, onde hei de lhes dizer missa e ensiná-los na língua d'eles, para a qual traduzi a criação do mundo e a encarnação e os demais artigos da Fé e

mandamentos da Lei e ainda outras orações, especialmente o Padre Nosso, as quais orações de continuo lhes ensino em sua língua e na nossa, principalmente aos meninos que tão bem exorto a rezá-las pelos enfermos, e com efeito por esse meio vão melhorando. (NAVARRO, 1988, p. 76).

Como já abordamos a missa é também um mecanismo de evangelização dos índios, geralmente e apresentada aos domingos, porém antes há uma preparação para tal. Navarro inclusive narra que a sua preparação se dá aos sábados, e aos domingos como é de costumes reza a missa, além da missa nesse mesmo dia se realiza procissão.

Esse processo tem sido frutífero, pois muitos desejam ser religiosos e foram aceitos pela Companhia, principalmente porque são peritos na língua da terra, porém outros por não ser idôneos foram recusados

Desejam muitos ser religiosos e alguns foram admitidos na Companhia como peritos na língua brasílica e outros recusados por não serem idôneos. Aos sábados preparo-me para o sermão do domingo que faço na missa ora na cidade, ora em um lugar de antigos habitantes, onde ensino a doutrina cristã aos filhos e aos escravos dos Cristãos (que são em grande número), ordenando que os senhores o levem à missa consigo, do que dantes não tinham lembrança, e na missa prego uma vez, e outra de tarde. Todos os domingos fazemos procissão dirigindo-nos a certas ermidas que se fizeram para as peregrinações pias, e outras devoções semelhantes: (NAVARRO 1988, p. 78)

Em 1556 na sétima carta do padre José de Anchieta, falando sobre a doutrinação ele informa que os índios são chamados à igreja duas vezes por dia, sempre que ouvem a campainha já sabem para onde deve se dirigir, respeitam as festas religiosas como a quaresma, inclusive deixando de fazer uso da carne como alimento e assistem a missa cantada.

A doutrina cristã marcha em boa ordem, e onde também duas vezes por dia as mulheres vão á igreja e igualmente alguns homens, entre os quais não faltam os que, contando muito bem os dias, se por acaso se empregam na cultura das terras, em chegando o sábado, deixam o trabalho e procuram o povoado. No dia seguinte, vão assistir á Missa cantada: nos dias em que é proibido comer carne, dela se abstêm mesmo que estejam ausentes na aldeia, onde no tempo da quaresma, estando longe de seus irmãos, como uns se alimentassem de carne, outros, que tinham já adotado os costumes cristãos, por meio de boas razões os afastaram dos alimentos proibidos. (ANCHIETA 1988, p. 99,100).

Partindo dessa premissa, um dos métodos pensados e executados pelos jesuítas foi a criação dos aldeamentos, locais destinados para reunião dos indígenas com o propósito único para a evangelização e maior convivência, como veremos na sequência.

2.3. CONVIVENDO NOS ALDEAMENTOS

O aldeamento foi o nome dado ao sistema que reunia os povos indígenas com único objetivo de realizar uma reeducação dos costumes dos nativos sob forte vigilância dos jesuítas. Pois como afirma Ribeiro (1983, p.40), “desde os primeiros contatos, pareceu aos portugueses que o aborígene seria facilmente convertido à fé cristã” e para ajudar nesse processo. Oliveira (2011), completa dizendo que:

Para facilitar o processo de catequese dos índios, os jesuítas adotaram o aldeamento, ou seja, a organização de comunidades distantes dos brancos, de onde vem o termo redução jesuítica. O aldeamento facilitava o trabalho dos jesuítas, mas a fixação significava “transformar o índio, de caçador e coletor, em agricultor, o que acarretava uma mudança fundamental em seu gênero de vida”. A ideia de aldeamento era antiga, tendo sido recomendada pelo Regimento de Tomé de Souza como forma de separar os catecúmenos e os índios já convertidos do ambiente pagão. (OLIVEIRA 2011, p.6).

Quando os primeiros jesuítas aqui chegaram enviados pelo rei de Portugal D. João III, em companhia do primeiro governador geral, Tomé de Souza em 1549, o rei deixa claro que o motivo primário que movia a colonização da nova terra era a conversão dos nativos ao cristianismo. Mas para que isso de fato ocorra era necessário que os valores religiosos católicos fossem transmitidos aos índios, que eram declaradamente chamados pelos jesuítas de pagãos.

Em um primeiro momento o padre Manoel da Nóbrega que chefiava os demais inacianos, acreditava ser uma tarefa tranquila uma vez que os ameríndios são vistos como papeis em branco, onde se podia escrever à vontade. Já durante o processo de evangelização inicial, cedo se percebeu que processo seria mais trabalhoso.

Como exemplo encontram a dificuldade com a questão da língua como já tratamos nesse trabalho, outra questão trabalhosa está nos apontamentos de Ribeiro, (1983).

[] os padres lhes vieram oferecer a salvação extraterrena. A doutrinação pressupunha um entendimento sutil entre padres e catecúmenos. Tornava-se necessário, antes de mais nada, o domínio da língua nativa pelos padres ou do português pelos aborígenes. Os valores religiosos que os jesuítas procuravam transmitir aos índios não encontravam grande ressonância em sua cultura. Ainda assim, o índio, atraído pelo ritual católico, deixava-se catequizar e era batizado aos milhares. (RIBEIRO, 1983.p.41).

Em um primeiro momento do processo de evangelização e convivência consistia na doutrinação das crianças, ensinamento da leitura, da escrita e da reza e isso ocorria dentro do projeto das missões volantes. Uma vez evangelizados percorriam as aldeias com o propósito de converter outros índios. Esse modelo de conversão inicial é descrito na décima quinta carta avulsa produzida pelo padre Vicente Rodrigues em 1552, em que trata de um relato de sua visita às aldeias indígenas.

O modo como procedo com eles é o seguinte: Primeiro, procuro adquirir a boa vontade dos Principais, e depois com eles trato d'aquilo que aqui me trouxe, isto é: ensinar-lhes a palavra de Deus e o que a Majestade Divina manda e quer que se observe e nos revelou, que aqueles que são amados de Deus são os seus Íntimos e outras cousas semelhantes digo, as quais, em meu sentir, os movem a ouvir as cousas divinas: explicou a criação do mundo, a encarnação do Filho de Deus, e o dilúvio, do qual têm eles noticia pela tradição de seus ascendentes e ainda falo do dia de juízo, de que muito se admiram por ser coisa em que nunca ouviram falar. (NAVARRO 1988, p.160).

E esse método era da evangelização volantes, portanto esse processo de pregação e ensinamento esparso não estava surtindo os efeitos esperados, pois em pouco tempo em que eram deixados, voltavam aos velhos costumes inclusive da antropofagia.

Paiva (1982), ressalta que:

A catequese através de missões volantes tinha muitos inconvenientes: havia muitas tribos, muito nomadismo, muitos poucos padres; estes corriam mil perigos de toda a sorte, inclusive de perseverança no espírito religioso; o batismo se tornava ineficaz; os portugueses interferiam facilmente na vida

dos índios. O fruto era pouco e urgia racionalizar as atividades, de modo que o saldo fosse positivo. (PAIVA (1982, p. 88).

Para solucionar esse problema, o caminho era deixar as missões volantes e começar um processo de organização de aldeamentos com regime de funcionamento próprio e autoridades religiosas no local, uma espécie de segregação dos ameríndios. Na visão de Paiva (1982) Começa, então, o jesuíta “a concentrar o índio em grandes aldeias, a vesti-lo à europeia, a segregá-lo nas plantações, a aplicar-lhe a legislação penal portuguesa, a abolir suas guerras, sua organização familiar e tribal”. Paiva (1982, p.103).

Esse processo de reunir os índios em aldeamentos, onde ficavam completamente sujeitos à lei civil e religiosa que jesuítas exerciam de forma direta e indireta além de deixar os índios apartados de sua cultura original e dos costumes da terra.

Na compreensão de Ribeiro (1983)

O privilegio legal que tinham os jesuítas de subjugar o índio para comunicar-lhe a doutrina cristã, a licença de deslocá-lo de suas terras para levá-los aos aldeamentos, era uma maneira sutil de escravizá-lo, tolhendo sua liberdade e impondo-lhe uma religião e um modo de vida que não estava apto a receber. (RIBEIRO 1983.p. 43).

Sobre a vida nos aldeamentos jesuíticos Ribeiro (1983), ainda ressalta que:

O que resultou da pregação jesuítica não foi, porém, um índio convertido, mas um índio subjugado, domesticado, que vendo desmoralizado os costumes a que estava arraigado, sem ter assimilado a fé que lhe quiseram impor, não encontrava mais motivo nem força para viver. O índio morria de tristeza, tanto quanto de fome, de doença e provações. (RIBEIRO 1983.p. 43).

Dentro desse quadro, logo que os evangelizadores portugueses chegaram em terra brasílica, entenderam a necessidade do aldeamento fixo dos índios para poder avaliar o sucesso da evangelização e que essa se conservasse por muito tempo. Nos comentários do padre Terra (2000), ele ressalta que:

Em 1557, oito anos depois da chegada dos jesuítas, fundou-se a primeira aldeia com residência permanente dos padres. Essa primeira aldeia, chamada São Paulo, tinha duzentos e cinquenta vizinhos índios provenientes da fusão de quatro tabas. Dois anos

mais tarde, já eram três aldeias, que logo se multiplicaram. Em 1562 havia onze aldeias na comarca da Bahia. (Terra 2000, p.31)

Com esse processo de aldeamento tem fim uma das características culturais indígenas que é o nomadismo, esse por sua vez tornava inviável a ação dos missionários. José de Anchieta se mostrou partidário dessa ideia no ano de 1554. A relevância do aldeamento na visão de Anchieta assim como de outros historiadores se configura no seguinte relato que encontramos em sua primeira carta de Piratininga, então lemos:

Nesta aldeia, cento e trinta de todo o sexo e idade foram chamados para o catecismo e trinta e seis para o batismo, os quais são todos os dias instruídos na doutrina, repetindo as orações em português e na sua própria língua; o concurso e frequência das mulheres é maior; em cada domingo celebra-se missa para os mesmos; sendo muitos catecúmenos despedidos gravemente depois do ofertório, com dificuldade e gravemente o toleram, e nos rogam incessantemente que os promovamos ao batismo, o que é de cautela que se não faça, para que não voltem ao erro dos antigos costumes; porquanto, julgamos que não se lhes deve conceder o batismo senão depois de uma longa prova. (ANCHIETA.1988, p.49).

Nesses aldeamentos construídos pelos jesuítas, com apoio das autoridades coloniais, congregavam os nativos, de povoações distintas e recebiam educação para viver como cristão. A imposição prevalecia, sendo assim a cultura indígena, os valores e a identidade nativa, foram desconstruídos.

A cultura do índio não foi levada em conta nos aldeamentos, foi algo perverso, pois destruía os valores e a identidade nativa. Se o índio no aldeamento deixa sua característica de nômade, e adota uma outra característica de sedentarismo, esse por sua vez é no sentido de fixar morada em um só lugar. (Aldeamento).

Mas sua atividade continua de forma intensa só que agora modificada, antes caçava e pescava e um pouco de lavoura quando necessário. Como é expressado por Costa (2010, p.57) “Ao homem competia basicamente a pesca, a caça, a guerra e a confecção dos respectivos artigos que seriam utilizados para estas atividades, como a canoa, o arco e a flecha”. Porém agora o trabalho na agricultura é desenvolvido de acordo com a necessidade da colônia.

Algo que podemos considerar uma outra agressão cultural uma vez que somente as mulheres se dedicavam à agricultura. Como é possível verificar na afirmação de Costa (2010, p.57)

Às mulheres competia o plantio, a colheita, a produção da bebida utilizada nas festas, chamada *cauim*, o preparo da comida e o cuidado com os filhos. Eram elas que, da mesma forma, transportavam os alimentos e fabricavam os utensílios domésticos de cerâmica e algodão. Haveria até uma especialização dos trabalhos que eram divididos entre as mulheres muito jovens (cunhãs), adultas ou idosas. (COSTA 2010, p.57)

A partir do aldeamento as mulheres devem aprender, outros ofícios com as portuguesas, pois não se permite momentos de ócio, o trabalho, além de muito necessário (para os portugueses), exercita a disciplina da vontade. Nos aldeamentos não era somente a evangelização que estava no contexto nesse meio de convivência entre os jesuítas e os índios, foi introduzido uma disciplina de horários na convivência cotidiana, já pela madrugada o toque do sino chamava as mulheres para as devidas instruções religiosas, depois eram levadas ao trabalho, geralmente para tecer roupas.

Na sequência recebiam aos meninos depois de receberem instruções educacionais e religiosas, tinham o dever de prover alimentos para a comunidade, depois os adultos vinham das roças para receberem também as devidas instruções de caráter religiosos.

Dessa forma os padres jesuítas iam dirigido as aldeias fixas, preparando-os para viver em sociedade, conhecendo a palavra de Deus, sabendo dizer as orações, conhecendo melhor a língua da terra. Todos tinham seus ofícios dentro as aldeias, Ribeiro (1983), esclarece sobre esse ponto dizendo o seguinte:

Nos aldeamentos, as índias se dedicavam a fiar e tecer roupas destinadas à comunidade. Grande era a quantidade de mantimentos produzidos, vindo a suprir, em épocas de crise ou de guerra, os colonos e as expedições de conquista. Os índios também se encarregavam da caça e da pesca. Eram os remeiros das canoas e aprenderam os ofícios necessários à construção e manutenção dos aldeamentos: faziam telhas, ladrilhos, louça, trabalho de ferreiro, cuidavam do gado. RIBEIRO (1983 p. 44).

Os missionários católicos defendiam o aldeamento, dizendo para os índios que esse local era seguro para eles, ali eles estavam protegidos, pois é melhor viver na aldeia do que ser escravo fora dela. Foi assim que aos poucos os índios foram perdendo sua forma de viver nativo, sua cultura, seu nome, sua língua e sua identidade.

Para os jesuítas a construção dos aldeamentos também tinham uma outra finalidade, além de evangelizar. Convivendo continuamente com os índios havia a grande possibilidade de aprender e conhecer a linguagem da terra, Wittmann (2011), nos mostra que:

Os jesuítas, por outro lado, se mostraram determinados a morar nas aldeias indígenas para aprender o idioma local e lhes apresentar a doutrina cristã, afinal, era este o intuito primeiro da sua presença em terras gentis. O interesse que os índios demonstravam em ouvir suas pregações os motivou a tentar conquistar desta forma alguma autoridade, uma vez que a habilidade da fala era respeitada entre os Tupi. Percorrendo o caminho da comunicação linguística, os jesuítas elaboraram gramáticas e catecismos nas línguas indígenas, suscitando o surgimento de um idioma geral e a produção de diversos guias da doutrina católica. (WITTMANN 2011, p. 151).

Cada tribo, cada índio possuía sua própria crença, mitos e ritos totalmente diferenciados e estranhos para os religiosos, pois os nativos acreditavam na força natural, nos espíritos que viviam na floresta, faziam suas festas, suas cerimônias, tinham um modelo de família, acreditavam que o pajé era o único responsável de transmitir esses conhecimentos para os mais jovens e assim manter a cultura.

Todavia, no processo de aldeamento, tudo isso foi sumariamente se perdendo e pouco a pouco foi dando lugar para outros atos de cultura, a cultura civilizada. Quanto a esses fatos é relevante o que afirma Paiva (1982 p.88), ao expor a mudança de critérios e de metodologia no que diz respeito à evangelização do índio: “O jesuíta resolve, então, inverter o processo: em vez de abrir-se sem limites em direção às aldeias indígenas, ele as reduz a uma aldeia cristã. Fica em casa, portas abertas, pisando em terreno conhecido”.

Para Barros, (2012, p. 122), os jesuítas desenvolveram os aldeamentos, que eram um espaço onde diversos índios viveriam sob a tutela do Estado português na América e seu cotidiano seria constantemente vigiado pelos padres jesuítas, essa era a estratégia.

Uma das estratégias adotadas por Manuel da Nóbrega na conversão dos gentios foi a construção de aldeias de catequização, que se situavam próximas das vilas e cidades portuguesas. Essas aldeias eram habitadas pelos padres jesuítas e pelos índios a serem convertidos e destinavam-se a atingir três objetivos:

- objetivo doutrinário – que visava ensinar a religião e a prática cristã aos índios;
- objetivo econômico – visava a instituir o hábito do trabalho como princípio fundamental na formação da sociedade brasileira;
- objetivo político – visava a utilizar os índios convertidos contra os ataques dos índios selvagens e, também, dos inimigos externos. (NETO E MACIEL 2008.p.176)

Historiadores abordam a ideia em que a finalidade das construções dos aldeamentos pelos missionários era a evangelização dos índios, os jesuítas que aqui chegaram tinham essa missão. Terra, (2000) apresenta alguns detalhes sobre a estrutura dessas construções organizadas e dirigidas pelos padres jesuítas em vários locais por onde passaram principalmente na América do sul.

O esquema convencional das reduções obedecia a este plano. No centro ou no flanco da aldeia, a igreja ante uma praça espaçosa para procissões e festas públicas, com um cruzeiro e capelas em frente e ao fundo. Do lado esquerdo da igreja a residência do pároco e seu companheiro (colégio missionário), com o edifício adjacente para escolas oficinas, hospitais e armazéns gerais, onde se recolhiam os produtos agrícolas de artesanaria, e para sustento comum ou dali serem transportados aos centros comerciais mais próximos. A direita, o cemitério e, separada, a residência das viúvas e jovens educandas. Por detrás da igreja, a horta privativa dos padres.

A um e outro lado da praça, bem como ao fundo, quarteirões de casas familiares em arruamentos geométricos, retilíneos, em todas as direções, e devidamente separadas.

Cada família tinha um pequeno lote privativo nos subúrbios para exploração hortense e frutícola. O restante território era destinado à exploração agrícola ou pecuária comum. Toda a população não índia (colonos, mercadores, empregados brancos, negros ou mestiços) era excluída de moradia habitual nas aldeias. O alimento, o vestuário e o alojamento eram, assim, iguais para todos. (TERRA, 2000, p. 88,89).

Diante dessa estrutura descrita acima é possível perceber a organização administrativa para manter os índios em uma espécie de isolamento, isso facilitava, aprendizagem, o ensino da língua, do trabalho entre tantas outras coisas. Pois havia horários destinados para iniciar e para terminar os dias, seja o trabalho no campo ou nas oficinas.

Também necessário frequentemente que não só se digam duas missas, como que haja duas pregações nos dias de domingo e também ir algumas vezes á outra aldeia, distante vinte milhas destas; assim, grande fruto se espera daí, não só por causa do amor com que todos o cercam, como ainda pela boa opinião que fazem da sua virtude e doutrina. (ANCHIETA, 1988, p.46).

Dentro dos aldeamentos os índios órfãos eram recolhidos e amparados, recebiam atendimento sanitários e higiênicos sem falar de todo um processo formativo religioso e educacional da mesma forma acontecia com a população enferma, dessa maneira os resultados obtidos pelos jesuítas na evangelização foram positivos nos aldeamentos.

Já na visão de Neves, (2006).

A Aldeia não é apenas um lugar que foi escolhido para que se pudesse converter determinados povos a uma determinada religião. Não; a Aldeia ensina o saber dos livros mas ensina também formas de comportamento, práticas econômicas, técnicas corporais, interdições, penalidades etc. Enfim, é uma busca de re-socialização “total”, quotidiana, observada em detalhe; é um projeto pedagógico abrangente. (NEVES, 1978 p.14).

Nessa perspectiva, não podemos deixar de considerar o papel dos colégios na formação cultural dos índios, a construção dessas escolas e os seus propósitos são justamente o que abordaremos na sequencia desse texto.

2.4. CONVIVENDO NAS ESCOLAS.

Lima (2008) “A educação jesuítica não se restringe à educação escolar: ela adquire um sentido amplo, um espaço cultural e de formação de valores, de doutrinação e salvação das almas”. Educar o homem indígena era uma forma de evangelizar e evangelizar era uma forma de educar e esse plano era implementado rapidamente. Nas cartas são relatadas que quinze dias após a chegada na cidade de Salvador, já funcionava uma escola de ler e escrever.

Desde que chegaram, os jesuítas estabeleceram em território brasileiro escolas de ler e escrever. Nessas escolas recebiam

como alunos os pequenos índios e portugueses que habitavam a região. A educação era, para o jesuíta, uma forma de alcançar a virtude. Visava a uma formação que ia além da leitura e escrita, buscando formar o caráter e a moral, educar o corpo e a mente, em uma concepção integral do indivíduo. (CANTOS 2009, p.75).

E a política ficou sendo justamente essa, onde tivesse uma igreja, também haveria um colégio. Mas a relevância da educação jesuítica merece um destaque, pois a “pedagogia de Loiola baseava-se, portanto, interinamente no Evangelho de Jesus Cristo, e os colégios jesuíticos só poderiam ser locais onde iriam se formar homens com caráter profundamente cristão”. Cantos, (2009, p.61).

Essa visão política religiosa e educacional foi defendida pelo padre Manoel da Nóbrega, que foi o responsável pela primeira missão da Companhia de Jesus no Brasil. Inaugurou com a ajuda de cinco companheiros, a primeira escola Brasileira na Bahia, seu objetivo era unir o ensino da doutrina cristã a uma escola de ler e escrever, (fé e educação, evangelização, catequese e instrução).

Essa escola foi fundada na Bahia, inicialmente para receber somente meninos, mais tarde foi elevado a colégio canônico, com nome de colégio de Jesus. Nóbrega se empenhou na sua realização, “determinando, desde 1550, que se construíssem casas ‘para se recolherem e ensinarem os moços gentios e também os cristãos”, não só em benefício da catequese, mas também visando o sossego da terra. Navarro, (1988, p.98).

As escolas estabelecidas pelos padres jesuítas, formam centros de irradiação da doutrina, por meio dos missionários, que percorreram centenas de quilômetros, visitando as aldeias. Os jesuítas, trouxeram essa esperança de usar seus conhecimentos educacionais, com objetivo único de transformar homens, transformando homens estariam também mudando a própria sociedade, a cultura, a religiosidade e os costumes.

Com as construções das escolas ou colégios percebemos que os Jesuítas interferem na educação dos nativos com o intuito de transformá-los em homens do mundo português, obedecendo às novas leis e reconhecendo novas autoridades.

Para Cantos (2009, p.76), “Nos colégios que os jesuítas foram fundando ensinava-se a ler, escrever, contar e cantar, no entanto o mais importante, de fato, era doutrinar o homem a fim de que esse estivesse ligado a Deus”.

Diante dessa constatação ressaltamos que Nóbrega em sua chegada no Brasil, constata que havia relevante trabalho a fazer para conversão dos índios, isso fica evidente ao observar em sua primeira carta, após sua chegada à América portuguesa, ele relata o trabalho desenvolvido por um jesuíta. O Irmão Vicente Rijo que ensina a doutrina aos meninos cada dia e também tem escola de ler e escrever.

O Irmão Vicente Rijo ensina a doutrina aos meninos cada dia e também tem escola de ler e escrever; parece-me bom modo este para trazer os índios desta terra, os quais têm grandes desejos de aprender e, perguntados si querem, mostram grandes desejos. Desta maneira ir-lhes-ei ensinando as orações e doutrinando-os na Fé até serem hábeis para o baptismo. (NÓBREGA, 1988 p. 72).

Na visão de Neto e Maciel (2008), ao abordar sobre o mesmo assunto ressalta que:

Aos 21 anos de idade, já na Bahia, foi incumbido, pelo padre Manuel da Nóbrega, de catequizar e ensinar a ler e escrever os meninos indígenas, tornando-se, desse modo, o primeiro professor a ministrar aulas na primeira escola brasileira, o Colégio da Bahia. Após quatorze anos de belo trabalho e bons resultados, o padre Vicente Rijo foi transferido por motivos de saúde para Porto Seguro. (NETO E MACIEL 2008, p.178).

Na cultura do índio não havia necessidade de aprender a leitura nem a escrita, a vontade de ensinar era maior por parte dos jesuítas, do que a vontade de aprender por parte dos índios. Essa relação entre índios e evangelizadores se constituía na convivência dentro dos colégios. Este por sua vez não era útil somente para os filhos dos índios, mas até os filhos dos cristãos eram beneficiados com a construção das escolas e isso pode ser confirmado na IV carta do padre Navarro. (1988 p.98).

“Este colégio não somente será bom para recolher os filhos dos Gentios e Cristãos para os ensinar e doutrinar, mas também para paz e sossego da terra e proveito da república”.

A contribuição de Nóbrega nas construções de escolas é destacada também nas análises de Neto e Maciel (2008, p.177) quando afirma que:

O padre Manuel da Nóbrega, conhecido como o grande defensor dos índios, em suas décadas à frente dos jesuítas no Brasil, teve papel ativo no processo de colonização e catequização dos

índios. Coube a ele colaborar ativamente na fundação da aldeia de Piratininga (1553), que tornar-se posteriormente a cidade de São Paulo, no Colégio de São Paulo (1554) e na cidade do Rio de Janeiro (1565). Entretanto, a maior contribuição ocorreu na área educacional, sendo sua contribuição ainda maior, pois sob seu comando foram fundadas cinco escolas de instrução elementar (em Porto Seguro, Ilhéus, Espírito Santo, São Vicente e São Paulo de Piratininga) e três colégios (no Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia). (NETO E MACIEL 2008, p.177).

A presença dos colégios no processo de evangelização foi uma das estratégias dos jesuítas que rederam muitos frutos na missão com os índios nativos do Brasil, junto com o processo educacional como o conhecimento das letras, escrever e leitura, a catequização era um caminho para a formação cultural europeia dos pequenos índios.

Os padres jesuítas acreditavam na transformação dos comportamentos dos índios através da catequese. Os métodos pedagógicos desenvolvidos pelos Inacianos são aspectos da história que merecem uma atenção. Com base nessa fundamentação os missionários católicos foram responsáveis pela criação e manutenção do ensino no país, com objetivo de integração da cultura local com a cultura europeia. Oliveira (2011). Reforça que:

A história da educação no Brasil tem início com a vinda dos padres jesuítas no final da primeira metade do século XVI, inaugurando a primeira, a mais longa e a mais importante fase dessa história, observando que a sua relevância encontra-se nas consequências resultantes para a cultura e civilização brasileiras. Em pelo menos dois séculos, os jesuítas constituíram na colônia portuguesa do Brasil uma presença cultural e social relevante. Embora inseridos no contexto de regime colonial e submetidos às regras do poder do reino português, “os missionários foram responsáveis pela criação da primeira rede de ensino no país e pela construção de numerosas obras”, com o objetivo de integrar as culturas indígenas e europeias. (OLIVEIRA 2011 p.01).

A Companhia de Jesus tinha como base processual educativa o *Ratio*, esse foi o primeiro sistema de educação minuciosa organizado pela igreja na Idade Moderna, com objetivo bem definido, aplicar, desenvolver e estimular os princípios pedagógicos que visam formar e educar um cristão.

- Visão sobre *Ratio Studiorum*:

Na visão de Cantos (2009, p.6). E no *Ratio Studiorum*: “O qual foi oficializado em 1599, estão traçadas as linhas mais representativas que

envolvem e caracteriza a organização didática”, bem como o espírito das atividades pedagógicas pretendidas e valorizadas na Companhia de Jesus.

Houve a percepção de que haveria educação se houvesse a conversão religiosa, assim o tema andou de mãos dadas com a temática pedagógica. Esse instrumento foi um auxílio de grande importância aos padres e missionários, que tinham como missão a conversão dos gentios.

Os jesuítas elaboraram no final do século XVI um documento intitulado *Ratio atque Institutio tudiorum Societatis Iesu*, o grande objetivo era apresentar um conjunto de regras de forma detalhada que expressasse um método pedagógico para os membros dos colégios da Companhia de Jesus e sobre tudo proporcionar a formação de um homem cristão fundamentado em uma educação integral.

Ratio studiorum como ficou mais conhecido constitui o sustentáculo comum que serviria de apoio para a missão pedagógica dos jesuítas, pois estabelece o currículo que se deve trabalhar nos colégios e deveria ser seguido pelas unidades de ensino jesuítas com o propósito de garantir a padronização do trabalho dos professores distribuídos pelo mundo.

Consideremos, pois, a rigor, que o método pedagógico jesuítico tratava de uma reunião das diversas experiências que já vinham sendo realizadas nos diferentes colégios que a Companhia fundou pelas diversas regiões do mundo, logo, não era uma inovação no campo educacional, mas sim uma consolidação das experiências de meio século da Companhia na administração de colégios, (CANTOS E COSTA 2009.p,7).

Uma definitiva comissão se reuniu em 1598 em Roma para apreciar as novas críticas e sugestões e, em 8 de janeiro de 1599, finalmente saiu uma circular para todas as províncias acompanhada do *Ratio*.

Essa circular segundo Costa (2007), informava que já não se tratava de um projeto de estudos, mas de um plano de estudo promulgado na forma de uma lei.

O documento que define o plano de estudos para os colégios da Companhia de Jesus é normativo, prescrevendo regras para todos os envolvidos no processo educativo, desde o Provincial, o Reitor e o Prefeito de estudos, passando pelos professores dos vários cursos e níveis e terminando com as regras para os estudantes e suas diferentes opções de organização. E a primeira conclusão a que se chega quando se acompanha, mesmo que de forma sucinta, a história do plano oficial de

estudo da Companhia de Jesus, é que se trata de um documento filho da experiência. (COSTA 2007, p. 42).

Nesta mesma perspectiva, ressalta-se também:

O elemento mais relevante da *Ratio* é constituído por uma rígida norma que abrange toda a organização da vida do colégio e dos estudos: desde as funções dirigentes do provincial e do reitor até as disposições didáticas relativas aos professores e aos estudantes dos vários cursos de estudo e às várias disciplinas ensinadas. Realizar-se desse modo uma orgânica programação das atividades educativas em estreita relação com os ético-religiosos da ordem: formar uma consciência cristã, culta e moderna e orientar, também mediante a instituição escolar, para uma obediência cega e absoluta à autoridade religiosa e civil. A obediência é uma virtude “a santa obediência seja sempre perfeita em nós e em toda parte, tanto na obra como na vontade e no intelecto, de modo que coloquemos em ação aquilo que nos é comandado com grande presteza, gáudio e perseverança. Que cada um se convença de que aqueles que vivem na obediência devem deixar-se guiar pela divina providencia por meio dos superiores”. (CAMBI, 1999, p. 261,262).

A palavra *Ratio* em latim possui várias acepções, a mais conhecida é “razão”, porém a acepção mais apropriada é a de “ordem”, no sentido de organização e sistematização. O *Ratio Studiorum* é, pois a sistematização, organização e método de estudos dos Colégios e Universidades da Companhia de Jesus. Di Piero (2008; p.58).

Esse documento levou cerca de 50 anos desde o seu esboço até a sua publicação em 1599 é o resultado de experiências, observações e avaliações dos jesuítas que estavam nos colégios da Companhia de Jesus. Tornando-se assim um excelente manual de conduta e guia acadêmico para os professores, portanto não se pode percebê-lo somente como um conjunto de regras que determina o que se deve ou não fazer para se alcançar os objetivos educacionais.

Em 1547 os estudiosos padres jesuítas vinham reunindo várias informações sobre um modelo de catequese e do ensino produzido nas missões, para que por meio de analogias e adaptações pudessem estabelecer uma via universal para seus colégios respeitando a diversidade e especificidades locais, destaca-se, assim nesse processo, a importância de conhecer as ciências, como matemática, ciências naturais, assim como os temas ligados com a humanidade tais como Filosofia e Teologia.

O documento final ficou dividido em três grandes temas, o tema administrativo dos colégios, os currículos e a metodologia a ser desenvolvida. A Companhia de Jesus se estabelece como uma ordem que utiliza como ferramenta missionária o ensino, essa estratégia possibilitou a convivência e a evangelização. Ressalta Costa (2004) que:

A chamada educação jesuítica, enfim, não pode jamais ser descolada de uma concepção religiosa, ou seja, os fins, o intuito, o objetivo final dos colégios e do *Ratio Studiorum* é fornecer uma formação verdadeiramente religiosa e, para isso, se utiliza de uma lógica educativa, que é distribuída pelos níveis, pelos cursos, pela didática, pelos valores, enfim, pelo rigor, como meio, como instrumento para se formarem homens competentes e padres responsáveis e corajosos para assumirem os mais diferentes serviços, especialmente os concernentes às missões (COSTA, 2004, P. 227).

O método de ensino defendido pelos jesuítas se expandiu com grande velocidade por toda a Europa, mas não ficou restrito somente nesse continente outras regiões também conhecidas como novo mundo foram beneficiadas por esse documento, pois o objetivo final sempre foi conduzir a fé católica aos povos pertencentes ao chamado novo mundo, e essa ideologia pedagógica também incluiu o Brasil.

O documento do qual estamos falando trata-se de um manual de trinta conjunto de regras que indica a responsabilidade, o desempenho dos membros dos colégios da Companhia de Jesus para professores e alunos. Além de ser um manual de organização e administração escolar.

O *Ratio Studiorum* é a base comum do trabalho dos jesuítas, isso proporcionou um rigoroso método e um único currículo e assim garantir a universalidade do trabalho de todos os professores espalhados por todo o mundo. Seu objetivo era proporcionar uma educação integral, por essa razão seus preceitos vão além de uma prática de estudo mais assegura sobre tudo o progresso de uma civilização.

Em 1599 a Companhia de Jesus lançou oficialmente um documento pedagógico educacional que se tornou um dos mais citados e conhecidos da história. Da primeira tentativa de se esboçar um regulamento para o colégio até a publicação oficial do *Ratio* levou praticamente 50 anos. Lima (2007).

Sabemos também que o desenvolvimento desse método proporcionou aos jesuítas se tornarem uma das principais expressões educacionais religiosas

praticadas no mundo pelas escolas da Companhia de Jesus. Foi esse documento que proporcionou um acesso as instruções para os professores e mestres jesuítas.

A finalidade era promover a verdadeira religião, método básico defendido pelo Ratio compreendia o trinômio estudar, repetir e disputar, os exercícios escolares havia a preleção, lição de cor, composição e desafio, práticas pedagógicas essas que remetem diretamente à escolástica medieval, configurando-se como pedagogia tradicional, que na sua vertente religiosa, tornava a educação sinônimo de catequese e evangelização.

A Companhia de Jesus era uma ordem religiosa muito diferente das outras de sua época. Sua principal característica era que a fé cristã deveria ser propagandeada, levada para todos os cantos do mundo, e não se encerrar dentro dos muros. A origem da Companhia está relacionada diretamente com a intenção de se intensificar as missões por todo o mundo. Loiola propunha deixar a vida contemplativa e partir para a vida religiosa ativa. É com este espírito que os colégios se espalham em diversos lugares, assim como as missões. O Ratio tinha o propósito de ser universal, mas no próprio documento na regra 39 do Provincial, orienta-se sobre a necessidade de adaptação das regras escolares respeitando a diversidade dos lugares onde a Companhia tinha colégios. A busca por uma unidade possível em meio à diversidade é tarefa do Provincial. O Ratio tinha a tarefa de uniformizar as práticas nos colégios, que com o passar do tempo se espalharam pelo mundo. Portanto podemos concluir que o aluno tinha uma formação para o mundo, lembrando sempre da intenção de formarem missionários e também da necessidade que estava surgindo de uma escola que preparasse seus alunos para um novo mundo que se estruturava. (LIMA 2007, p.4)

No final do século XVI mas especificamente em 1599 a Companhia de Jesus lançou oficialmente um documento pedagógico, educacional, que se tornou um dos mais conhecidos e citados na história da educação. Em síntese, poder-se-ia afirmar que o *Ratio Studiorum*, assim como a Companhia de Jesus, é filho da prática e da experiência de assumir e avaliar as tarefas novas. Costa, (2004; p.228).

A partir dessa análise podemos afirmar que os colégios construídos pelos inicianos era um local onde os padres jesuítas conseguiam demonstrar e desenvolver seus ensinamentos acompanhados do ensino evangelístico, com o propósito de instruir principalmente aos jovens objetivando a construção de homens cultos. Para Scopinho (2010), ao abordar sobre o colégio jesuítico afirma que:

É importante entender que o colégio era reconhecido pela sociedade da época como um lugar de formação dos letrados e estes, reconhecidos e aceitos como referências para dirimir as dúvidas comuns, especialmente, num contexto marcado por grandes transformações provocadas pela expansão comercial e pelo contato com novas culturas do século XVI, período das grandes navegações, estava convencida de que era a portadora da verdade em todas as suas expressões, o que significa dizer que o contato com outras culturas não implicaria em diálogos culturais. Ao contrário, outras expressões culturais significariam a negação da verdade, o que implicaria em contrariar a própria vontade de Deus. (SCOPINHO 2010, p.36).

Diante do exposto podemos considerar os métodos pedagógicos aplicados e desenvolvidos pela ordem religiosa que aqui no Brasil teve uma relevância, principalmente em proporcionar ao índio um caminho para a salvação espiritual, moral e intelectual. Enfim não há como deixar de expressar as contribuições educacionais e religiosas deixadas pelos inicianos no processo educacional e religioso das colônias portuguesas.

Igrejas, o aldeamento e principalmente a construção das escolas ou colégios são pontos que levantamos nesse texto com meios que proporcionaram a evangelização dos nativos, e na visão dos jesuítas, segundo as cartas de Nóbrega, Navarro e Anchieta todos concordam que, foram métodos eficazes pois muitos índios deixaram seus velhos costumes primitivos e começaram uma nova prática de vida e de conduta social e cultural.

CAPÍTULO III.

A CONVIVÊNCIA DE JESUÍTAS E ÍNDIO: SUAS PRÁTICAS E COSTUMES.

3.1 COSTUMES, ADORAÇÃO E CERIMÔNIA INDÍGENAS.

Uma das constatações que os padres jesuítas tiveram sobre os índios durante os primeiros contatos foi que não tinham conhecimento algum de religião ou sobre Deus. Cardim (1881, p.21) informa “Este gentio não tem conhecimento algum de seu Criador, nem de cousa do Céu”,

Esse fato reforça o relato, logo na primeira carta de Nóbrega (1988p. 73) ao escrever para o padre Simão de Azevedo em 1549, Nóbrega afirma: “É gente que nenhum conhecimento tem de Deus. Têm Ídolos, fazem tudo quanto lhes dizem. ”

Este gentio parece que não tem conhecimento do princípio do Mundo, do dilúvio parece que tem alguma notícia, mas como não tem escrituras, nem caracteres, a tal noticia é escura e confusa; porque dizem que as águas afogarão e matarão todos os homens, e que somente um escapou em riba de um Jampaba, com uma sua irmã que estava prenhe, e que destes dois têm seu princípio, e que dali começou sua multiplicação. (CARDIM 1881 p.21).

Portanto a partir desse contexto concluíram que não tinham adoração alguma para com o divino, pois não conheciam a glória nem o inferno, todavia acreditavam na existência de uma alma e que está, não morria. Nóbrega (1988) ressalta.

Quando morre alguns dos seus, põem-lhe sobre a sepultura bacias cheias de viandas e uma rede, em que eles dormem, mui bem lavada; e isto porque creem, segundo dizem, que depois que morrem tornam a comer e descansar sobre a sepultura. Deitam-nos em umas covas redondas e, si são Principais, fazem-lhe uma choça de palma. Não têm conhecimento de Glória nem Inferno, somente dizem que depois de morrer vão descansar a um bom lugar, e em muitas cousas guardam a lei natural. (NÓBREGA 1988, p.100)

Em um outro trecho da carta de Nóbrega ainda fazendo referência a ao costumes e crenças do índio a respeito da morte encontramos que:

Quando morre algum deles, enterra-o em posição de quem está assentado, em frente lhe põem de comer com uma rede e ali dormem, e dizem que as almas vão pelos montes e ali voltam para comer. Têm grande noção do Demônio e têm dele grande pavor e o encontram de noite, e por esta causa saem com um tição, e isto é o seu defensivo. Sabem do dilúvio de Noé, bem que não conforme a verdadeira história; pois dizem que todos morreram, exceto uma velha que escapou em uma árvore. (NÓBREGA, 1988, p.91)

Todavia na essência não sabiam nada sobre crença ou adoração, sendo assim poderiam não entender a pregação do evangelho, pois a evangelização se fundamenta em conquistar crentes e adoradores a um só Deus. Queriam saber mais sobre a divindade que os jesuítas estavam apresentando, pois, o envolvimento do índio com questões concretas levava a questionamentos sobre a existência de Deus, e queriam saber como era a sua forma.

Têm mui poucos vocábulos para lhes poder bem declarar nossa Fé. Mas, contudo, damos-lhes a entender o melhor que podemos, e algumas cousas lhes declaramos por rodeios. Estão mui apegados com as cousas sensuais. Muitas vezes me

perguntam si Deus tem cabeça e corpo e mulher, e si come e de que se veste e outras cousas semelhantes. (NÓBREGA, 1988, p. 101).

Essa primeira impressão constatada pelos jesuítas, principalmente por Nóbrega, que esse modo de ser do índio poderia impossibilitar a evangelização e a veiculação da doutrina religiosa, pois tal concepção observava o índio sem entendimento, sem razão, portanto sem fé. Para os evangelizadores europeus essa cultura primitiva era selvagem e para dominá-los era necessário a domesticação a que era totalmente contrário aos seus costumes.

O entendimento que o português teve do índio, além de revelar os pressupostos de sua própria cultura, sinaliza a dificuldade de relacionamento no cotidiano, visando à realização de objetivos. Na prática, levou à domesticação do índio ou a um conflito interior, espelhando o balanço entre a tradição e o que, agora, lhe era imposto. Pode-se reconhecer a violência, obrigando o índio a entender – e praticar – sem que tivesse condição de entender, a prática se exteriorizando como expressão possível de sobrevivência. As raízes profundas da própria interpretação da realidade impediam a assimilação de outra verdade, a dos índios, obrigando aos efeitos práticos das relações, doravante guia e critério do inter-relacionamento. (PAIVA, 2005 p.7)..

Na cultura e nos costumes do índio não havia como distinguir que essa aproximação dos jesuítas tinha como propósito uma mudança no seu modo de viver e se relacionar com a natureza. O índio não conhecia os ritos religiosos católicos: missa, comunhão, confissão, batismo, unção dos enfermos, crisma, casamento, procissões, orações, penitencia, bênçãos, rezas, relíquias, medalhas, imagens, águas benta, santos, anjos e tantos outros elementos que caracterizam a doutrina a cultura e a fé dos jesuítas.

Embora os indígenas tivessem seus ritos e sua forma própria de ver a divindade, nada poderia ser comparado com o mundo devocional português, pois esse mundo era totalmente desconhecido para eles. Não fazia parte da prática de vida do índio a crença em uma divindade não concreta, sendo assim não cabia em sua cultura a questão da fé, pelo menos dentro dos novos costumes, à moda portuguesa. Por essa razão os índios eram conceituados pelos jesuítas de brutos de inculto sem religião. Nóbrega (1988), relata sobre esse assunto ao afirmar que:

Nenhuma coisa adora, nem conhece a Deus; somente aos trovões chama Tupane, que é como quem diz cousa divina. E assim nós não temos outro vocábulo mais conveniente para os trazer ao conhecimento de Deus, que chamar-lhe Pai Tupane. (NÓBREGA 1988.p. 99).

Como não conhecem a verdade, segundo os jesuítas, acreditavam em qualquer coisa que fosse apresentado como divindade aceitavam os primitivos. Reforçamos essa compreensão com afirmação de Nóbrega (1988), em sua quarta carta o padre Navarro (1988). Em 1549. Afirma que: “Mas é de grande maravilha haver Deus entregue terra tão boa, tamanho tempo, a gente tão inculta que tão pouco o conhece, porque nenhum Deus tem certo, e qualquer que lhes digam ser Deus o acreditam”, (Nóbrega, 1988 p.90).

Todavia o padre Navarro avaliou que esse processo poderia favorecer a pregação da palavra sagrada, pois os índios não conheciam nada sobre a religião vivendo de tal maneira que ele faz uma comparação com as ovelhas que vivem sem pastor, isso em outras palavras aborda que estão perdidos na prática de seus costumes.

Vos informei do fruto que se esperava nestas terras do Brasil não só com os Gentios, mas ainda com os Cristãos que aqui viviam em conformidade com eles e talvez em piores costumes, como ovelhas que não tivessem pastor que as pusesse no aprisco da vida cristã. (NAVARRO 1988.p.75).

Dentro dos costumes, adoração e cerimônias indígenas algo que chama a nossa atenção é a presença de feiticeiros, estes têm o hábito de chupar as enfermidades, todavia o índio não vê nessa prática algum tipo de divindade, embora haja o respeito, porém, a evangelização recebida já vai de certa forma transformando os costumes dos índios em relação a sua crença nos feiticeiros. Uma vez que:

Os missionários da Companhia de Jesus disputavam espaço com os Caraíbas pois queriam o posto de orientadores espirituais e canal de ligação entre os indígenas e os seres sobrenaturais. Os feiticeiros segundo a compreensão jesuítica atravancavam o seu caminho para a salvação das almas e incorporavam o que deveria ser combatido, isto é, os maus costumes. (COSTA E COSTA 2009, p.5)

O padre Navarro em sua carta datada de 28 de março de 1550, faz a seguinte observação sobre esse tema. “Já não fazem mais o que lhes dizem os

feiticeiros, e ao contrário, quando se veem enfermos, recorrem a nós para que façamos orações e digamos as palavras de Deus”. Navarro. (1988 p.76).

Já agora, quando estão doentes alguns dos novos cristãos, ou quando morrem, chamam os Padres para que roguem a Deus por eles e para que este em á sua morte, e os enterrem depois de mortos. Mas Satanás que nesta terra tanto reina, ordenou e ensinou aos feiticeiros muitas mentiras e enganos para impedir o bem das almas, dizendo que com a doutrina que lhes ensinávamos os trazíamos á morte. E si algum adoecia, diziam-lhe que tinha anzóis no corpo, facas ou tesouras, que lhe causavam aquela dor; e fingiam que lhe as tiravam do corpo com suas feitiçarias. (NAVARRO, 1988, p.104).

Os padres ainda assustam os índios defendendo a ideia de que os feiticeiros são mentirosos e estão sob o total domínio do demônio. O papel dos jesuítas aqui é desmerecer o trabalho dos feiticeiros, Paiva, nos informa que: Os jesuítas correm as aldeias, anunciam a mensagem da salvação, procuram em “cada canto alguém que esteja morrendo e, cumprida as mínimas exigências, batiza e dá graças a Deus pela alma que, dessa vez, não foi para o inferno”. Paiva (1982, p. 54).

Todavia nem sempre foi desse modo, havia algumas cerimônias oficializadas pelos feiticeiros em que muito se assemelhavam com as práticas religiosas e culturais dos índios, encontramos um relato na carta de Nóbrega que faz referência a tal situação.

Somente entre eles se fazem uma cerimônia da maneira seguinte: De certos em certos anos vêm uns feiticeiros de mui longes terras, fingindo trazer santidade e ao tempo de sua vinda lhes mandam limpar os caminhos e vão recebê-los com danças e festas, segundo seu costume; e antes que cheguem ao lugar andam as mulheres de duas em duas pelas casas, dizendo publicamente as faltas que fizeram a seus maridos umas ás outras, e pedindo perdão delas. Em chegando o feiticeiro com muita festa ao lugar, entra em uma casa escura e põe uma cabaça, que traz em figura humana, em parte mais conveniente para seus enganos e mudando sua própria voz em a de menino junto da cabaça, lhes diz que não curem de trabalhar, nem vão a roça, que o mantimento por si crescerá, e que nunca lhes faltará que comer, e que por si virá à casa, e que as enxadas irão a cavar e as frechas irão ao mato por caça para seu senhor e que hão de matar muitos dos seus contrários, e cativarão muitos para seus comeres e promete-lhes larga vida, e que as velhas se hão de tornar moças, e as filhas que as dê a quem quiserem e outras cousas semelhantes lhes diz e promete, com que os engana, de maneira que creem haver dentro da cabaça

alguma coisa santa e divina, que lhes diz aquelas coisas, as quais creem. Acabando de falar o feiticeiro, começam a tremer, principalmente as mulheres, com grandes tremores em seu corpo, que parecem endemonhiadas (como de certo o são), deitando-se em terra, e escumando pelas bocas, e nisto lhes persuade o feiticeiro que então lhes entra a santidade; e a quem isto não faz tem-lo o a mal. Depois lhe oferecem muitas coisas e em as enfermidades dos Gentios usam também estes feiticeiros de muitos enganos e feitiçarias. Estes são os mores contrários que cá temos e fazem crer algumas vezes aos doentes que nós outros lhes matemos em corpo facas, tesouras, e cousas semelhantes e que com isto os matamos. Em suas guerras aconselham-se com eles, além dos agouros que têm de certas aves. (NÓBREGA.1988 p. 99, 100).

As cartas produzidas pelos jesuítas, nos apresentam em vários momentos uns dos costumes e hábitos culturais indígenas, mais arraigados e repugnantes dentro da cultura europeia, que é sem dúvida, ação de se alimentar de carne humana ou seja a prática da antropofagia. Essa como não poderia deixar de ser foi um costume indígena mais combatido pelos evangelizadores católicos no século XVI.

De todos os costumes e gosto dos índios, nenhum é tão prazeroso para o gentio, como matar os contrários e em uma cerimônia alimentar-se de sua carne. O padre Nóbrega, escrevendo para o padre Navarro em 1549, apresenta essa informação sobre os índios de forma bem detalhada, quando escreve que:

Fazem guerra, uma tribo a outra, a 10, 15 e 20 léguas, de modo que estão todos entre si divididos. Si acontece aprisionarem um contrário na guerra, conserva-o por algum tempo, dão-lhe por mulheres suas filhas, para que o sirvam e guardem, depois do que o matam com grande festa e ajuntamento, dos amigos e dos que moram por ali perto, e si deles ficam filhos, os comem, ainda que, sejam seus sobrinhos e irmãos, declarando ás vezes as próprias mães que só os pais e não a mãe, têm parte neles. E ' está a coisa mais abominável que existe entre eles. Si matam a um na guerra, o partem em pedaços, e depois de moqueados os comem, com a mesma solenidade; e tudo isto fazem com um ódio cordial que têm um ao outro, e nestas duas cousas, isto é, terem muitas mulheres e matarem os inimigos, consiste toda a sua honra. São estes os seus desejos, é esta a sua felicidade. (NAVARRO 1988 p.90).

O canibalismo é o costume de se alimentar de carne humana; muito distinta comum entre os nativos. Os indígenas se alimentar de seus inimigos como uma forma de vingança. Os padres jesuítas não eram considerados como inimigos dos índios, tinham uma outra forma de relação de convivência.

O canibalismo presente no Brasil foi considerado por Jean de Léry como um universo de vingança, especialmente, masculino. Pois, tratava-se de ser um ponto de honra, fruto de uma conduta viril que movimentava as violências guerreiras alimentares. Ao contrário dos homens que suplantam seus adversários e devoram como ato simbólico do desfecho de uma vingança. (JAVÉ 2008 P.12)

Agnolin (2001), ressalta sobre essa questão dizendo que: Os índios “respondiam, portanto, estar agindo dessa forma somente para vingar a morte dos próprios parentes e destacavam que a vingança era só e único motivo das próprias expedições guerreiras”. Agnolin, (2001, p.133).

Já para Candim (1881). Compartilha dizendo que:

De todas as honras e gostos da vida, nenhum é tamanho para este gentio como matar e tomar nomes nas cabeças de seus contrários, nem entre eles há festas que cheguem as que fazem na morte dos que matão com grandes cerimoniais, as quais fazem desta maneira (CANDIM 1881, p. 20).

As principais preocupações dos jesuítas, em deferir o batismo consistia na certeza da eliminação do modo de viver dos primitivos, essa preocupação fica bem clara na primeira carta avulsa do padre Navarro em 1550, ele expõe que: A outra razão, não menos eficaz, de diferir o Baptismo é que muito arraigado está neles o uso de comer carne humana, (Navarro 1988, p.77).

O padre Navarro (1988), ainda explica que usa muito tempo buscando por meio da repreensão fazer os índios deixarem esse vício, como podemos perceber na seguinte passagem:

Gasto grande parte do tempo em repreender esse vício; replicam alguns que comem-na somente as velhas; outros dizem que seus antepassados comeram e que eles devem comer carne humana. Dizem outros que é o modo usual de vingarem-se, e que os contrários praticam o mesmo a respeito deles e que eu não deveria arrancar-lhes este seu alimento. (NAVARRO 1988, p.77).

Ainda na primeira carta de Navarro do dia 28 de março de 1550, ele faz um relatório sobre o momento de guerra entre os índios e seu final.

Uma vez, por estes dias, foram á guerra muitos das terras de que fallo, e muitos foram mortos pelos inimigos, donde, para se

vingarem, outra vez lá voltaram e mortos muitos dos contrários, trouxeram grande abundância de carne humana, e indo eu visitar uma aldeia, vi que daquela carne cozinhavam em um grande caldeirão, e ao tempo que cheguei, atiravam fora uma porção de braços, pés e cabeça de gente, que era cousa medonha de ver-se, e seis ou sete mulheres, que com trabalho se teriam de pé, dançavam ao redor, espevitando o fogo, que pareciam demônios no Inferno. (NAVARRO 1988, p.76,77).

Segundo esse relatório de Navarro, os índios ao perceberem sua presença deixaram de preparar a carne de seus contrários, devido ao temor e pela reverência que os índios tinham quando eram visitados pelos jesuítas. Quanto a essa questão do respeito que os ameríndios apresentavam, o padre Antônio Pires em 1551 relata:

Em algumas destas aldeias é tão grande o temor e reverencia que têm aos Padres, que não ousam abertamente comer carne humana, de maneira que estão estes Gentios, principalmente os da Bahia, aparelhados para se fazer neles grande fruto. (NAVARRO 1988, p.106)

Já na décima terceira carta de Nóbrega, direcionada para o rei D. João em 1554, o jesuíta informa sobre algumas mudanças de costumes e hábitos dos indígenas ao afirmar que: “há muitas gerações que não comem carne humana, as mulheres andam cobertas, não são cruéis em suas guerras, como estes da costa, porque somente se defendem”. (Nóbrega 1988, p.144).

O padre Antônio Pires em 1551 faz referências a essa mudança, nas cartas avulsas, quando escreve:

Em algumas destas aldeias é tão grande o temor e reverencia que têm aos Padres, que não ousam abertamente comer carne humana, de maneira que estão estes Gentios, principalmente os da Bahia, aparelhados para se fazer neles grande fruto. (NAVARRO 1988, p.106)

Em um outro trecho das cartas avulsas, agora o relato do padre Antônio Blasquez, ressalta que fruto do evangelismo estava sendo bem ampliando, nesse relato há a história de um líder que foi convertido e antes disso comia carne humana, o que deixou de fazer depois que se tornou cristão, deixando assim seus velhos hábitos e costumes. E esse líder vai além dizendo que quem pratica tal coisa, não pode pertence a Deus, mas ao demônio.

Havia então um Principal da aldeia, que sendo convidado para comer carne humana, não somente não a comeu, mas repreendeu terrivelmente aos que lhe ofereciam, dizendo que ele era cristão e que havia de guardar seus costumes; mas eles, que eram diabos, que assim os demônios lhe haviam de fazer quando morressem. (NAVARRO 1988, p.196).

A evangelização converteu ao cristianismo um líder e na aldeia mostrou sua fidelidade, pois testemunhou que não faz mais uso de velhos costumes, nesse caso específico, comer carne humana. Essa informação é conveniente pois:

Os integrantes da Companhia de Jesus, adotavam estratégias para catequização das tribos, entre elas estava a tentativa de conversão do chefe, principal ou pessoa que, na tribo detinha o poder de influenciar os demais. Pensavam que se fosse convertido o chefe influente, os demais poderiam ser arrebanhados com mais facilidade. (COSTA E COSTA 2009, p.6)

Essa nova forma de viver, será ensinada para os mais jovens, dessa maneira as novas gerações não mais terão, como hábito fazer uso de tal prática, que é totalmente contrária ao cristianismo.

Em 1559, Nóbrega escrevendo aos padres de Portugal, faz referências para essa significativa mudança de costumes dos índios de um determinado lugar, quando afirma que:

A carne humana que todos comiam e mui perto da cidade é agora tirada e muitos tomam já por injúria lembrar-lhes aquele tempo, e si em alguma parte se comem, são admoestados e castigados por isso; isto em partes onde não pôde chegar a doutrina, como foi pela Bahia á dentro sete ou oito léguas desta cidade, um Principal não quis senão comê-la com festas. (NÓBREGA 1988, p.181,182).

Dentre os costumes culturais indígenas que também incomodavam bastante os jesuítas e esses buscavam combater firmemente, era o modo que tinha os primitivos de se vestir. Pois todos andam nus tanto homens como mulheres, mas mesmo diante desse quadro apresentam um estado de pura inocência.

Encontramos fundamentação dessa afirmação, na própria carta do padre Nóbrega em sua quinta carta, em 1549, quando oferece informações sobre a terra. Ele informa que: “A informação que destas partes do Brasil vos posso dar, Padres e Irmãos caríssimos, é que tem esta terra mil léguas de costa, toda

povoada de gente que anda nua, assim mulheres como homens”, Nóbrega (1988, p.97).

Quanto a criação dos filhos, causa estranheza para os jesuítas o próprio nascimento das crianças, pois as mulheres deixam as crianças caírem no chão no momento do parto, o pai que levanta e realiza os demais processos, como cortar o cordão umbilical, usando os dentes como faca, ou até mesmo pedras.

Os índios também apresentam um costume bem peculiar, quando recebem algum hospede, relatos mostram que as mulheres se assentam ao redor do hospede, com os cabelos baixos, tocando com a mão na mesma pessoa, e começam a chorar em alta voz e com grande abundância de lágrimas.

Os indígenas também apresentam em sua cultura, o ato de cantar, muitas dessas melodias são imitações de pássaros e outros animais. Isso pode ocorrer em vários tipos de cerimônias ou festas que acontecem entre eles. Também é comum o uso de tintas feitas de vegetais ou árvores para pintar o próprio corpo.

Quanto às suas ferramentas, usam instrumentos de pedras, ossos, pau, canas, dentes de animais e com isso derrubavam árvores e matos, faziam suas armas como o arco e a flechas.

A evangelização transforma a cultura do índio; era necessário que isso acontecesse, pois sem essa mudança não era possível ser considerado como cristão, em muitas cartas os jesuítas deixam expressas que tiveram sucesso, pois os índios manifestavam o desejo de ser cristão.

Mas por trás desse desejo há um preço que deve ser pago pelos índios, que é uma nova forma de comportamento, totalmente diferente de sua natureza, mas que aceitaram viver e assim, apagar seus costumes. Pois como ressalta Paiva (1982, p. 100). “A catequese serviu de instrumento para a imposição dos usos e costumes português. O destinatário desta ação foi o índio”.

Esse processo de aculturação, a evangelização do índio aponta diretamente para as principais modificações culturais que tiveram de sujeitar os indígenas, como podemos ver na citação abaixo:

Beber vinho à noite, roubar, desejar mulher, fazer esposas pecarem, cometer desonestidades, espreita-las, esconder os pecados grandes, prezar o nome antigo, abandonar a aldeia, ficar sem ouvir missa, comer carne todos os dias, roçar e plantar nos dias santos, falar mentiras, maledicências, dançar e adornar-se, tingir-se de vermelho, empenar o corpo, pintar as

pernas, fazer-se negro, fumar, curandeirar, enfurecer-se, andar matando, comer um ao outro, amancebar-se, ser espião: eis de quanta coisa deve agora o índio se esquivar: (PAIVA 1982, p.101, 102).

A evangelização dos índios brasileiros durante a segunda metade do século XVI, pode ser considerada como um processo educativo, principalmente que na medida que são educados e batizados em uma religião cristã, são tatuados ou marcados ou até mesmo impregnados pela cultura europeia.

Esse processo de aculturação foi ao longo do tempo destruindo o processo cultural primitivo dos índios. Segundo Costa (2009, p.17). Ressalta sobre isso que:

“Os jesuítas não foram destruidores de uma cultura, ao menos não de forma consciente, mas acreditando prestar um serviço ao cristianismo e à humanidade, promovendo a salvação das “almas perdidas” dos silvícolas”.

3.2 AS PRÁTICAS RELIGIOSAS DOS ÍNDIOS.

Na mentalidade dos jesuítas só existia uma possibilidade de convivência com os índios brasileiros no século XVI, essa possibilidade estava fundamentada em apresentar o mundo cristão e a sua prática religiosa. A tarefa específica dos jesuítas estava na conversão do índio para a fé católica. Concordamos com Costa (2007) quando afirma que:

O objetivo da atuação jesuítica junto aos índios no Brasil foi o de convertê-los. Transformar os gentios selvagens em cristãos, ou reduzi-los ao cristianismo, representava inseri-los na cultura ocidental, torná-los participantes da religião que era advogada como única verdadeira, era civilizá-los com rei e lei, era fazê-los, enfim, súditos portugueses, sujeitos às regras temporais e espirituais que isso representava, e, do ponto de vista jesuítico, fazer cristãos aos índios era propiciar-lhes a possibilidade da felicidade eterna por meio da salvação de suas almas. Converter significava tudo isso. (COSTA 2008, p.94)

A luta dos jesuítas consistia na salvação da alma dos índios, pois os jesuítas afirmavam que esses índios não acreditavam em nada, não adoravam nada, logo não poderiam entender a pregação do evangelho. Chegaram inclusive a comparar os habitantes nativos a uma folha de papel em branco e

que não havia outra coisa a fazer se não escrever à vontade para que pratiquem a religião, dentro do modelo europeu.

O objetivo da atuação jesuítica junto aos índios no Brasil foi o de convertê-los. Transformar os gentios selvagens em cristãos, ou reduzi-los ao cristianismo, representava inseri-los na cultura ocidental, torná-los participantes da religião que era advogada como única verdadeira, era civilizá-los com rei e lei, era fazê-los, enfim, súditos portugueses, sujeitos às regras temporais e espirituais que isso representava, e, do ponto de vista jesuítico, fazer cristãos aos índios era propiciar-lhes a possibilidade da felicidade eterna por meio da salvação de suas almas. Converter significava tudo isso. (COSTA 2007, p.93)

Esse item terá essa preocupação levantar junto as cartas jesuíticas, principalmente dos padres Manoel da Nóbrega, as cartas avulsas de Navarro e finalmente as cartas de José de Anchieta, as práticas cristãs, ensinadas pelos jesuítas para os índios e como esses desenvolveram determinadas práticas religiosas.

Em alguns relatos encontramos os jesuítas escrevendo que os índios, não sabiam nem como fazer orações, pois eram brutos e sem vocábulos e que aos poucos por meio da doutrinação isso mudaria. E quando estivessem hábeis seriam batizados.

Com a chegada dos inicianos ao Brasil havia uma preocupação de Nóbrega, que era logo realizar alguns batismos, pois os próprios índios andavam atrás dos padres pelos caminhos, perguntando quando eles receberiam o batismo, que para isso prometiam inclusive viver como os jesuítas. Nóbrega só via um agravante desse desejo era que ainda não tinha roupas para se cobrir.

Desta maneira ir-lhes-ei ensinando as orações e doutrinando-os na Fé até serem hábeis para o baptismo. Todos estes que tratam conosco, dizem que querem ser como nós, senão que não têm com que se cubram como nós, e este só inconveniente têm. (NÓBREGA 1988, p.72)

Essa questão da roupa para os índios, que gostariam de ser cristão, em uma outra passagem da primeira carta de Nóbrega aparentemente é solucionada quando o jesuíta escreve que;

Parece-nos que não podemos deixar de dar a roupa que trouxemos a estes que querem ser cristãos, repartindo-lh'a até ficarmos todos iguais com eles, ao menos por não escandalizar

aos meus Irmãos de Coimbra, si souberem que por falta de algumas ceroulas deixa uma alma de ser cristã e conhecer a seu Criador e Senhor e dar-lhe glória. (NÓBREGA 1988, p.74).

A prática do batismo era algo considerado muito sério pelos jesuítas, pois era a porta que se abria para viver em uma nova sociedade, uma comunidade cristã, esse não era um simples rito, mas era um meio de dizer que os primitivos selvagens agora estavam, efetivamente, abandonando os velhos hábitos bárbaros e aceitando os bons costumes cristãos.

O batismo é um sacramento da igreja em que se considera que o batizando, evidentemente após receber ensinamentos, orientações e mostrar o desejo de ser batizado, deve viver de forma diferente, seus antigos hábitos devem ser abandonados e a partir do batismo ter uma nova forma de vida.

A preocupação do padre Nóbrega em batizar os índios, presente logo na sua chegada é introduzir esses nativos o mais rápido possível nos devocionais de uma vida cristã. A prática do batismo fica mais definida, com a construção dos aldeamentos tema que já falamos anteriormente.

Os índios doutrinados aceitavam viver nas aldeias e conseqüentemente também aceitavam o rito do batismo, pois queriam ser como os europeus. Depois do batismo o processo de evangelização tem sua continuidade, como podemos constatar no seguinte relato feito pelo padre Nóbrega em sua quarta carta, direcionada ao padre Navarro de 1549. Ele diz:

Em duas das principais aldeias de que tem cargo, fizeram-lhe uma casa onde estejam e ensine aos catecúmenos; em outra aldeia, também próximo a esta cidade, fizemos uma casa a modo de ermida, onde um de nós está incumbido de ensinar e pregar aos batizados de pouco, e a outros muitos catecúmenos, que nela vivem. Os Principais da terra batizaremos em breve, que outra coisa não se espera senão que tornem á suas mulheres, que têm esperança em que conservem a fidelidade. (NÓBREGA 1998, p.93).

A prática do batismo proporciona ao índio, uma nova vida, pois agora ele pertence a um novo grupo, dessa forma há a necessidade inclusive de mudar seu próprio nome, recebem um nome português e deixando seu antigo nome.

O nome é uma identidade, representa sua personalidade, receber um nome é ritual presente em todas as culturas, mudar o nome é também aceitar uma nova cultura, nesse caso específico a cultura portuguesa.

O novo nome como que faz renascer o batizado na comunidade cristã. Só isto já bastaria para traduzir todo o significado do rito. No entanto, observamos ainda que o novo nome é um nome português. Como considera Paiva (2000.p.8).

Sobre essa questão de mudar o nome depois do batismo, encontramos o relato do padre Vicente Rodrigues data de 17 de setembro de 1552, a seguinte afirmação: “Têm desejos de se batizarem, e querem já saber do nome que hão de ter” Navarro (1988 p.160).

Ainda dentro desse contexto Paiva (1982). Continua sua análise sobre esse tema, do novo nome ligado com o batismo, afirmando que:

O índio recém-batizado deixa seu nome antigo, deixa de pertencer ao grupo inominável em língua cristã, e recebe um nome e um modelo: é Martim Afonso de Sousa, é Pero Lopes de Sousa, é Fernão Correia, Garcia de Sá, Bastião de Pontes, Vasco Fernandes, Henrique Luis, Sebastiao de Lemos, e ainda, Inácio de Azevedo, Luis da Grã, Benedito, Francisco, Filipe, Gonçalo, e tantos outros. Os “modelos” são os grandes: os que, dentre os portugueses, se impuseram primeiramente pela força das armas e, depois pela força das palavras. Eles não têm apenas uma função patronímica mas patronal: recebendo os afilhados na família (isto aconteceu com os primeiros nomeados e continuou sendo costumes que governador, ouvidor, provedor e outros oficiais apadrinhassem os novos cristãos) e garantindo-lhes um “status” na nova sociedade. (PAIVA, 1982, p. 68).

Pensamos que esse sacramento possui sua relevância no relacionamento do índio com os jesuítas, dada a quantidade de ocorrência presente nas cartas, pesquisadas, cartas essas que nos ofereceram subsídios para essa pesquisa.

Como a prática do batismo é o portal de entrada para a vida devocional cristã, as demais práticas religiosas são uma consequência normal para a total mudança de comportamento dos nativos, assim pensavam os jesuítas e para isso fazem o uso de manter os índios nos aldeamentos.

Batizar os gentios é dar-lhes uma nova vida, com novos costumes e rituais que necessitam ser incorporados, além de confiar-lhes tamanho prestígio, passando de selvagens a cristãos – claro que, aos olhos jesuíticos, os índios convertidos sempre foram vistos como cristãos limitados. O importante, contudo, era batizá-los para que se tornassem parte concreta da

empresa missional, e não apenas moradores esporádicos das reduções. (FELIPPE 2007, p.21).

As aldeias são locais em que a evangelização acontece, o ensinamento do catecismo, o ensinamento da língua portuguesa e conseqüentemente o batismo. Na primeira carta do padre José de Anchieta de 1554, ele explica a satisfação dos padres, pois estão tendo muito trabalho na divulgação da fé; mas o resultado está sendo satisfatório, tanto que as crianças são levadas voluntariamente pelos seus pais, com o propósito de receber as devidas instruções para o batismo.

Anchieta (1988) ressalta que:

Nesta aldeia, cento e trinta de todo o sexo e idade foram chamados para o catequisemos e trinta e seis para o batismo, os quais são todos os dias instruídos na doutrina, repetindo as orações em português e na sua própria língua. (ANCHIETA 1988 p. 49.)

O objetivo da convivência e sobretudo da evangelização é conquistar o índio, por meio da instrução para o batismo, essa instrução se concentra na prática religiosa de ensinar a doutrina, repetindo as orações tanto em português, como na língua da terra, mesmo assim, há necessidade de ter cautela, antes de promover o batismo, para ter a certeza que os índios não vão retornar aos antigos costumes, coisa que era muito comum, principalmente o costume de comer carne humana.

Justamente por ser comum a saída dos índios das aldeias, era necessária uma evangelização mais eficaz, um método mais poderoso para manter os indígenas ligados com as questões religiosas que somente a prática do batismo não dava conta.

Agora com a ajuda de Nosso Senhor nos ocupamos em a doutrina destes índios e em rogar ao Senhor que abra a porta para a conversão de muitas nações de que temos novas e em que parece se fará muito fruto por não haver entre elas costume de comer carne humana. (ANCHIETA, 1988, p.82).

Mesmo recebendo determinada “pressão” por parte dos índios, os jesuítas necessitavam da certeza de que eles foram evangelizados e que já possuíam certa experiência religiosa, para receber o batismo. “Importunam muito pelo o

santo batismo, mas tem-se muito aviso de não os batizar até haver deles muita experiência para que se tem desta terra”. Anchieta, (1988, p.82).

Na carta de Affonso Braz, de 1551, presente na sexta cartas avulsas, esse jesuíta relata sobre seu trabalho, informa que ensinou a doutrina e fez muito frutos, mesmo diante desse aparente sucesso ele reforça a preocupação de Anchieta quando nos diz que:

Não ousou aqui batizar estes gentios tão facilmente, ainda que o pedem muitas vezes, porque me temo de sua inconstância e pouca firmeza, senão quando estão em o artigo da morte. Tem-se cá mui pouca confiança neles porque são mui mudáveis, e parece aos homens impossível poder estes vir a ser bons cristãos, porque aconteceu já batizar os Cristãos alguns, e tornarem a fugir para os gentios, e andam depois lá piores que d'antes, e tornam-se a meter em seus vícios e em comer carne humana. (NAVARRO 1988, p.114)

A prática do batismo executado pelos jesuítas, começou a ser percebida como uma prática de salvação e cura. A salvação no sentido de ganhar uma alma para Deus, e a vida eterna, a cura no sentido que alguns índios começaram a relacionar a prática do batismo, com a cura física.

Diante desse quadro encontramos vários relatos, em que os jesuítas andavam pelas aldeias, anunciando a boa nova da salvação, com intuito de encontrar os enfermos em estado terminal e submetê-los algumas evangelizações mínimas e operar o rito do batismo, para que essa alma não seja levada para o inferno; essa era uma condição extrema para oferecer o batismo.

O batismo só era oferecido, quando o gentio era uma criança, então os jesuítas necessitavam da autorização dos pais para realizar o batismo. Paiva (1982) “ressalta que: a morte de crianças batizadas era motivo de alegria não no céu apenas, mas também na terra”. Paiva (1982.p, 55).

Na carta do padre Vicente Rodrigues datada de 17 de março de 1552, que constitui a décima primeira carta avulsa, encontramos, um relato em que essa questão, da cura por meio do batismo é bem ilustrada, quando afirma que:

Na mesma aldeia estando um menino quase morto, como foi batizado, recebeu saúde. Visitando um Padre as aldeias do gentio, achou um menino para morrer, desconfiados já o pai e a mãe de viver e disseram ao Padre que lhe dessa saúde. Respondeu que o deixassem batizar e que rogaria a Deus por ele. E contradizendo-o muitos por lhe parecer que com isto morreria mais cedo, somente com o

consentimento de seu pai o batizou. Logo dali em diante se achou bem e viveu. (NAVARRO 1988, p.135,136).

Esse relato é possível fazer um paralelo, entre a prática do batismo e a salvação das almas, ou a cura física do indivíduo. A preferência dos jesuítas era oferecer o batismo apenas para as crianças. Algumas vezes os adultos foram batizados, se estivessem muito doentes, ou deveriam dar prova de fidelidade à nova forma de viver.

Essa nova forma de viver na qual fiz referência, está diretamente relacionado em abandonar os velhos costumes, dentre eles; não acreditar em feiticeiros, ter somente uma mulher e ser fiel a ela, para sair do adultério e principalmente deixar de comer carne dos seus contrários; assim poderiam os padres jesuítas permitir a prática do batismo nos adultos e principalmente nos líderes.

O padre Manoel da Nóbrega, escrevendo ao padre Navarro em 1549, faz uma referência para essa questão sobre a prática do batismo em índios adultos, ele ressalta que:

Os Principais da terra batizaremos em breve, que outra coisa não se espera senão que tornem á suas mulheres, que têm esperança em que conservem a fidelidade: porque é costume até agora entre eles não fazerem caso do adultério, tomarem uma mulher e deixarem outra, como bem lhes parece e nunca tomando alguma firme. (NÓBREGA 1988, p.93).

Buscar batizar os líderes era uma estratégia, pois se os padres ganhassem a confiança daqueles, era possível também chegar aos demais índios daquela determinada tribo. E a questão familiar era um indicador relevante para se receber o rito do batismo. Ainda nessa quarta carta de Nóbrega de 1549, encontramos um relato em que os padres eram seguidos pelos índios e ao encontrá-los, perguntavam quando poderia ser batizado.

Segundo a reflexão de Nóbrega isso mostra o grande desejo de viver conforme os conselhos da igreja. Principalmente porque prometiam mudar seus costumes, aceitando a doutrina cristã, como é possível observar na próxima citação.

E alguns vêm pelos caminhos a nosso encontro, perguntando nos quando os havemos de batizar, mostrando grande desejo e prometendo viver conforme o que lhes aconselhamos;

costumamos batizar marido e mulher de uma só vez, logo depois casando-os, com as admoestações daquilo que o verdadeiro matrimônio reclama; com o que se mostram eles muito contentes, prestando-nos muita obediência em tudo quanto lhes ordenamos. (NÓBREGA 1988, p.92).

Para Vainfas (1995 p.121): O batismo do índio era uma forma de purificação dos males selvagens na concepção dos jesuítas, “por meio dessa prática religiosa esperava-se uma iminente regeneração dos hábitos indígenas, uma santidade aos ritos religiosos católicos”.

O batismo era a porta de entrada no mundo cristão, condição para que aquelas pessoas pudessem ter acesso à religião, iniciando o caminho para a salvação de suas almas. Ao mesmo tempo, o batismo tornava-se a porta de entrada, também, para o mundo ocidental e sua respectiva cultura. (COSTA, 2008, P.95).

O padre jesuíta João Terra (2000) ressalta que o batismo só deveria ser administrado depois de uma devida catequese, por essa razão o principal alvo dos jesuítas se focava, nas crianças e não diretamente nos seus pais. As cartas jesuíticas dedicam muitos relatos acerca da necessidade e importância do batismo, algumas vezes essa prática era feita em massa, depois de um longo tempo de evangelização.

Podemos perceber esse batismo em massa na vigésima quinta carta avulsa com data de dezanove de julho de 1558.

Logo o dia da Visitação se batizaram trinta e tantos; ao domingo, dali a oito dias, se batizaram vinte e tantos, que são por todos 144; todos estes eram meninos de escola já bem doutrinados, porque dá outra gente grande se batizarão mais devagar; e ainda que nos tempos passados os páes não queriam consentir que lhe seus filhos batizassem, e, si adoeciam, os escondiam, agora, por bondade do Senhor, como lhe adoecem, os vêm oferecer ao batismo, e, depois que fizemos o primeiro batismo na nova igreja, houve muitos que se queixaram porque aquele dia lhe não batizaram seus filhos, parecendo-lhe que ficavam já para se não haverem de batizar. (NAVARRO 1988, p.227)

Os ensinamentos prosseguiram pelas diversas aldeias, objetivo não era só no campo da pregação aos adultos, os ensinamentos, sobre tudo era fazer as crianças aprenderem as orações, e assim desejarem ser batizadas. O padre Nóbrega ressalta essa questão ao afirmar que:

O padre Navarro estava (como ainda está) em suas aldeias, pregando aos grandes e ensinando a ler e a fazer orações aos pequenos e ajudando a se afervorarem no amor de Deus e no desejo do batismo alguns homens e catecúmenos, entre os quais alguns o pedem com muita instância. (NÓBREGA 1988, p.103).

O que é passível de reflexão aqui é se esse desejo por parte dos índios se dava pela imposição dos Europeus, ou era realmente um desejo dos índios, pois em um relato o padre Nóbrega afirma que em determinado lugar ele não encontra entre os gentios, nenhuma repugnância, embora deixar os velhos hábitos e costumes era a maior dificuldade. Na sétima carta de 1551 encontramos:

Em estas partes depois que cá estamos, caríssimos Padres e Irmãos, se fez muito frutos. Os Gentios, que parece que punham sua bem-aventurança em matar os contrários e comer carne humana e ter muitas mulheres, se vão muito emendando, e todo o nosso trabalho consiste em os apartar disto; porque todo o demais ó fácil, pois não têm ídolos, ainda que há entre eles alguns que se fazem santos, e lhes prometem saúde, e vitória contra seus inimigos.

Com quantos Gentios tenho falado nesta costa em nenhum achei repugnância ao que lhe dizia. Todos querem e desejam ser cristãos; mas deixar seus costumes lhes parece áspero. Vão com tudo pouco a pouco caindo na verdade. (NÓBREGA 1988, p. 114.)

Já na quarta carta do padre Navarro, presente nas cartas avulsa de 1551, ele adverte da importância de oferecer o batismo somente depois do processo de evangelização, primeiro deve ser instruído na fé depois receber o batismo, se realmente deixaram seus antigos costumes primitivos e selvagens.

Estando escrevendo esta me veio buscar um índio com sua mulher e filhos que os batizasse que queria ser cristão, mas dilatei-lhe o Sacramento até ser ensinados em nossa Fé. Isto uso com todos salvo no perigo da morte, assim por ser necessário ser primeiro instruídos na Fé, como por outros respeitos que eles pouco mais ou menos já saberão por outras que tenho escrito. (NAVARRO 1988, p.99).

Esse processo de evangelizar antes de oferecer o batismo, além de ser importante para que todos tivessem conhecimento sobre a doutrina religiosa católica era também uma orientação do padre Nóbrega para os demais jesuítas

que se encontravam aqui no Brasil. Na carta do padre Antônio Pires escreveu no dia dois de agosto de 1551, temos uma referência sobre essa ordem de Nóbrega.

Muitos dos Gentios pedem a água do Batismo; mas o padre Nóbrega há ordenado que primeiro lhes façam os catecismos e exorcismos até que conheçamos neles firmeza, e que de todo o coração creiam em Cristo, e também que primeiro emendem seus maus costumes. (NÓBREGA 1988, p.102).

Essa ordenança por parte do padre Nóbrega se dava pois era comum aos índios receberem o batismo e depois voltarem para suas antigas práticas pecaminosas, na visão dos jesuítas, por essa razão há a necessidade de uma boa instrução, saber as orações e participar das missas apontava para um caminho em que os índios precisavam percorrer demonstrando assim sua total mudança.

O padre José de Anchieta relata em sua primeira carta em Maio de 1554, que para o recebimento do batismo, faz-se pertinente saber as orações tanto em português como na língua nativa, e ter boa instrução nas doutrinas, justamente para não caírem na tentação de voltar a praticar seus antigos costumes. Anchieta orienta que a melhor forma de saber se houve mudança é submeter os índios a uma longa prova, como podemos ver abaixo.

Nesta aldeia, cento e trinta de todo o sexo e idade foram chamados para o catequismo e trinta e seis para o batismo, os quais são todos os dias instruídos na doutrina, repetindo as orações em português e na sua própria língua; o concurso e frequência das mulheres é maior; em cada domingo celebra-se missa para os mesmos; sendo muitos catecúmenos despedidos gravemente depois do ofertório, com dificuldade e gravemente o toleram, e nos rogam incessantemente que os promovamos ao batismo, o que é de cautela que se não faça, para que não voltem ao erro dos antigos costumes; porquanto, julgamos que não se lhes deve conceder o batismo senão depois de uma longa prova. (ANCHIETA, 1988, p.49).

O padre Anchieta chama atenção para que se tenha cautela na administração do batismo, por essa razão em inúmeras vezes encontramos nas cartas que o ensinar meninos e meninas, poderia ser mais frutífero, pois ao crescerem manteriam a boa conduta cristã. Anchieta relata que: “Batizamos todos os pequenos, e algumas moças, as quais depois que crescerem possam casar com os moços que se ensinam na escola”. Anchieta, (1988 p. 108).

3.3. COMUNHÃO E CONFISSÃO.

Outra prática religiosa aplicada e desenvolvida pelos religiosos católicos na convivência com os índios é o ato da comunhão. Essa prática foi usada como um aparelho disciplinar dos mais hábeis e eficazes. Comunhão como um rito religioso, pode ser considerado como uma participação comum em alguma coisa, também pode ser considerada como uma partilha, todavia no Brasil quinhentista não era um costume a prática da comunhão com frequência, pois esse rito estabelecido pelos jesuítas, começou a ser empregado principalmente depois de perceberem, que somente o batismo não era suficiente para manter os índios distantes e desistentes de seus velhos costumes, sobre tal questão Paiva (1982); ressalta que:

O batismo se afrouxara como instrumento de transformação e perseverança: a experiência mostrara que muitos, ou por falta de doutrinação suficiente ou por fraqueza, voltavam atrás. Era preciso um remédio para os que estavam em perigo. A comunhão solene foi introduzida. (PAIVA 1982, p.69).

Serafim Leite (1938) apud Paiva (1892, p.69). Conclui sobre essa temática afirmando que: Só em 1573 foram os índios admitidos à comunhão anual. E só se admitiam os melhores. “A comunhão era dada como prêmio de uma vida irrepreensível: os que se admitiam eram os primeiros em todo o gênero de virtude”.

Podemos concluir que a comunhão era uma prática mais reservada, que era oferecida aos índios como uma premiação pela sua nova forma de viver, de acordo com a cultura religiosa europeia.

Já uma outra prática que chama atenção nessa convivência com índio é a confissão. Podemos considerar ou entender a confissão nesse caso específico como uma ação religiosa, não confundir com confissão de fé.

O que de fato era trabalhado pelos jesuítas era a prática do reconhecimento do ser como pecador, isso significa que o pecador (nesse caso o índio), deveria reconhecer o próprio pecado e assumir a sua culpa à luz da revelação de Deus, sendo por isso mesmo, um sinal de seu arrependimento, a partir daí ele recebe o perdão de seus pecados.

Esse perdão era oferecido, pelos padres, pois como representantes de Deus na terra, era-lhe outorgado conceber o perdão e isso passou a ser ou fazer

parte dos trabalhos dos jesuítas, tanto na convivência como no processo de evangelização dos índios. A confissão era um outro passo em que os nativos deveriam dar depois do batismo, esse ato era a entrada na vida cristã, porém tão importante quanto entrar era permanecer cristão, assumindo algumas responsabilidades ligadas diretamente com a religião.

Na segunda carta avulsa produzida pelo padre Leonardo Nunes, este ao fazer observações sobre o seu próprio trabalho, coloca que além de cuidar dos irmãos, sua ocupação também consiste em confessar e pregar.

Todo o mais tempo que aqui estive, além de ter cuidado dos Irmãos, sempre me ocupei em confessar e pregar algumas vezes, acudindo quando podia a outras necessidades espirituais e exercitando-me em obras pias, buscando em tudo a salvação das almas, e não com pouco trabalho. (NAVARRO 1988, p.88,89).

Para o recebimento do perdão há necessidade de se confessar e deixar seus erros, em uma passagem o próprio padre Nóbrega aborda essa questão ao ressaltar que: “Todos andam com grande fervor e querem emendar-se de seus pecados e se confessam”. Nóbrega (1988 p. 120).

Somente com essa afirmação poderíamos concluir que os índios assimilaram bem a cultura manipulativa católica de buscar, o perdão de seus erros, contando-os para os padres e acima de tudo se redimido, esses resultados obtidos se dão pela convivência e pelos frutos da evangelização imposta pelos religiosos europeus. Na visão de Felipe (2008), ressalta que:

A importância do sacramento está justamente em seu caráter manipulador: expondo seus pecados, o fiel admite ter cometido erros, arrepende-se e confia-os ao padre. Desta forma, a Igreja passa a policiar as ações e pensamentos de seus crentes, impondo-lhes limites e condutas que devem ser seguidos. Neste contexto em que o catolicismo rege as condutas morais, “o confessor tornou-se um personagem insubstituível” (FELIPPE, 2008, p. 125,126)

Os jesuítas se importavam com o sacramento da confissão, semelhantemente ao batismo, pois os padres seguindo as orientações do Concilio de Trento eram responsáveis por ouvir aos ameríndios, analisando seus procedimentos pecaminosos e atribuir uma penitência, essa punição tinha como propósito corrigir seus atos pecaminosos.

A confissão deveria ser sem omissão de nada, frente a frente, o índio com o padre o temor e a vergonha não podem existir, só assim o perdão poderia ser dado. Não contar toda a verdade caracterizava um sacrilégio, logo uma verdadeira confissão, simbolizava exame total de consciência. Essa prática era desenvolvida pelos jesuítas nas aldeias, durante a convivência com os nativos, a citação a seguir reforça tal constatação.

Nas reduções não foi diferente. Os jesuítas, em sua empresa evangelizadora, davam grande atenção ao sacramento. Nota-se isto pela grande quantidade de vezes que relatos envolvendo confissões indígenas são registrados nas correspondências jesuíticas. Os padres conheciam bem a dificuldade que era converter os índios e, ainda mais, mantê-los nesta nova vida religiosa. Desta forma, a confissão tinha papel fundamental, na medida em que servia como um instrumento para policiar as atitudes dos novos fiéis e fazê-los pagar pelos seus pecados por intermédio das penitências. (FELIPPE 2008, p.126).

Vejamos o que diz Nóbrega sobre esse possível sucesso no processo de evangelização. Esta quaresma nos quis Nosso Senhor muito consolar com as confissões dos Gentios. Nóbrega (1988, p.160).

Em um outro trecho falando das índias escravas que foram orientadas nas confissões, a não pecarem com seus senhores, escolhendo antes a dor e sofrimento, mas não cometendo o pecado.

Acham-se já índias escravas dos Cristãos, que admoestadas nas confissões, que não pequem com seus senhores, nem outrem ninguém, antes se deixam espancar e se oferecem a matarem-nas antes que tornarem ao pecado passado. (NÓBREGA 1988, p.160).

É impossível não falar de confissão, sem abordar o tema da penitência, pois o pecado é algo terrível que quem comete precisa ser castigado, os jesuítas, usam o castigo para como os índios como uma maneira eficiente de desenvolver aculturação, pois esses selvagens não têm Deus, não conhecessem a fé nem a graça. Na citação a seguir podemos reforçar essa reflexão.

Melhor conselho seria fazer penitencia e emenda de seus pecados, e assim teriam a Nosso Senhor de sua parte, e deixava sua justiça de os castigar, e porque eu isto não vejo, antes se multiplicam os pecados e a gente se diminui, temo perder-se tudo. (NÓBREGA,1988, p.207).

A convivência com os nativos passou a ser um caminho eficaz para o processo de evangelização avançar, encontramos diversos relatos nas cartas jesuíticas que reforçam essa ideia. Na sexta carta avulsa o padre Affonso Braz escreve em 1551, relatando o seu trabalho, onde ele destaca que além de passar tempo ensinado a doutrina, passa tempo também confessando e essa prática era na visão dele algo apreciado, a ponto de solicitarem sua presença permanente no local que estava. Observemos o relato.

Depois que escrevi o ano passado estando em a capitania dos Ilhéus, partimos dois Irmãos e eu para Porto Seguro, que está 30 léguas dos Ilhéus. Estive ali o mais do tempo confessando e ensinando a doutrina. Fez-se por graça do Senhor muito frutos em os Cristãos. Confessavam-se já muitas vezes e gostavam da palavra divina e da doutrina cristã, e assim concorriam com grande fervor a ela, a qual todos esqueciam, e era-lhe cousa mui nova. Estive ali pouco mais ou menos quatro meses, e era tanta a devoção e afeição que todos me tomaram, que escreveram ao padre Nóbrega e ao Governador que não consentissem que dali me fosse para outra parte. Mas enquanto este recado lá era, sucedeu haver embarcação para o Espirito Santo, em a qual eu me fui, sem querer mais esperar, assim como me era mandado. Partimos aos 23 de março, ficando a gente mui desconsolada, e muitos com lagrimas chorando. (NAVARRO 1988 p.113).

O evangelho por vários momentos nas cartas jesuíticas e tratado como semente que precisa ser cultivado, semeado para render muitos frutos, os jesuítas tinham essa missão de evangelizar ou de plantar essa semente e depois colher os frutos do trabalho, esse fruto era a própria aceitação dos nativos para a fé cristã.

Ouvir as confissões dos nativos, era uma forma positiva considerada pelos jesuítas, os nativos fazendo confissão era uma certeza que os frutos estão sendo colhidos, pois já há uma mudança da prática antiga e não cristã, por uma nova forma de viver próxima do cristianismo pregada pelos inicianos.

Na carta do padre Antônio Blasquez do dia 4 de agosto de 1556, ele fornece informações a esse respeito da confissão dizendo que: “cada noite hora e meia para declarar as constituições, e dois irmãos que com ele vieram, ultra da ocupação de ouvir as confissões dos índios”. Navarro (1988, p.180).

O padre Blasquez nessa mesma carta lamenta a ausência de interprete pois se assim tivesse poderia ouvir mais confissões. Ele completa dizendo que:

“cresceu o concurso das confissões em tanto que, se houvesse interpretes para ouvia-las, teriam de bem fazer”. Navarro (1988, p.180).

Na visão do padre citado essas confissões eram feitas com grande fervor, fruto da doutrina ensinadas aos índios, o que faz cada vez aumentar a motivação pelo conviver e pelo evangelizar e justamente o que podemos constar na seguinte a afirmação.

O fervor dos índios ás confissões e doutrina há sido tanto, que, nunca depois que estou cá nesta terra, hei ouvido outra cousa semelhante e sem dúvida que, si não estivera informado dos Irmãos, que dera pouco crédito ao que dos outros tenho ouvido, porque tenho visto cousas neles que demonstravam ser impossível encaixa-se- lhes isto. Dê louvores ao Senhor que a gente boçal do Brasil já começa a dar o fruto desejado, e dá-lo-á de dia em dia mais, si de lá nos ajudarem com suas orações e nos mandarem obreiros para esta vinha do Senhor. (NAVARRO 1988, p.180).

Embora a nossa pesquisa é a relação de convivência entre o europeu e o índio, no que tange à questão da confissão, encontramos na carta do padre Antônio de Sá de 1563, uma passagem em que ele aborda sobre os frutos que a evangelização tem conseguindo, ele expressa que:

Nas confissões e pregações se faz grande fruto, assim nos Brancos como na gente da terra; têm comumente nas pregações muitas lagrimas e devoção, e confissões são tantas, principalmente na quaresma, que não podíamos cumprir com todos, por que toda a gente principal da terra e quase todos os mais, assim forasteiros como os moradores, aqui se confessam. NAVARRO (1988, p.428).

A Carta avulsa, setenta e três, p. 437, do padre Blasques, agora em 1564, ele faz referências aos índios no processo da prática de confessar, ele afirma que: “Algumas índias e Brasília, imitando aos Cristãos, também se confessavam”, mostrando que a convivência entre índios e cristão, produz frutos positivos para o cristianismo.

Os relatos que encontramos nas cartas sobre a confissão demonstram que essa prática tinha também o propósito de manter o índio em uma profunda vigilância por parte dos padres inacianos. Era uma forma de manter a boa conduta dos ameríndios, as punições existiam em forma de penitência e assim amedrontar aos índios para que não retornem aos velhos costumes dos nativos selvagens, pagão e gentios.

3.4.CASAMENTO E FAMÍLIA.

Era costume dos índios a prática da poligamia, essa prática evidentemente foi fortemente combatida pelos padres inacionos, que defendiam a prática da monogamia cristã e sobre tudo a legalidade do ato. Paiva (1982, p.64), diz: “A preocupação pela legitimidade do casamento era tão grande que já no catecismo se traz uma resenha em vinte quatro itens, dos impedimentos matrimoniais, em português e em tupi”. Os jesuítas defendiam um modelo de família dentro dos princípios bíblico cristão enfatizados acima.

Isso nos mostra que os padres queriam deixar explicado qual era a concepção deles sobre essa sagrada instrução que era o casamento. O índio que agora convive nas aldeias, precisará de uma nova forma de se relacionar com o sexo oposto. O adultério deve ser deixando e a prática da monogamia esse sim, deve ser praticada.

Há uma necessidade de prevalecer a ordem na vida cotidiana em todas as facetas, e isso também se dá na vida conjugal desses novos cristãos. Paiva (2002, p.22), explica que: “os índios não tinham comportamento coerente com a ordem de Deus: estavam na desordem, reino do demônio. Cumpria retirá-los da jurisdição do demônio e inseri-los na comunidade cristã”.

O casamento religioso é algo sagrado, não se aceita que o indígena batizado separe-se do seu cônjuge, por qualquer motivo. Felipe (2008, p.93). diz que: “A dificuldade dos padres não estava apenas em fazer os índios entenderem que deveriam levar uma vida monogâmica, mas também que deveriam estabelecer uma aliança duradoura e fiel com seu cônjuge”.

A prática da poligamia foi um pecado praticado até mesmo pelos homens que vinham de Portugal, Nóbrega relatando sobre o trabalho na terra para o rei D. João III em 1551, levanta essa preocupação quando informa que: “Por toda esta costa há muitos homens casados em Portugal e vivem cá em grandes pecados com muito prejuízo de suas mulheres e filhos, e devia Vossa Alteza mandar aos Capitães que nisto tenham muito cuidado”. Nóbrega (1988, p, 125).

Essa foi a impressão do padre Nóbrega logo ao chegar na nova terra, mesmo diante desse quando espera com motivação colher frutos com a divulgação da fé católica, mesmo diante de um pecado tão grave. Wittmar (2011) reforça essa ideia afirmando que:

A poligamia foi citada entre os costumes indígenas que causavam preocupação, pois parecia que os gentios teriam dificuldade em acolher o sacramento católico do casamento monogâmico, em detrimento do hábito considerado impuro pelos padres de terem várias mulheres. O jesuíta revela em seguida seu intento de traduzir para língua brasílica algumas orações e práticas cristãs, tarefa que confessa ser bastante árdua. (WITTMAN, p. 2011,150).

Os costumes, adoração e cerimônias praticados pelos indígenas, que influenciam em muito o processo de evangelização é sem dúvida o casamento. Entre eles existem casamentos, porém havia dúvida por parte dos jesuítas se eram verdadeiros, pois na sua cultura do índio eles, tinham muitas mulheres, e facilmente por qualquer problema ou desgraças entre eles havia separação.

O casamento pregado pelos jesuítas era na construção de uma família em outras palavras, tinham de deixar suas muitas mulheres e viver somente com uma, criar seus filhos e trabalhar diariamente para viver, e acima de tudo deixar definitivamente de comer a carne de seus opositores.

O trabalho de evangelização estava voltado também nessa direção, de mudança de comportamento na questão familiar. É possível perceber na carta do padre de Nóbrega (1988 p.72), faz uma referência para essa temática ao afirmar que: Diz que quer ser cristão é não comer carne humana, nem ter mais de uma mulher”

Os índios que aceitaram o processo de evangelização, não só estão deixando de comer carne humana, como vimos, mas também estão aceitando a viver com uma só mulher, deixando de cometer adultérios e vão construindo família, segundo o modelo europeu. Isso é sem dúvida mais um fruto construído e colhido pelo processo de evangelização jesuítica. Na sétima carta de Nóbrega de 1551, é possível encontrar essa informação.

Em estas partes depois que cá estamos, caríssimos Padres e Irmãos, se fez muito frutos. Os Gentios, que parece que punham sua bem-aventurança em matar os contrários e comer carne humana e ter muitas mulheres, se vão muito emendando, e todo o nosso trabalho consiste em os apartar disto; porque todo o demais é fácil, pois não têm ídolos, ainda que há entre eles alguns que se fazem santos, e lhes prometem saúde, e vitória contra seus inimigos. (NÓBREGA 1988, p.114).

Mesmo diante do possível sucesso em relação ao matrimônio, esse processo não se configurou algo fácil e aceitável de imediato, pois era uma moral imposta pelos jesuítas que encontrou grande resistência, principalmente por parte dos homens mais velhos da tribo. Ribeiro reforça que:

A moral cristã imposta pelos jesuítas a seus catecúmenos, como a proibição de casarem-se com mais de uma mulher, encontrou grande resistência. As sociedades tupis encontradas pelos portugueses eram regidas pelos homens e mulheres maduros e velhos. Uma das recompensas dos chefes de tribo, do guerreiro e do pajé era o acesso a mulheres jovens. Dentro dos mesmos padrões de recato e moral sexual se explica a imposição de vestuário aos índios. (RIBEIRO 1983, p. 45).

O casamento é um sacramento que assim como o batismo e a confissão foi defendido pelos inicianos como uma maneira de mostrar para os índios que havia uma necessidade de mudança no proceder deles se realmente estivesse disposto a ser considerado como um cristão.

Entre os ameríndios eram estabelecidas uniões conjugais na qual estavam totalmente contrárias às orientações da igreja. Os padres jesuítas combatiam a poligamia, a prostituição e o adultério. Essas práticas pecaminosas deveriam ser substituídas pela prática monogâmica cristã.

O casamento deveria ser duradouro, não se desfazendo por qualquer banalidade Fellipe, (2007 p. 93), contribuir com essa reflexão dizendo o seguinte: “A dificuldade dos padres não estava apenas em fazer os índios entenderem que deveriam levar uma vida monogâmica, mas também que deveriam estabelecer uma aliança duradoura e fiel com seu cônjuge”.

Por essa razão o casamento monogâmico foi alvo dos trabalhos dos jesuítas juntos aos índios, buscando um comportamento diferente do comportamento do gentio, uma vez evangelizado o índio deveria proceder como um cristão convertido aos bons costumes, sua realidade agora é outra.

As orientações dos jesuítas são preceitos que defendem o matrimônio entre os índios mas recebem orientações expressas que deve ser um matrimônio monogâmico e perpétuo. Essa preocupação dos jesuítas era constante pois assim procedendo estavam afastando os índios dos pecados da carne, que era considerado pelos padres como mortais e totalmente reprimida.

Por fim o casamento monogâmico defendido e ensinado pelos padres, deveriam prevalecer na convivência dos índios convertidos, para que o mesmo também pudesse alcançar a sua salvação e ser exemplo para as gerações futuras.

3.5. EVANGELIZAÇÃO VERSUS FEITIÇARIA.

O propósito dos jesuítas com os seus ensinamentos foi evangelizar os índios e proporcionar aos mesmo a salvação de suas almas e isso era feito mostrando o caminho da salvação por meio dos sermões e das missas. Aos índios restavam opção de crer e ser salvo ou não crer e ser condenado.

O batismo como vimos foi um ponto alto no processo de evangelização. A evangelização é conhecer as boas novas e começar a viver em novidade de vida. Como eu disse havia a necessidade de saber sobre o evangelho, era uma prerrogativa dos membros da Companhia de Jesus que aqui chegaram a partir de 1549.

Os jesuítas iam visitando as aldeias anunciando a mensagem e a importância do arrependimento e o recebimento do perdão por meio da confissão e da mudança de vida por meio do batismo. O objetivo era alcançar a todos, mais deram mais ênfase para as crianças, porém não abriam mão dos adultos, principalmente se esse adulto estava enfermo.

Pois se essa doença fosse levá-lo a morte, o mesmo poderia cumprir as mínimas exigências e receber o batismo e ser salvo. O batismo nesse caso não oferece a cura do doente, mas a salvação da alma, esse tema era tão relevante que o padre Anchieta didaticamente buscava mostra por meio da representação teatral. Paiva (1982), nos mostra que:

Todo este tema é vivamente teatralizado por Anchieta: a alma, já a caminho do céu, é cercada por demônios insidiosos que querem levar, acusando-a d pecados cometidos. Ela contesta. Invoca a Nossa Senhora. Um anjo a salva e expulsa os demônios. O drama humano se configura em poucos termos: de um lado, Deus, a Virgem, os Santos e os Anjos; de outro, os demônios. Cada grupo parece ter uma só atividade: conquistar o homem. PAIVA (1982, p.56).

Esse processo da morte e da vida seguiam constantemente aos jesuítas, pois os feiticeiros não acreditavam no batismo dos religiosos, achavam que essa

prática produziam a morte. Feiticeiros nesse caso era como chamavam os jesuítas para os pajés das tribos, geralmente era um líder que na visão do índio tinha a capacidade de curar as doenças e outros tipos de poder sobrenatural.

Assim como os jesuítas os pajés também visitavam aos índios e suas visitas eram de certa forma esperada pelos índios, que geralmente recebiam com festas, como é possível perceber na observação de Nóbrega. (1988p.99).

Somente entre eles se fazem umas cerimônias da maneira seguinte: De certos em certos anos vêm uns feiticeiros de mui longes terras, fingindo trazer santidade e ao tempo de sua vinda lhes mandam limpar os caminhos e vão recebê-los com danças e festas, segundo seu costume; (NÓBREGA 1988, p.99).

Os índios tinham aos feiticeiros em grande estima, pois para o índio a vida e a morte estava nas mãos dos feiticeiros.

Na primeira carta de Anchieta em 1554 ele relata que:

Aqueles feiticeiros de que já falei são tidos por eles em grande estimação, porquanto chupam aos outros, quando são acometidos de alguma dor, e assim os livram das doenças e afirmam que têm a vida e a morte em seu poder. Nenhum deles comparece diante de nós, porque descobrimos os seus embustes e mentiras; a um, porém, que aqui viera com outros para a guerra, um dos catecúmenos se apresentou para que o curasse, do que vindo a saber o filho, que frequenta a nossa escola, o repreendeu asperamente, dizendo que seria assado pelo demônio, e não entraria mais na igreja, quem, dando crédito ao feiticeiro, recusaria crer em nós. (ANCHIETA 1988 p.52).

Podemos constatar que os feiticeiros faziam seus rituais, e esses não eram aceitos pelos padres, pois na visão dos feiticeiros o batismo era uma prática que conduzia a morte do índio. A doutrina da salvação continuava sendo pregada pelos padres, e essa consistia em afastar os índios dos feiticeiros, pois esses atrapalhavam o trabalho e sucesso do processo de evangelização.

O padre Navarro na primeira carta avulsa datada do dia 28 de março de 1550, relata que: “já não fazem mais o que lhe dizem os feiticeiros, e ao contrário, quando se veem enfermos, recorrem a nós para que façamos orações e digamos as palavras de Deus”. Navarro (1988.p, 76).

Pela convivência os índios já começam a crer muito mais nos padres e negam o trabalho dos feiticeiros, principalmente na questão das doenças. Padre Anchieta faz um relato sobre essa questão, o mesmo conta que:

Uma criança de quatro ou cinco anos de idade, assaltada de grave enfermidade, rogava muitas vezes em prantos à mãe que a trouxesse ao templo, e a mesma criança, gemendo diante do altar, dizia na sua própria língua: "O' Padre cura-me!" Esta, interrogada por seu pai, se porventura queria que lhe chamassem aquele feiticeiro para lhe aplicar o remédio, chorando com grandes lamentos lançou-se por terra, dizendo que, não com o dele, mas com o auxílio de Deus lhe seria restituído o antigo vigor: o que o mesmo Senhor operou, pois, aplicado pelos nossos Irmãos um certo remédio, recobrou a não esperada saúde. (ANCHIETA 1988, p. 52).

E possível perceber que o trabalho da evangelização está produzindo frutos, pois nesse relato de Anchieta, uma pequena criança enferma se dirigiu ao padre na sua própria língua e súplica pela cura. Isso deixavam os índios admirados, a ponto de imaginar que os padres realmente tinham tal poder.

Por outro lado, os religiosos aproveitam a oportunidade para ensinar, que os feiticeiros têm pacto com o mal, que são mentirosos, principalmente quando propagam que a doutrina cristã conduzirá os índios para morte. Na carta número cinco das cartas avulsas o padre Antônio Pires escreveu no dia dois de agosto de 1551, a seguinte informação.

Já agora, quando estão doentes alguns dos novos cristãos, ou quando morrem, chamam os Padres para que roguem a Deus por eles e para que estejam à sua morte, e os enterrem depois de mortos. Mas Satanás que nesta terra tanto reina, ordenou e ensinou aos feiticeiros muitas mentiras e enganos para impedir o bem das almas, dizendo que com a doutrina que lhes ensinávamos os trazíamos à morte. E si algum adoecia, diziam-lhe que tinha anzóis no corpo, facas ou tesouras, que lhe causavam aquela dor; e fingiam que lh'as tiravam do corpo com suas feitiçarias. (NAVARRO 1988, p. 104).

Por esse relato os feiticeiros iam perdendo cada vez mais espaços entre os índios, pois esse quando doente já não mais buscavam a cura com os pajés, mas chamavam os padres, muitos índios recém batizados, que se encontravam doentes, acreditavam que poderiam receber a saúde, se os padres orassem. Como encontramos na carta do padre Vicente Rodrigues, ele afirma que: "muitos enfermos receberam saúde por orações dos padres, dos quais não se pode contar". Navarro (1988, p. 143).

No ano de 1552 Vicente Rodrigues, relata na nona carta avulsa, p.135, que durante uma visita em uma aldeia estando um menino quase morto, foi

batizado, e logo recuperou a saúde. Os feiticeiros vendo que os cristãos estavam tendo créditos com os índios, começam a propagar dizendo que os padres são seus parentes, porém os inacianos refutavam essas informações, no trecho a seguir de uma carta do padre Rodrigues é possível constar tal situação.

Na mesma capitania em uma aldeia onde puseram uma cruz, aguardavam os Padres com muita oferta ao pé da cruz para que o Padre que por ali fosse lhes deitasse a benção, e haveria naquela aldeia cem homens dos quais a maior parte se fizeram catecúmenos. Pala qual aldeia aconteceu daí a poucos dias passar um seu feiticeiro em que eles têm grande credito e ajuntaram-se os catecúmenos e lançaram-no fora dizendo que já tinham outra lei em que viviam. Este feiticeiro, vendo o credito que os Padres tinham com o Gentio, dizia que era seu parente e que os Padres diziam verdade e que ele já morrera e passara desta vida e tornara a viver como diziam os mesmos Padres, e que, portanto, cressem nele, pedindo-lhe suas filhas e davam-lhes. Neste tempo tornaram os Padres a passar por aqueda parte e disseram-lhe como aquilo tudo era mentira. Tomaram disto tanta paixão que foram em busca do feiticeiro e o mataram. (NAVARRO, 1988, p.144).

A relação entre os padres e os feiticeiros como vimos não é amigável, os feiticeiros pregam que a prática do batismo realizada pelos padres produz a morte do índio, por outro lado os padres tentam trabalhar para superar todo esse problema encontrado que estava desmoralizando o processo de evangelização. Quando um índio estava enfermo ficava com medo de se submeter ao batismo, pois poderia morrer logo, os jesuítas tentavam quebrar essa falácia pregada pelos feiticeiros.

Na carta do padre Antônio Blasquez de 23 de setembro de 1562, encontramos um relato que ilustra bem essa reflexão sobre a ação do batismo na vida de um índio enfermo.

Outro índio, vindo de terras mui longínquas, já muito enfermo, tratava o Padre de o converter e fazê-lo cristão para que, pois estava tão próximo á morte, morrendo em Cristo regenerado, fosse a gozar da vida eterna; porém, ainda que ele nisto muito trabalhava, não podia acabar nada com ele, embora pareciam ao índio mui bem todas as razões que lhe dava o Padre, senão que quando lhe dizia si queria ir ver a Deus, respondia que ainda não, por ventura com medo que o baptismo lhe causasse a morte; cousa que os feiticeiros ou o Diabo lhe têm metido na cabeça desde o princípio que os da Companhia conversam com eles. (NAVARRO 1988, p.329)

O discurso dos padres jesuítas era no sentido de afastar os feiticeiros do convívio do índio, assim poderiam garantir que o processo de evangelização se tornariam permanente, a melhor convivência deveria ser com os padres, pois esses tinham como propósito levar a salvação das almas dos índios, e para isso se fazia necessário mudanças. A convivência entre os jesuítas e os índios determinaram todo esse processo de transformação, que na visão dos jesuítas proporcionou um modo de viver e conviver melhor, voltada completamente para a salvação dos ameríndios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O trabalho Educação e Evangelização: a convivência entre jesuítas e índio no Século XVI no Brasil, buscou evidenciar o tipo de influência dos jesuítas sobre os índios brasileiros resultante de sua convivência no processo de evangelização.

Nosso objeto de estudo é a convivência como método de ensino e transformação social, evidenciado na coexistência intencional destes dois grupos (jesuítas e os índios brasileiros), a partir da chegada dos inicianos no Brasil de 1549 até final do século XVI. Nossa proposta foi fazer uma descrição das relações jesuítico-ameríndia em seus mais variados aspectos, e por fim, constatar o legado resultante desta experiência.

Nosso ponto inicial foi conhecer o nascimento da Companhia de Jesus e sua principal função. No Brasil, de forma específica, essa instituição se estabeleceu e permaneceu por muito tempo. Desde sua chegada aos meados do século XVI, especificamente no dia 29 de março de 1549, como está descrito na primeira carta do padre Nóbrega.

A percepção de Nóbrega ao chegar transparece a necessidade de uma maior convivência com os índios para poder garantir a evangelização de um modo eficaz e duradouro. Essa convivência ficaria muito mais próxima, com a construção de aldeamento. Segundo informações do padre jesuíta, em 1557, fundou-se a primeira aldeia com residência permanente dos padres, chamada de São Paulo, que tinha cerca de duzentos e cinquenta índios. Essas aldeias

logo se multiplicaram, e em 1562, já haviam onze aldeias na comarca da Bahia. (Terra, 2000)

A construção dos aldeamentos também se deu pela necessidade da comunhão efetiva com os índios. Esse encontro entre os europeus e os nativos, foi um processo pois constatamos que ocorreram trocas entre os valores culturais. Todavia, somente a comunicação verbal não foi suficiente para que a missão dos jesuítas frutificasse, para que esse processo desse certo era necessário os colégios. Esses locais serviam como um canal de aproximação dos jesuítas com os índios, principalmente com as crianças.

A educação jesuítica e a evangelização andaram de mãos dadas todo o tempo. Já na primeira carta do padre Manuel de Nóbrega, o superior da missão do Brasil, que ele escreve em 29 de março de 1549, para informar ao padre Simão Rodrigues a realidade encontrada e o trabalho que se tem feito, se observa:

Vicente Rijo ensina a doutrina aos meninos cada dia e também tem escola de ler e escrever; parece-me bom modo este para trazer os índios desta terra, os quais têm grandes desejos de aprender e, perguntados si querem, mostram grandes desejos. Desta maneira ir-lhes-ei ensinando as orações e doutrinando-os na Fé até serem hábeis para o baptismo. Todos estes que tratam conosco, dizem que querem ser como nós, senão que não têm com que se cubram como nós, e este só inconveniente têm. Si ouvem tanger à missa, já acodem e quanto nos vêm fazer, tudo fazem, assentam-se de joelhos, batem nos peitos, levantam as mãos ao Céu e já um dos Principais deles aprende a ler e toma lição cada dia com grande cuidado e em dois dias soube o A, B, C todo, e o ensinamos a benzer, tomando tudo com grandes desejos. Diz que quer ser cristão e não comer carne humana, nem ter mais de uma mulher e outras cousas; somente que há de ir à guerra, e os que captivar, vendê-los e servir-se deles, porque estes desta terra sempre têm guerra com outros e assim andam todos em discórdia, comem-se uns aos outros, digo os contrários. E' gente que nenhum conhecimento tem de Deus. Têm Ídolos, fazem tudo quanto lhes dizem.

Trabalhamos de saber a língua deles e nisto o padre Navarro nos leva vantagem a todos. Temos determinado ir viver com as aldeias, como estivermos mais assentados e seguros, e aprender com eles a língua e il-os doutrinando pouco a pouco. Trabalhei por tirar em sua língua as orações e algumas práticas de Nosso Senhor e não posso achar língua que m'o saiba dizer, porque são eles tão brutos que nem vocábulos têm. (NÓBREGA, 1988, p.71,72).

Mesmo diante de tantos problemas que os jesuítas relataram nessa primeira carta de Nóbrega, tais como a falta de recursos, roupas e alimentos, os inacianos continuaram em seus propósitos e objetivos primários, ou seja, a conversão dos índios à fé católica e a convivência quotidiana. Tal convivência propiciou um largo conhecimento a respeito das principais práticas religiosas dos nativos, sobre os costumes dos índios e seu modo de viver. A partir dessa constatação foram desenvolvidas e aplicadas técnicas para alcançar o êxito da missão.

Esse conhecimento sobre o índio brasileiro, fruto de uma convivência próxima e contínua destes missionários jesuítas com o povo indígena, foi determinante para sua transformação, pois conhecendo melhor sua cultura, foi possível desenvolver e aplicar uma educação mais eficaz. As cartas produzidas pelos padres Manuel da Nóbrega, João Navarro e José de Anchieta, relatam em diversas passagens que o propósito pelo qual vieram ao Brasil estava dando frutos. Na terceira carta de Nóbrega há uma passagem em que se constatou tal afirmação. Nóbrega escreveu: “O padre Navarro fez muitos frutos entre estes gentios, lá está toda a semana, Vicente Rodrigues tem cuidado de todos batizados”. (Nóbrega, 1988, p.86).

A convivência com os índios serviu como um mecanismo de transformação social e mudança comportamental dos nativos. Os índios receberam os jesuítas como uma espécie de pajé, acreditaram que os padres poderiam proporcionar fartura e bem-estar, mas na visão de Ribeiro (1983). Aconteceu que:

Os índios receberam o jesuíta como a um pajé todo-poderoso, que lhes proporcionaria fartura e bem-estar. Mas ao invés disso, os padres lhes vinham oferecer a salvação extraterrena. A doutrinação pressupunha um entendimento sutil entre padres e catecúmenos. Tornava-se necessário, antes demais nada, o domínio da língua nativa pelos padres ou do português pelos aborígenes. Os valores religiosos que os jesuítas procuravam transmitir aos índios não encontravam grande ressonância em sua cultura. Ainda assim, o índio, atraído pelo ritual católico, deixava-se catequizar e era batizado aos milhares.

A princípio, os missionários tomavam a população indígena como uma unidade, sem distinguir línguas e culturas, atribuindo-lhe, por isso, a designação coletiva de gentio, que tinha implícito o significado de pagão. (RIBEIRO 1983, p.40).

Apesar disto, a forma encontrada pelos jesuítas para obter êxito em sua empreita de aculturar e transformar a maneira de ser do nativo, foi conviver com eles, afim de ensinar desde a infância, a leitura e a escrita, e para isso, formaram pequenas escolas denominadas de casa para índios. Nesse ambiente a convivência direta com os padres, se proporcionava uma educação diferente do recebido pelos pais. Esses pequenos nativos se tornaram verdadeiros pregadores para os demais índios e principalmente seus próprios familiares.

Com o passar dos anos, como se pode perceber em alguns relatos, os próprios pais passaram a levar seus filhos para serem educados pelos padres. Os jesuítas buscavam primeiramente conviver com os líderes (que nas cartas são conhecidos como Principais), depois ensinavam a palavra de Deus, explicando sobre a criação do mundo, o nascimento de Jesus e o dilúvio, aspectos até então pertencentes às lendas contadas pelos seus ascendentes, porém o que mais chamava atenção dos índios era a abordagem de um juízo final. Esse relato encontramos na décima quinta carta avulsa do padre Vicente Rodrigues numa carta de 1552.

Acho-me atualmente em uma terra de Gentios, cinco Léguas distante desta cidade do Salvador, onde, espero no Senhor, muito fruto se há de colher. Existem ainda aqui muitas outras terras circunvizinhas, que muito me são afeiçoadas.

o modo como procedo com eles é o seguinte: Primeiro, procuro adquirir a boa vontade dos Principais, e depois com eles trato d'aquilo que aqui me trouxe, isto é: ensinar-lhes a palavra de Deus e o que a Majestade Divina manda e quer que se observe e nos revelou, que aqueles que são amados de Deus são os seus Íntimos e outras cousas semelhantes digo, as quais, em meu sentir, os movem a ouvir as cousas divinas: explicou a criação do mundo, a encarnação do Filho de Deus, e o dilúvio, do qual têm eles noticia pela tradição de seus ascendentes e ainda falo do dia de juízo, de que muito se admiram por ser cousa em que nunca ouviram falar.

Ensinamos-lhes a doutrina cristã na própria língua deles, eu e alguns Irmãos da terra que trouxe consigo, e costumamos chamá-los à doutrina por um destes moços, que vai apregoando pelos caminhos com muita devoção e fervor, dizendo-lhes entre outras cousas que está terminado o tempo de dormir, que se levantem para ouvir a palavra de Deus, e assim despertados se ajuntam em a casa do Principal e ai lhes ensinamos a doutrina cristã, explicando alguns passos da vida de Cristo, e algumas vezes tanto se interessam pelas cousas do Senhor que nem eu nem os outros Irmãos lhes somos bastantes para satisfazer os seus desejos; findo o que, voltam para casa, e rezam a doutrina

cristã e benzem-se fazendo o sinal da cruz. Fizemos ainda uma cruz e a levamos em procissão até às pegadas de S. Thomé, que estão perto d'aqui. (NAVARRO, 1988, p. 160,161).

Essas estratégias de aproximação com os líderes, resultava em que os líderes dos índios, passassem a ouvir e praticar o que aprendiam, e isso, com toda a certeza, também influenciaria os demais membros da comunidade indígena. Sendo assim eles deveriam abandonar, imediatamente, seus costumes, tradições e seus rituais religiosos, que na visão jesuítica mais se aproximavam do mal do que do bem, sobretudo os rituais profanos e selvagens da antropofagia, a nudez, a embriaguez e a poligamia.

Aos índios fora apontada uma nova forma de vida, com disciplina e horários para acordar, para se alimentar e trabalhar, além dos momentos específicos dedicados à devoção religiosa.

Os índios batizados eram obrigados a seguir rígidas leis, como assistir às missas aos domingos, participar das procissões, comungar, cantar ladainhas e se confessar, além dessas obras, a família e o viver social também foram abalados, com a moral católica, pois os índios eram impedidos de contrair mais de um casamento, embora essa regra tenha sido resistida, pois os mais velhos tinham como cultura casar se com as mulheres mais novas.

Se por um lado nos parece irascível a aplicação radical de uma catequese moderna, por outro, há que se considerar que em certos casos, somente pela confiança gerada por uma convivência real e persistente com tais comunidades, e pelo conhecimento de seus métodos, linguagem e cultura, poder-se-á levar alguma transformação ao seu interior.

Se por vezes falham os métodos repressores, a convivência pode se prestar ao fenômeno de deterioração crescente de comunidades urbanas, seja em suas periferias esquecidas ou em suas “tribos de centro” reacionárias.

Os esforços foram feitos pela igreja para conduzir os nativos ao batismo e ao aceitarem ser batizados estavam dizendo que aceitavam as condições de viver segundo os ensinamentos dos jesuítas. Sobretudo que a educação e a catequese foram caminhos relevantes no processo. Outras descobertas ainda poderão ser feitas através de uma investigação atenta das cartas e que contribuirão para revelar novos aspectos da convivência entre inacianos e

nativos que sejam úteis para o enfrentamento de problemas da sociedade vigente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

AGNOLIN, Adone et al. **Atuação missionária jesuítica na América portuguesa: a peculiar via renascentista, sacramental e tridentina à salvação no Novo Mundo** Tempo, v. 18, n. 32, p. 19-48, 2012.

_____, Adone. **Jesuítas e selvagens: o encontro catequético no século XVI**. Revista de História, n. 144, p. 19-71, 2001.

AGUIAR, Thiago Borges de. Jan Hus: **As cartas de um educador e seu legado imortal**. Tese de doutorado defendida no programa de pós graduação em educação. Área de concentração: história da educação e historiografia da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, USP. 2010.

ALVES, Gilberto Luiz. **Origens da escola moderna no Brasil: a contribuição jesuítica**. Revista Educação e Sociedade, Campinas, v. 26, n. 91, p. 617-635, 2005.

ANCHIETA, José de. Cartas, **Informações, Fragmentos históricos e Sermões** Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EdUsp, 1988

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia**. São Paulo: Moderna, 2007.

ARNAUT, Cezar e RUCKSTADTER, Flávio Massami Martins. **Estrutura e organização das Constituições dos jesuítas (1539-1540)** revista acta Scientiarum. Maringá, v. 24, n. 1, p. 103-113, 2002

ASSUNÇÃO, Paulo de. **A terra dos brasis: a natureza da América portuguesa vista pelos primeiros jesuítas, 1549-1596**. Anna blume, 2001.

BARBOSA, Luciane Muniz Ribeiro. **As concepções educacionais de Martinho Lutero**. Educação e Pesquisa, v. 33, n. 1, p. 163-183, 2007.

_____, Luciane Muniz Ribeiro. **Estado e educação em Martinho Lutero: a origem do direito à educação**. Cadernos de Pesquisa, v. 41, n. 144, p. 866-885, 2013.

BARROS. Kauiza Araújo de. **Teatro jesuítico. Um instrumento da pedagogia jesuítica.** In Cressoni. Fábio Eduardo (org.) Educação, sociedade e cultura na América portuguesa. Estudos sobre a presença jesuítica. Curitiba. Editora CRV. 2012.

BITTAR, Marisa; JÚNIOR, Amarílio Ferreira. **Infância, catequese e aculturação no Brasil do século 16.** Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 81, n. 199, 2007.

BONATO, Sérgio Luiz. **Educação e Modernidade.** Dissertação de mestrado

BRANCO, Alberto Manuel Vara. **O sentido do Brasil integrado nos objectivos da Companhia de Jesus no século XVI.** Millenium, n. 36, 2016.

BRANCO, Mario Fernando Correia. **Para a maior glória de Deus e serviço do reino:’ as cartas jesuíticas no contexto da resistência ao domínio holandês no Brasil do século XVII.** Tese Apresentada ao programa de pós graduação em história da UFF Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ 2010.

BRANDÃO. Carlos Rodrigues. **O que é educação.** Coleção primeiros passos. Editora Brasiliense são Paulo 2007.

CABRAL. Luiz Gonzaga. **Jesuítas no Brasil. Século XVI.** Companhia melhoramentos de São Paulo. 1925

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia.** São Paulo: Editora Unesp, 1999.

CANTOS, Priscila Kelly; COSTA, Célio Juvenal. **A companhia de Jesus: regimentos e normas.** Programa de pós graduação. Universidade Estadual de Maringá 2008 PR.

_____. Priscila Kelly. **A educação na companhia de Jesus: um estudo sobre os colégios jesuíticos.** Dissertação de mestrado apresentado ao programa de pós graduação em educação da universidade estadual de Maringá.PR. 2009.

CARDIM, Fernão. **Tratados da terra e gente do Brasil.** hedra, 2009.

_____, Fernão; DE ABREU, João Capistrano; TRISTÃO, Manuel. **Do princípio e origem dos índios do Brasil e de seus costumes, adoração e cerimônias.** Typographia da Gazeta de notícias, 1881.

CARVALHO. Roberta Lobão. **Crônicas e história: A Companhia de Jesus e a construção da história do Maranhão 1698-1759.** Dissertação de mestrado

apresentada ao programa de pós graduação em história social da Universidade Federal Fluminense Niterói-RJ 2012.

CASTANHO, Sérgio. **Educação e trabalho no Brasil colônia**. LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. Navegando pela História da Educação Brasileira. Campinas: HISTEDBR, 2006. CHAMBOULEYRON, Rafael. **Jesuítas e as crianças no Brasil quinhentista. História das crianças no Brasil**, v. 4, p. 55-83, In: DEL PRIORE, Mary (Org.). História das Crianças no Brasil. São Paulo: Contexto, 1999.

CONSTITUIÇÕES da Companhia de Jesus e NORMAS Complementares. São Paulo: Loyola, 1997.

COSTA, Célio Juvenal et al. **História do direito português no período das ordenações reais**. In: Congresso Internacional de História. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2011/trabalhos/153>. Acesso 2016.

_____, Célio Juvenal. **A formação do padre jesuíta no século XVI**. Serie estudos periódicos do mestrado em educação da UCDB campo grande MS. N.20 p 79 -96 Jul./Dez 2005.

_____, Célio Juvenal. **A racionalidade jesuítica na educação dos índios brasileiros (século 16)**. Em Aberto, v. 21, n. 78, 2008.

_____, Célio Juvenal; CRUBELATI, Ariele Mazoti; MONTAGNOLI, C. A. **A História da Companhia de Jesus em Portugal No Século XVI: Considerações sobre Inácio de Loyola**. Trabalho apresentado na X Jornada do HISTEDBR-História, Sociedade e Educação no Brasil. Trabalho recuperado em, v. 10, 2011.

_____, Célio Juvenal; SOUZA Martins, Flat James. **Análise histórica, religiosa e educacional sobre o catecismo do santo concílio de Trento**. Revista Brasileira de História das Religiões, v. 2, n. 6, 2015.

_____. Celio Juvenal e OLIVEIRA. Anderson dos santos. **Educação jesuítica na América Portuguesa: a dispensa das leis positivas e a racionalidade mercantil**. Revista Educação em Questão. Centro de Educação Programa de Pós-Graduação em Educação Universidade Federal do Rio Grande do Norte ISSN | 1981-1802 | Revista On-line. Natal 2015.

_____. Célio Juvenal. **A racionalidade jesuítica em tempos de arredondamento do mundo: o império português (1540-1599)**. Tese de doutorado apresentado ao programa de pós graduação em educação da UNIMEP, Piracicaba, SP. 2004.

COSTA, Maria Domingos da. **Catequese e educação dos indígenas na colônia: alguns apontamentos**. Seminário de pesquisa do PPE. Universidade estadual de Maringá PR. 2009.

_____. Mariza Domingos da. **Evangelização e educação dos índios no Brasil colonial: as concepções de Manoel da Nóbrega e José de Anchieta**. Dissertação de mestrado apresentado ao programa de pós graduação em educação da Universidade Estadual de Maringá, PR. 2010.

CRESSONI, Fábio Eduardo et al. **A demonização da alma indígena: jesuítas e caraíbas na Terra de Santa Cruz**. 2013.

_____, Fábio Eduardo. **Pedagogia jesuítica e alteridade: a demonização da alma indígena**. e-hum, v. 5, n. 2, Franca SP, 2013.

DEL PRIORE, Mary. **História das crianças no Brasil**. Editora Contexto, 1999.

DI PIERO, IRIA APARECIDA STORER. **Ratio Studiorum, Educação e Ciência nos Séculos XVI e XVII: Matemática nos Colégios e na Vida**. Dissertação de Mestrado apresentada PPGE UNIMEP SP 2008.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. Editora vozes. Petrópolis 2011 RJ. Em educação defendida na Universidade Estadual do Rio de Janeiro UERJ 1998. RJ.

FELIPPE, Guilherme G. **Casar sim, mas não para sempre: o matrimônio cristão e a dinâmica cultural indígena nas reduções do Paraguai**. História Unisinos, v. 12, n. 3, p. 248-261, 2008.

_____, Guilherme G. **Variações discursivas sobre os registros sacramentais: batismo, confissão e matrimônio nas reduções jesuíticas (1609-1640)**. Dissertação apresentada ao programa de pós graduação em história pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre PUCRS, 2007.

FERREIRA JR, Amarilio; BITTAR, Marisa. **Pluralidade lingüística, escola de bê-á-bá e teatro jesuítico no Brasil do século XVI**. Educação & Sociedade, Campinas, v. 25, n. 86, p. 171-195, 2004.

FONSECA, Sônia Maria. **A hegemonia Jesuítica (1549-1759)**. 2001.

FRANCA, Leonel. **O método pedagógico dos jesuítas**. Rio de Janeiro: Agir, 1952.

GADOTTI, Moacir. **História das Ideias Pedagógicas**. Editora Ática, 8ª ed. São Paulo. 1999.

HERNANDES, Paulo Romualdo. **A Companhia de Jesus no século XVI e o Brasil**. Revista histedbr online número 40 issn 1676-2584. Campinas sp 2010.

JAVÉ, Narradores. **Antropofagia: as várias dimensões antropológicas**.

LEITE, Serafim **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro/Lisboa: Livraria Portugália/Civilização Brasileira, 1938.TOMO II.

_____, Serafim. Capítulo II: **Fundação da linguística nacional**. In **História da Companhia de Jesus no Brasil**, Tomo II (Século XVI -- A Obra), p. 545-568. Rio de Janeiro 1939.

_____, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Lisboa: Portugália; Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1938-1950. 10 v. il.

_____, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro/Lisboa: Livraria Portugália/Civilização Brasileira, 1938.TOMO I.

LIMA, Claudio. A.H. **Valores da educação hebraica na educação adventista**. Kerygma, revista eletrônica de teologia da faculdade adventista de teologia do UNASP. Ano 7/volume 1/2011. Pp19-38. www.unasp.edu.br/kerygma.

LIMA, Daniela Fernanda Foster. **O homem segundo o Ratio Studiorm**. Dissertação de mestrado defendida no programa de pós graduação da UNIMEP 2008 Piracicaba SP.

LOYOLA, Inácio de. **Constituições da Companhia de Jesus e normas complementares**. São Paulo, Edições Loyola, 1997.

LUTERO, M. **Pelo Evangelho de Cristo**: obras selecionadas de momentos decisivos da Reforma. São Leopoldo: Comissão Interluterana de Literatura, 1984.

_____, Martinho. **Enciclopédia Histórico-Teológica**.Walter A .Elwell, ed. São Paulo, Vida Nova, 1990. Vol.2.

MATOS, Alderi Souza de. **A Reforma protestante do século XVI**. Vox Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FAIFA, v. 3, n. 1, 2011.

_____, Alderi Souza de., **A caminhada cristã na história: a Bíblia, a igreja e a sociedade ontem e hoje** (Viçosa, MG: Ultimato, 2005). Coletânea de textos breves sobre temas variados da história da igreja.

MATTOS, Luiz Alves de. **Primórdios da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Aurora, p. 147-157, 1958.

MESQUIDA, Peri. **Catequizadores de índios, educadores de colonos, soldados de Cristo: Formação de professores e ação pedagógica dos jesuítas no Brasil de 1549 a 1759 a luz do *Ratio Studiorum***. Educar em revista, editora UFPR. Curitiba PR 2013.

NAVARRO, Azpilcueta et al. **Cartas avulsas: 1550-1568**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988. .

NETO, Alexandre Shigunov; MACIEL, Lizete Shizue Bomura. **O ensino jesuítico no período colonial brasileiro: algumas discussões**. Educar em revista, n. 31, 2008.

NEVES, A. B. **Os soldados de Cristo na terra dos papagaios. Colonialismo e repressão cultural**. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1987

NÓBREGA, Manoel da. **Cartas do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988. Coleção Cartas Jesuíticas.

OLIVEIRA, Amanda Melissa Bariano de. **Ação educacional jesuítica no Brasil colonial**. Revista Brasileira de história das religiões. Universidade estadual de Maringá PR. 2011.

PAIVA, José Maria de e PUENTES Roberto Valdés **A proposta jesuítica de Educação: uma leitura das Constituições** Publicado em Comunicações (UNIMEP), ano 7, n.2, novembro 2000, p. 101-18 Piracicaba SP.2000.

_____, José Maria de. **Colonização e Catequese, 1549 - 1600**. São Paulo: autores associados: Cortez 1982.

_____, José Maria de. **Religiosidade e cultura: séculos XVI – XVII**. Maringá: PR. Eduem, 2012.

_____, José Maria. **A doutrina feita aos índios**. IX SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR Tecnologia e Civilização 2005. Ponta Grossa, Paraná, Brasil

_____, José Maria. **Transmitindo cultura: A catequização dos índios do Brasil, 1549-1600**. Revista Diálogo Educacional, v. 1, n. 2, p. 1-22, 2000.

_____. José Maria de. **Padre vieira**. Pensamento americano. Ícone editora, são Paulo 2002.

POMPA, Maria Cristina, **Religião como tradução: missionários, Tupi e Tapuia no Brasil colonial**. Tese de doutorado apresentada ao departamento de Antropologia do instituto de filosofia e ciências humanas da universidade estadual de Campinas, SP: IFCH, UNICAMP, 2001

_____, Maria Cristina. **O lugar da utopia: os jesuítas e a catequese indígena**. Novos Estudos CEBRAP, v. 64, p. 83-95, 2002.

RAMINELLI, Ronald. **Imagens da colonização: a representação do índio de Caminha a Vieira**. São Paulo/Rio de Janeiro: Edusp; FAPESP; Jorge Zahar. 1996.

RATIO atque Institutio STUDIORUM – Organização e plano de estudos da Companhia de Jesus. In: FRANCA, Leonel. O método pedagógico dos jesuítas. Rio de Janeiro: Agir, 1952

RIBEIRO, Berta Gleizer. **O índio na história do Brasil**. ed global São Paulo 1983.

RIBEIRO, Berta Gleizer. **O índio na história do Brasil**. São Paulo: global Ed 1983.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da educação brasileira: a organização escolar**. Autores Associados, 2001.

RODRIGUES, José Honório. **História da História do Brasil**. Editora Nacional São Paulo 1979.

SABEH, Luiz Antonio. **Colonização salvífica: os jesuítas e a Coroa portuguesa na construção do Brasil (1549-1580)**. Dissertação (Mestrado em História) –Programa de Pós-Graduação em História–Universidade Federal do Paraná, Curitiba.2009.

_____, Luiz Antonio. **Missionação Jesuítica: Reflexões para a Definição de um quadro Teórico e de um Método de Análise** Historiográfica. Revista história e cultura, Franca Sp, 2014. v.3, n 2 ISSN 22386270.

SANTOS, Breno Machado dos. **Missões e colégios: os jesuítas no Brasil no final do século XVI.** *Sacrilegens*, revista dos alunos do programa de pós graduação em ciência da religião UFJF, V.4 N.1. Juiz de fora 2007.

SAVIANI, Demerval. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** Autores Associados, 2008.

SCOPINHO, Marcos Desan. **Concepção de Estudos Presente no *Ratio Studiorum*.** Dissertação de mestrado defendida no programa de pós graduação UNIMEP Universidade Metodista de Piracicaba, 2010. SP.

SIGNES, Alice Faria et al. **Apóstolos divinos ou da coroa: Jesuítas no Brasil e no Paraguai.** Perspectivas históricas de uma mesma América, 2011.

TERRA, João Evangelista Martins. **Catequese de Índio e Negros no Brasil Colonial.** Editora santuário, Aparecida SP. 2000.

VAINFAS, Ronaldo. **Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808).** Rio de Janeiro: Objetiva, 2000

_____, Ronaldo. **A heresia dos índios. Catolicismo e rebeldia no Brasil colonial.** Companhia das letras. São Paulo, 1995.

WITTMANN, Luisa Tombini, **Flautas e maracás: música nas aldeias jesuíticas da América Portuguesa (séculos XVI e XVII).** Tese de doutorado apresentada ao departamento de história do instituto de filosofia e ciências humanas da universidade estadual de Campinas, SP: IFCH, UNICAMP, 2011.

_____, Luisa Tombini. **Ensino de História Indígena.** Autêntica, 2015.